

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRUNA GONÇALVES DE PÁDUA REIS

“SALVE MARIA!”: AS DISTINTAS MANIFESTAÇÕES DO CONGADO NA CIDADE
DE OURO PRETO (MG)

CURITIBA

2021

BRUNA GONÇALVES DE PÁDUA REIS

“SALVE MARIA!”: AS DISTINTAS MANIFESTAÇÕES DO CONGADO NA CIDADE
DE OURO PRETO (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Liliana de Mendonça Porto

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Reis, Bruna Gonçalves de Pádua

“Salve Maria” : as distintas manifestações do Congado na cidade de Ouro Preto (MG). / Bruna Gonçalves de Pádua Reis. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Liliana de Mendonça Porto

1. Congadas – Minas Gerais. 2. Festas religiosas. 3. Catolicismo. 4. Umbanda. 5. Cultos afro-brasileiros. 6. Antropologia social. I. Porto, Liliana, 1969-. II. Título.

CDD – 398.3578151

ATA Nº178

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

No dia vinte e tres de fevereiro de dois mil e vinte e um às 14:00 horas, na sala online, suportada pelo Microsoft Teams, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação da mestrand **BRUNA GONÇALVES DE PÁDUA REIS**, intitulada: **"SALVE MARIA!": AS DISTINTAS MANIFESTAÇÕES DO CONGADO NA CIDADE DE OURO PRETO (MG)**, sob orientação da Profa. Dra. LILIANA DE MENDONÇA PORTO. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: LILIANA DE MENDONÇA PORTO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MARCELO SANTOS DE ABREU (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO), JOÃO FREDERICO RICKLI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, LILIANA DE MENDONÇA PORTO, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca recomenda, reconhecendo a qualidade do material etnográfico da dissertação, o desdobramento em artigos e materiais para publicação.

CURITIBA, 23 de Fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

01/03/2021 19:32:30.0

LILIANA DE MENDONÇA PORTO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/03/2021 10:47:25.0

MARCELO SANTOS DE ABREU

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO)

Assinatura Eletrônica

04/03/2021 14:11:30.0

JOÃO FREDERICO RICKLI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua General Carneiro, 460 - 6º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5272 - E-mail: ppgaa@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 78856

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 78856

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **BRUNA GONÇALVES DE PÁDUA REIS** intitulada: **"SALVE MARIA!": AS DISTINTAS MANIFESTAÇÕES DO CONGADO NA CIDADE DE OURO PRETO (MG)**, sob orientação da Profa. Dra. LILIANA DE MENDONÇA PORTO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Fevereiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

01/03/2021 19:32:30.0

LILIANA DE MENDONÇA PORTO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/03/2021 10:47:25.0

MARCELO SANTOS DE ABREU

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO)

Assinatura Eletrônica

04/03/2021 14:11:30.0

JOÃO FREDERICO RICKLI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedicado à família Reis, paterna e materna, a eles devo a semente que tornou possível o germinar desta pesquisa. Eis a colheita.

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa possibilitou que eu conhecesse lugares e pessoas inesquecíveis que me acolheram e me ajudaram no processo de elaboração da dissertação. Por isso, destaco que ela só foi possível graças as almas generosas que nomeio a seguir: Agradeço à Neuza pela deliciosa cocada e pela conversa quando cheguei em Ouro Preto pela primeira vez, me revelando tanto sobre as dinâmicas sociais e raciais da cidade. Agradeço à Dona Tereza e Seu Wilson, por me hospedarem em sua casa, junto de toda sua família que me acolheu da melhor forma possível, tornando aquele um segundo lar. Também encontrei um lar na República Meninas Gerais, onde vivi com as melhores companheiras de morada: Melanina, Avontade, Malu, Clara, Alice, Melina e o gato Zé. Com vocês vivenciei de perto o sistema republicano, uma das maiores marcas de Ouro Preto, com suas tradições de apelidos, rocks, sociais, bandeiras, hinos e simbolismos diversos. Foi um desafio divertido conviver com todas vocês, dividindo os dias, a comida, a casa, os cafés, o chá, as responsabilidades, a confiança, o respeito. Sou eternamente grata pela acolhida e pelas trocas.

Agradeço ao Matheus, pela companhia nos banhos de cachoeira, por me ensinar os caminhos pelos morros e o zigue-zague das subidas penosas, a saborear a coxinha do Barroco e a pinga com mel. Agradeço à Juliana, por sempre me encontrar no meio do caminho, pelo amor em campo e, principalmente, para além dele. Ao Carlos, pelo carinho e pelas noites no adro da Mercês de baixo, onde a vista é um mar montanhoso de luzes que parecem estrelas. Agradeço ao Waldenier e ao Giovanni pela companhia do começo ao fim na Festa do Reinado de 2019. Agradeço à Amanda, Isadora, Álvaro, Luiz, meninos da República Xibóca e a tantos outros amigos que fiz pelo caminho, sou grata pelas memórias e momentos compartilhados.

Ao artista Zuzu, pelas longas conversas sobre Ouro Preto, suas dádivas e sombras, sobre a vida, a arte e o turismo, em seu ateliê no bairro Antônio Dias. Às funcionárias da Biblioteca Pública de Ouro Preto, pelas indicações de pesquisa e por todos os materiais e informações compartilhadas. Agradeço à Deolinda Alice dos Santos, historiadora que tanto me ensinou e com quem aprendi muito sobre a história de Ouro Preto, sobre as irmandades, sobre a religiosidade popular mineira, sobre os Congados, a confecção de standartes e escapulários de porta. Meu sincero respeito por todo o conhecimento que tem e que compartilha de forma única, paciente e bem humorada.

Um agradecimento especial a todos da Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e ao Kédison, capitão do Moçambique, por ter me permitido observar, enquanto pesquisadora, a Festa do Reinado no ano de 2019, se colocando à disposição para responder minhas indagações. Ao Guion e Sabrina, também integrantes do

Moçambique, pela amizade e consideração. Ao Seu Joaquim e Jésus, integrantes da Folia de Reis de Ouro Preto que compartilharam as histórias mais antigas das manifestações religiosas da cidade, sobretudo, dos Congados e da Folia de Reis.

Um agradecimento especial a Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito e sua capitã Jussara, por ter me concedido a honra de entrar para o grupo, por compartilhar sua história, sua fé, sua força, sua casa, sua comida, sua amizade, seu comprometimento em manter a Casa da Bênção com tantas adversidades pelo caminho, mantendo viva a sabedoria das entidades. Agradeço à Tiane, Kiki, Zinho, Dona Geralda, Seu Geraldo, Dona Cecília, Seu Milton, Andyaria, Noah, Roger, Tavinho, Bianca, Xandão, Maria, Lalá, Rafaeli, Tininha, Livia, aos que entraram e saíram do grupo quando lá estive e aos que aparecem ocasionalmente. Com vocês entendi na prática a força do Congado, da fé dançante, da energia das caixas, da alegria em louvar pelas cantigas a fé dos nossos ancestrais, o respeito aos santos, o poder das orações, o efeito da sintonia, o carinho entre irmãos, os acertos e os erros, as viagens ao desconhecido, o improviso, os ensaios, as brincadeiras, o poder das crianças e a sabedoria dos mais velhos. Obrigada!

Agradeço a Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, vinculada à APAE, o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, do distrito de Miguel Burnier, o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito de Santo Antônio do Salto e todas as guardas de Congado, Moçambique, Caboclos e Marujos e Catupés que conheci ao longo do trabalho de campo, que direta ou indiretamente me ensinaram o mesmo. Meu máximo respeito.

À Vovó Maria Conga, que me colocou no eixo nas quartas-feiras, quando sua benção era tudo que eu mais precisava para seguir em frente, para entender meus caminhos, minhas dúvidas, meus medos. Obrigada pelas orações e pela proteção, pelos banhos indicados, pelos conselhos e o amor. Sua bênça, Vovó!

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento da bolsa durante os dois anos de Mestrado, tornando possível um campo extenso e estável. A todos os professores e técnicos da Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná, pela dedicação e pelos ensinamentos compartilhados no primeiro ano do mestrado. Foi um grande desafio intelectual e sou grata pela oportunidade de ter aprendido com profissionais de qualidade que contribuíram para minha formação.

Meu agradecimento a minha orientadora, Prof^ª. Dra. Liliana de Mendonça Porto, pelas orientações e conselhos diante da intensidade de tudo que vivenciei, me ajudando a compreender e transformar tudo em ideias consistentes, estando presente em todas as etapas do

desenvolvimento da escrita. Ao meu querido amigo Vinicius Arruda, pela revisão profissional e atenta do meu texto, cujos conselhos foram fundamentais para o desfecho deste trabalho.

Tanto aprendi e compartilhei com meus colegas de turma: Flor, Eber, Roberto, Titi, Pedro, Eduardo, Leandro, Luana, Aline, Beatriz, Filipe, Gian e todos os demais colegas de outros anos que fizeram disciplinas com a gente. Nossa partilha me fortaleceu antes, durante e depois do campo. Nossa turma é maravilhosa. Obrigada!

Agradeço aos meus pais, Ademir e Rosane e aos meus irmãos, Henrique e Marina, que sempre me apoiaram de longe e de perto, assim como tantos outros amigos que acompanharam essa jornada do início ao fim.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo identificar as distintas manifestações festivo-religiosas do Congado na cidade de Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, a partir do estudo etnográfico da história de formação da Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, identificando seus mitos fundadores, suas respectivas festas, seus aspectos ritualísticos e suas relações com as religiões de matriz africana. Enquanto manifestação cultural afro-brasileira, o Congado aparece para os integrantes das guardas como um espaço de construção de uma identidade positiva do ser negro diante das narrativas sobre o passado da escravidão em Ouro Preto, conferindo protagonismo e agência aos congadeiros e congadeiras que lutam por reconhecimento na cidade-patrimônio. Por meio do Congado, a pesquisa identifica a estruturação da cidade a partir da categoria do morro dos moradores, dos estudantes e do turismo, sendo essa teia de relações fundamental para a compreensão do projeto das guardas estudadas, suas narrativas de tradição e legitimação. Além disso, o estudo aponta para a rede de sociabilidade inerente às guardas de Congado como as viagens regionais e o sistema de pagamento de festa, indicando algumas das adaptações dessa rede diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

Palavras-chave: Congado, Ouro Preto, Catolicismo Popular, Umbanda, Antropologia das Populações Afro-Brasileiras.

ABSTRACT

The present master's dissertation aims to identify the different festive-religious manifestations of Congado in the city of Ouro Preto, in the State of Minas Gerais, based on the ethnographic study of the formation history of Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia and the Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, identifying their founding myths, their respective festivals, their ritualistic aspects and their relations with religions of African origin. As an Afro-Brazilian cultural manifestation, Congado appears to members of the guards as a space for the construction of a positive identity of the black being in the face of narratives about the past of slavery in Ouro Preto, giving protagonists and agency to the congadeiros and congadeiras that fight recognition in the heritage city. Through Congado, the research identifies the structuring of the city based on the category of residents hills, students and tourism, and this web of relationships is fundamental to understanding the design of the guards studied, their narratives of tradition and legitimation. In addition, the study points to the sociability network inherent to Congado's guards such as regional travel and the party payment system, indicating some of the adaptations of this network in the face of the pandemic of the new coronavirus (Covid-19).

Keywords: Congado, Ouro Preto, Popular Catholicism, Umbanda, Anthropology of Afro-Brazilian Populations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – Contextualizando o campo: os Congados em Ouro Preto	21
1.1 – Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia.....	31
1.1.1 – Organização da <i>guarda</i>	32
1.1.2 – Igreja de Santa Efigênia	34
1.1.3 – Chico Rei.....	37
1.2 – Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito...45	
1.2.1 – Casa da Bênção da Vovó Maria Conga	49
1.2.2 – Vovó Maria Conga.....	56
1.2.3 – Organização da <i>guarda</i>	61
1.3 – Modelos de representatividade e disputas de narrativa: Chico Rei e Maria Conga	64
1.4 – Patrimonialização.....	69
CAPÍTULO II – Analisando o campo: as festas de Congado	74
2.1 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia: a fé que canta e dança74	
2.1.1 – Domingo: abertura das festividades	75
2.1.2 – Segunda a Quarta-feira: palestras e evento musical.....	83
2.1.3 – Quinta-feira a Sábado: tríduo	85
2.1.4 – Domingo: Dia Festivo	87
2.2 – 5ª Festa da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito	105
2.2.1 – Sábado: coroação do Reinado do Manto Azul.....	108
2.2.2 – Domingo: início da festa com levantamento das bandeiras	112
2.2.3 – Segunda e Terça-feira: ornamentação dos andores e passagem dos santos115	
2.2.4 – Quinta-feira a Sábado: tríduo	120
2.2.5 – Domingo: Dia da Festa.....	122
2.3 – 10ª Festa do Reinado e 5ª Festa do Manto Azul: semelhanças e diferenças ...132	
CAPÍTULO III – Analisando o campo: outras festas de Congado e o <i>pagamento de festa</i>	140
3.1 – O <i>pagamento de festa</i>	142
3.2 – Os encontros em Mariana	145
3.2.1 – Os preparativos de <i>proteção</i>	145
3.2.2 – As viagens de Ouro Preto a Mariana.....	146

3.3 – O encontro em Congonhas.....	151
3.4 – As tensões do <i>pagamento de festa</i>	152
3.5 – Grupos virtuais e pandemia	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	161

INTRODUÇÃO

O presente estudo etnográfico se desenvolveu durante o curso de mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), quando realizei o trabalho de campo na cidade de Ouro Preto, Estado de Minas Gerais. Inicialmente minha intenção de pesquisa consistia em estudar o catolicismo popular de Minas Gerais através da manifestação festivo-religiosa do Congado realizado na cidade de Belo Horizonte pela Guarda de Moçambique e Congo Sagrado Coração de Jesus, ou Irmandade dos Carolinos, que em 2017 completou 100 anos de existência. Tal escolha de pesquisa se deve ao fato de ser natural de Passos, cidade da Região Sudoeste de Minas Gerais, tendo envolvimento familiar com o Congado por meio de meu avô paterno que foi congadeiro. Minha aproximação com os estudos envolvendo a cultura afro-brasileira e sua religiosidade também se relaciona com minha participação na militância política ao longo da graduação, tendo feito parte do Coletivo Frente Negra, formado por estudantes negros da Universidade Federal do Paraná. Graduada em História – Memória e Imagem, meu trabalho de conclusão do curso foi sobre a trajetória de vida da Iyalorixá Iyagunã Dalzira – importante liderança religiosa de Curitiba que tem grande reconhecimento na militância negra do Paraná – e a fundação do terreiro de Candomblé Ilê Asé Ojubo Ogun, localizado no Bairro Alto da capital paranaense.

Dessa forma, minha relação familiar com o Congado e o envolvimento com a militância negra me impulsionaram a tentar uma vaga no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPR com o intuito de pesquisar tal manifestação cultural afro-brasileira em meu Estado natal. Desde o início do mestrado sou orientada pela professora Liliana Porto, que me indicou a possibilidade de mudar minha ideia inicial de pesquisa devido às datas das festividades, tendo em vista que a festa realizada pelos Carolinos ocorre no mês de novembro, durante o período letivo, sugerindo que realizasse a pesquisa na cidade de Ouro Preto onde, em janeiro, ocorre a Festa do Reinado, um dos maiores encontros de *guardas* de Congado do Estado de Minas Gerais. Assim, iniciei o trabalho de campo em dezembro de 2018, após ter concluído todas as disciplinas do mestrado.

A história do Congado remonta às irmandades católicas de escravizados e libertos devotos de Nossa Senhora do Rosário e outros santos, majoritariamente negros, que configuram o panteão congadeiro. Essas irmandades organizavam festas em louvor aos seus santos católicos específicos e integravam o calendário festivo religioso. Durante o período colonial, sob reprovação por parte das autoridades eclesiásticas de realizar a festa dentro das igrejas, os devotos passaram a realizar os festejos em espaço público, com cortejos pelas ruas e na parte

externa dos templos. Os cortejos dessas festas organizadas por irmandades negras com coroação de Reis e Rainhas do Congo¹ ficaram conhecidos no Brasil como Congadas, Congado ou Reinados de Congos (PRIORE, 1994; BRASILEIRO, 2012).

As festas de Congado são compostas por danças coreografadas, cantos acompanhados por instrumentos musicais, cortejos e momentos de refeição compartilhada, onde os devotos participam vestindo trajes característicos, formando uma lógica que congrega grupos diversos. Existe uma pluralidade de ritmos no interior do Congado em Minas Gerais e outras regiões do país com suas diversidades culturais e religiosas. Os grupos podem ser chamados de “ternos” ou “guardas”, conforme se usa em Ouro Preto e região, existindo uma variedade de tipos de grupos que se reúnem nas festas, os quais são denominados: Congo, Moçambique, Vilão, Marujo, Caboclo, Catupé, entre outras variações. As diferenças de cada grupo expressam-se nos tipos de toque, instrumentos musicais, melodias, danças e peças de vestuário, não havendo uma forma específica e limitada para se retratar o Congado. O corpo é um instrumento de performance do congadeiro, seja nos momentos em que ele se expressa dançando ou exibindo ornamentos e vestimentas, o que é fundamental para se perceber as diferenças entre os ritmos de Congados.

Meu trabalho de campo pode ser dividido em quatro momentos distintos. No primeiro momento em dezembro de 2018 conheci Ouro Preto pela primeira vez. Fiquei hospedada em uma república administrada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), no bairro Bauxita. Nesse primeiro contato, não fiz uma etnografia propriamente dita, experienciando a cidade enquanto turista, estabelecendo contatos e relações que facilitaram minha volta e minha estadia em meu segundo momento em campo, que ocorreu em janeiro de 2019, quando acompanhei a Festa do Reinado. O fato de ser uma mulher jovem viajando sozinha facilitou a prestatividade por parte de várias pessoas que conheci na cidade e, a partir dessas relações criadas, consegui estadia na casa de uma família no bairro Padre Faria, onde aconteceria a Festa do Reinado e onde vive grande parte de seus organizadores. Fiquei hospedada na casa de Seu Wilson e Dona Tereza, conhecidos por praticamente todos do bairro, sendo meu anfitrião o responsável por cuidar da Capela Padre Faria, um dos principais lugares de acontecimentos da festa. Ficar na casa de uma família respeitada e conhecida na região deu um tom de proximidade e segurança nas interações que estabeleci com os organizadores da festa e moradores do bairro.

1 De acordo com Jeremias Brasileiro (2012, p. 45), a coroação de um reinado negro com denominação de Reis e Rainhas do Congo ocorre pelo fato de que muitos dos escravizados eram oriundos dos povos bantos.

Meu terceiro momento em campo teve duração mais prolongada, com início em abril e término em agosto de 2019. Dessa vez, fiquei hospedada em uma república particular feminina no bairro Antônio Dias. Nesse caso, não só o fator de gênero como também a condição de estudante fez com que eu fosse bem aceita pelas meninas da república que me hospedaram por cerca de quatro meses. A experiência em momentos distintos e em lugares diferentes da cidade me proporcionou uma visão ampla do perfil multifacetado de Ouro Preto. A localização da minha terceira estadia – na área central – foi fundamental para minha locomoção e o acesso a vários bairros da cidade, o que ocorria principalmente a pé.

Minha quarta experiência de campo ocorreu em novembro de 2019, quando voltei para auxiliar nos preparativos da festa realizada pela Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, o Manto Azul, como se autodenominam. Ao contrário do meu primeiro contato com um encontro de Congados em Ouro Preto, através da Festa do Reinado, onde participei de forma mais distante e pouco familiarizada com as dinâmicas de tal manifestação nessa região do Estado de Minas Gerais, meu envolvimento com o encontro de Congados promovido pelo Manto Azul foi mais intenso e marcado pelo meu envolvimento como integrante do grupo. Tal inserção ocorreu durante minha terceira estadia em campo, quando fui convidada pela capitã Jussara para compor a *guarda* como dançante. Dessa forma, mais do que observar as dinâmicas internas do grupo, me envolvi ativamente enquanto participante. Aceitar participar do grupo me aproximou de maneira significativa dos meus interlocutores de campo e me proporcionou uma comunicação espontânea e desprovida de intencionalidade com eles. Com o tempo e a proximidade, nós nos comunicávamos até de modo não verbal, principalmente nos momentos em que saíamos com a *guarda*, quando a capitã orientava mudanças de entonação na forma de cantar, no modo de dançar e de realizar os toques durante os cortejos das festas em que me apresentei junto ao grupo. Por fim, os vínculos estabelecidos com os integrantes do Manto Azul foram responsáveis por tornar minha presença requisitada durante o período de organização da Festa do Manto Azul, encerrando assim minha pesquisa em campo.

Apesar do vínculo histórico do Congado com as irmandades católicas e a devoção pelos santos, uma característica importante de se destacar é a relação de grande parte das guardas com a religião da Umbanda. Como observado em campo, a relação de uma guarda com uma instituição católica não se faz mais necessária, com grupos surgindo independentemente dessa relação, como é o caso do Manto Azul. Além disso, vários integrantes das guardas aqui estudadas são adeptos de religiões de matriz africana e no interior do Congado muitos elementos

remetem a esses vínculos, como o uso das guias, roupas brancas, os cantos e referências mais diretas, como a dança do Moçambique que performa a gestualidade da entidade de Pretos Velhos. Tendo em vista essa relação com a Umbanda em um contexto marcado pela história das irmandades católicas, procurei identificar o perfil religioso dos moradores da cidade:

Perfil religioso da cidade		
Religião	Amostra	%
SEM RELIGIÃO	2625	3,73
BUDISMO	11	0,02
CANDOMBLÉ	38	0,05
CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	58298	82,95
ESPÍRITA	971	1,38
ESPIRITUALISTA	10	0,01
EVANGÉLICA	7511	10,69
NÃO DETERMINADA E MÚLTIPLO PERTENCIMENTO	73	0,10
NOVAS RELIGIÕES ORIENTAIS	33	0,05
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	403	0,57
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS	38	0,05
UMBANDA	32	0,05
OUTRAS RELIGIOSIDADES CRISTÃS	174	0,25
NÃO SABE	65	0,09
População Total	70282	100,00

Fonte: IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. Disponível em: [\[https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/amostra-caracteristicas-gerais-da-populacao-religiao-e-deficiencia\]](https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/amostra-caracteristicas-gerais-da-populacao-religiao-e-deficiencia) Acesso em: 17/12/2020.

De acordo com esses últimos dados do IBGE, a religião “Católica Apostólica Romana” é a que tem mais adeptos, contando com a adesão de 82,95% dos ouro-pretanos que participaram da pesquisa, seguido de 10,69% de evangélicos; 3,73% de pessoas “Sem Religião”; e 1,38% de espíritas. A categoria de “Outras Religiosidades Cristãs” corresponde a 174 pessoas e a de “Não Determinada e Múltiplo Pertencimento” corresponde a 73 pessoas, de um total de 70282 entrevistados. Importante destacar que alguns congadeiros, como os integrantes do Manto Azul, se declaram ora como “espíritas”, ora como “umbandistas”, não deixando de ter fé nos santos católicos, evidenciando a possibilidade de múltiplas crenças e múltiplo pertencimento religioso. A própria guarda Manto Azul tem vínculo direto com a Casa

da Bênção da Vovó Maria Conga, cuja liderança, uma entidade de Preta Velha, orienta o grupo. As religiões de matriz africana também se fazem presentes com os ditos “terreiros” espalhados por vários bairros da cidade, mas sempre com difícil acesso por falta de identificação.

A partir desses quatro momentos em campo, tive contato com os *três morros de Ouro Preto*, categoria social e geográfica atribuída por uma de minhas interlocutoras, Clara, filha de Seu Wilson e Dona Tereza, meus anfitriões durante a Festa do Reinado, às divisões que caracterizam a cidade. Com base em sua definição, posso afirmar que num primeiro momento, experienciei Ouro Preto a partir do *morro dos turistas* como uma agente de passagem, imersa nos artifícios mercadológicos e seus arranjos promocionais. No segundo momento, vivenciei o *morro dos moradores*, ficando na casa de uma família ouro-pretana e experienciando Ouro Preto para além do turismo, inserindo-me na realidade de uma região considerada periférica, onde os moradores reivindicam direitos e reclamam da falta de segurança, do número crescente de atividades criminosas em sua comunidade e do descaso da prefeitura com os moradores e os bens culturais do município, revelando um aspecto pouco difundido acerca da cidade-patrimônio.

As questões relativas ao descaso da administração pública frente às demandas dos moradores da cidade se sobrepõem aos discursos dos agentes que organizam a Festa do Reinado, congadeiros que reivindicam não só a visibilidade do patrimônio imaterial afro-brasileiro de Ouro Preto como também a primazia de sua festividade no circuito turístico local que, afirmam, privilegia a região central e a região do Pilar – onde se localiza a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, considerada a segunda igreja mais rica em ouro do Brasil e difundida como a igreja mais importante de Ouro Preto. Essas questões revelam uma divisão interna na cidade e disputas sobre os patrimônios que de fato representam seus moradores.

Além disso, há a distinção entre ouro-pretanos e estudantes moradores de repúblicas, caracterizando a divisão do *morro dos estudantes*. Vivenciei por mais tempo esse último *morro* e, em algumas circunstâncias, os estudantes denominaram os ouro-pretanos enquanto *nativos*. O *morro dos estudantes* é muito criticado por moradores e estudantes que não pertencem ao sistema republicano. Para eles, esse *morro* corresponde a um circuito social restrito, marcado por festas e uma sociabilidade fechada entre repúblicas, sem grande envolvimento com os *nativos* da cidade. Dessa forma, a noção de *nós* e *eles* na perspectiva de muitos de meus interlocutores e moradores da cidade se relaciona com as divisões inerentes à noção dos *três morros*. O discurso turístico sobre a cidade, muitas vezes, faz com que os ouro-pretanos se sintam invisibilizados pelos *morros* do turismo e dos estudantes, ao mesmo tempo em que estão

todos entrelaçados por essas tensões de convivência que são necessárias para o funcionamento da cidade. Grande parte dessa tensão e dessa sensação de invisibilidade vem também do índice elevado de desemprego na região, causando um crescimento no número de empregos informais para ouro-pretanos, o que acaba reforçando a dependência em relação tanto aos estudantes, através de prestação de serviços, quanto aos turistas, com a venda de alimentos, bebidas, lembranças, artesanato e até mesmo oferecendo trabalho como guias informais.

Além da divisão interna dos *três morros* que caracteriza a cidade de Ouro Preto, principalmente no aspecto social e geográfico, a questão racial apareceu em campo como outro fator de desencadeamento das tensões sociais presentes entre os *morros*. Desde o meu primeiro contato, ouvi com certa frequência sobre as dinâmicas nas relações de trabalho, em que a maioria dos prestadores de serviços seria composta por pessoas negras, enquanto os empregadores seriam, em sua maioria, pessoas brancas. Uma de minhas interlocutoras, Neuza, quem arranhou minha estadia na casa de Seu Wilson e Dona Tereza, uma mulher negra e ouro-pretana que trabalha vendendo cocadas pelas ruas da cidade, especialmente na região turística, fez-me observar a quantidade de trabalhadores informais que vendem comidas pelas ruas como “os escravos que vendiam durante a escravidão”, sendo a maioria deles composta de pessoas negras, assim como ela. Para Neuza, “a paisagem antiga é uma forma de continuar no passado, no meio do sofrimento dos escravos que construíram a cidade, sem evoluir, sem ir pra frente”, perspectiva que demonstra um descontentamento pelo fato da cidade não acompanhar o processo de modernização urbanística próprio dos séculos mais recentes, mantendo-se no “passado”. Quando falei sobre minha intenção de pesquisar os Congados locais, Neuza demonstrou espanto pelo meu interesse naquilo que considera um costume de “pessoas pobres e sofridas”, referindo-se ao passado colonial e demonstrando a forma como o Congado é percebido por alguns moradores da cidade. As considerações de Neuza e sua perspectiva acerca de Ouro Preto, chamaram-me atenção para o perfil racial da cidade, bem como para o constante tema da escravidão presente no discurso de várias pessoas que conheci ao longo do campo.

Tendo se desenvolvido no período colonial com a extração do ouro e de outros minérios descobertos na região, a cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, abrigou inúmeros homens e mulheres explorados como mão de obra escravizada no trabalho das minas, e em decorrência do grande número de africanos e seus descendentes que formaram a cidade, ainda hoje sua população é majoritariamente negra. Os últimos dados do IBGE acerca do perfil racial da cidade informam o seguinte:

Perfil racial da cidade

Raça	Amostra	%
Amarela	939	1,34
Branca	22572	32,12
Indígena	261	0,37
Parda	36147	51,43
Preta	10363	14,74
Sem declaração	0	0,00
População Total	70282	100,00

Fonte: IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. Disponível em:

[<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/amostra-caracteristicas-gerais-da-populacao-religiao-e-deficiencia>] Acesso em: 17/12/2020.

A partir desses dados podemos constatar que, assim como no período colonial, analisado por Roberta Stumpf (2017), a maioria da população é composta por pardos, que somam 51,43% da população da cidade, seguido de 32,12% de brancos e 14,74% de pretos, revelando que, de fato, a maior parte da população ouro-pretana é composta por afrodescendentes. Em decorrência do marcador histórico sempre presente por meio da paisagem tombada e do fenótipo da população, a retórica acerca da escravidão colonial e do sofrimento em consequência desse período da história é constante. Por isso busquei me ater também às memórias sobre a escravidão acionadas por meus interlocutores, entendendo que são parte do imaginário social da população ouro-pretana da mesma forma que os mitos, histórias de assombrações e fantasmas que geram a denominada *carga pesada* em torno da cidade, sendo recorrentes também nas narrativas históricas dos Congados da região.

Levando em consideração a relevância de uma contextualização histórica para se compreender tais discursos constantemente acionados pelos moradores da cidade, no primeiro capítulo, procuro analisar a história de Ouro Preto desde o período colonial e a ideia de *sofrimento* atrelada à sua formação, além da presença das irmandades religiosas que fundaram uma divisão social e racial na cidade durante esse período histórico, uma vez que as festas de Congado surgiram das irmandades negras. Assim, apresento as histórias de formação do Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, e da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. A história de cada um dos dois grupos está entrelaçada aos seus mitos de origem: o mito de Chico Rei, vinculado ao Congado e Moçambique de Santa Efigênia; e o mito de Vovó Maria Conga, vinculada ao Manto Azul. Ambos representam o passado dos seus ancestrais africanos, que viveram a escravidão, e fundamentam a existência das *guardas*, configurando-se enquanto modelos de

representatividade que evidenciam as disputas de narrativa dos grupos, as quais ressignificam a memória recorrente sobre a escravidão na cidade. Também aponto nesse primeiro capítulo o vínculo das guardas com as religiões de matriz africana e a questão da patrimonialização como ferramenta política que garante legitimidade para o Congado enquanto tradição cultural ouro-pretana e que dialoga com os *três morros*.

A partir das descrições etnográficas da Festa do Reinado e da Festa do Manto Azul, no segundo capítulo, apresento como ocorrem na prática as performances distintas dos grupos e sua relação com os projetos aos quais estão vinculadas, além de seus rituais festivos como o levantamento de bandeiras, a programação da semana festiva e a relação das *guardas* com os objetos materiais e rituais do Congado (bandeiras, cetros, coroas, etc.), abordando também o tríduo e o dia de festa com a presença das *guardas* visitantes. Por fim, faço uma comparação entre as festas e seus enredos, apontando para os aspectos que podem garantir legitimidade aos grupos dentro do circuito congadeiro regional, destacando que uma festa não pode ser compreendida como de menor relevância em relação a outra, sendo as diferenças importantes para a compreensão de projetos que formam tradições distintas em um mesmo contexto.

Tendo em vista que não é possível compreender a Festa do Reinado e a Festa do Manto Azul apenas através do contraste entre elas, no terceiro capítulo detenho minhas análises nos encontros de Congados em que participei como integrante do Manto Azul, observando as dinâmicas que transcendem grupos específicos, como o funcionamento do *pagamento de festa*, que consiste na visita de uma *guarda* na festa de outra, estabelecendo assim uma relação de troca entre os grupos e a importância da troca para a dinâmica das festas. A partir desse intercâmbio, é possível compreender os motivos pelos quais uma *guarda* pode conquistar mais prestígio que outras e o impacto do financiamento do poder público no bom desempenho das *guardas* tanto nas festas que promovem quanto nos encontros para que são convidadas. Por fim, abordo o funcionamento dessa rede de troca e relação entre os grupos de Congado durante a atual pandemia de COVID-19 e as restrições de contato social provocadas por ela.

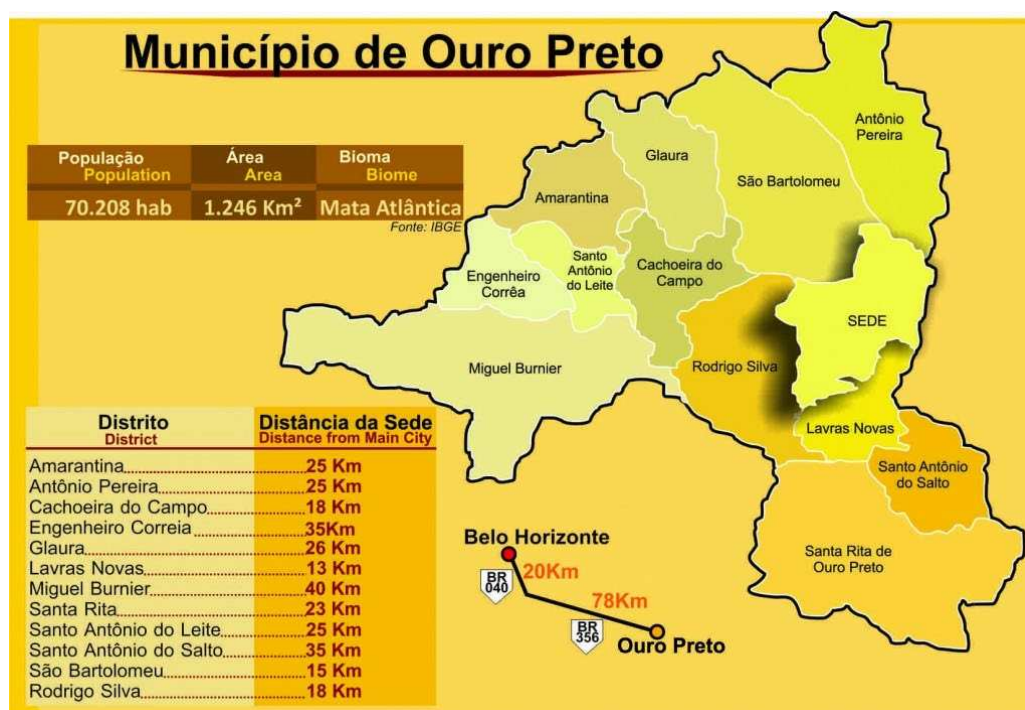
Durante o trabalho de campo, alguns pressupostos que anteriormente orientaram meus ideais de pesquisa, e que se manifestavam nos meus interesses teóricos ao longo da minha formação como historiadora, foram repensados. Inicialmente projetei conceitos para meu campo atrelados ao meu envolvimento com a militância negra, tais como “resgate”, “memória” e “resistência”, entre outros, para que fosse possível embasar meu ponto de vista e expectativas acerca de determinadas tradições culturais e manifestações da cultura afro-brasileira, como o Congado. Estudar o Congado significava me aprofundar numa festa religiosa que integra a

história da minha família, sendo, por isso, um movimento duplo de resgate da minha ancestralidade familiar e busca pelo que me constitui e me qualifica para tratar das questões de cunho racial, marcando de forma simbólica um estudo acadêmico tradicionalmente feito pelo “outro”. Essas projeções tornaram meu trabalho de campo frustrante em vários momentos e foi necessário me distanciar em alguma medida para ver o que meus interlocutores estavam colocando como questões relevantes para o que faziam e por que faziam, a fim de não incorrer em essencialismos. Em campo me deparei mais do que imaginava com todas essas vontades iniciais, mas de formas inesperadas. Ainda assim, minha experiência com a militância e todo o debate que ela propõe foram fundamentais para os caminhos que trilhei, para meu envolvimento com as pessoas que conheci e, invariavelmente, procurei me atentar aos aspectos que já considerava importantes para que uma etnografia fosse possível.

Aceitar a participação ativa na *guarda* Manto Azul foi relevante para que eu repensasse meu projeto epistemológico anterior, permitindo a mim mesma vivenciar as experiências em campo sem os entraves daquelas minhas projeções iniciais. Posso afirmar que minha inserção em campo foi relativamente fácil, pois circulei pelos *três morros* com aceitação e consegui interagir com os grupos estudados. Atribuo essa facilidade ao padrão de sociabilidade mineiro que tem a hospitalidade e o acolhimento como valores centrais, os fatores racial e de gênero, além do fato de ter recorrido à minha história familiar em grande parte das minhas interações. Essa soma de fatores fez com que eu fosse recebida com poucos estranhamentos e com muita proximidade. Mantive um diário e busquei relatar sistematicamente tudo que fosse possível sobre os acontecimentos do campo, para que pudesse acessar posteriormente durante a escrita de um trabalho final, mas, mesmo diante da tentativa de objetividade no processo da escrita, meu envolvimento intenso e afetivo com aquilo que eu estudava tornou árdua essa tarefa de distanciamento. Ainda assim, destaco que tal envolvimento também merece um destaque como uma possibilidade de se repensar os processos de produção do conhecimento. Ademais, convencionei utilizar as categorias nativas mais importantes para minha análise em *itálico* todas as vezes em que elas aparecem, além de alguns termos em língua inglesa que também serão escritos nesse estilo.

CAPÍTULO I – Contextualizando o campo: os Congados em Ouro Preto

A cidade de Ouro Preto se localiza na região Sudeste do Estado de Minas Gerais, onde se desenvolveu o Ciclo do Ouro entre os séculos XVII e XVIII, marcado pelo sistema colonial e uso de mão de obra escravizada. Essa região montanhosa, também conhecida como região mineradora, abriga as principais cidades históricas do Estado que, assim como Ouro Preto, foram se desenvolvendo sob presença e influência das irmandades católicas e seu sistema de agrupamento social. O município foi fundado pelos bandeirantes por meio da fusão de diversos arraiais e possui atualmente, além da sede municipal, doze distritos: Amarantina, Antônio Pereira, Cachoeira do Campo, Engenheiro Correia, Glaura, Lavras Novas, Miguel Burnier, Santa Rita, Santo Antônio do Leite, Santo Antônio do Salto, São Bartolomeu e Rodrigo Silva.



Mapa do município de Ouro Preto (MG)².

Uma de minhas principais interlocutoras no que diz respeito à história da cidade e das manifestações festivo-religiosas da região, Deolinda Alice dos Santos, descreveu Ouro Preto em seu livro, “Festejos Tradicionais Mineiros”, da seguinte forma:

A exploração do ouro no passado e a atual exploração de diversos tipos de minérios são trabalhos que sempre apresentaram riscos e exigiram tenacidade e esperteza. E como a conquista das terras auríferas não foi nada fácil, os descendentes dos mineradores são, até hoje, um povo desconfiado, mas que caracteriza uma sociedade progressista, populista, mercantilista e capitalista. Nesta região, predominam festejos religiosos com características seculares, principalmente a Semana Santa e as homenagens aos santos padroeiros das Ordens Religiosas (civis), Irmandades

² Esse mapa foi retirado do site Guia Cachoeira do Campo (MG). Disponível em: <https://guiacachoeiradocampo.com.br/distritos/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Religiosas, Confrarias e Arquiconfrarias, que, apesar da modernidade, mantém rituais tradicionais, apresentações musicais sacras com corais e orquestras, ornamentação dos templos, preservação e conservação de sua imaginária secular. (SANTOS, 2011, p. 22).

A partir desse trecho do livro da autora, é possível identificar o lugar de importância que a chamada tradição ocupa na formação cultural e na sociabilidade dos ouro-pretanos que ainda hoje se vinculam a irmandades católicas³ e participam ativamente das festas religiosas, como pude observar em campo quando acompanhei de perto os preparativos da Semana Santa, celebração muito conhecida e divulgada pelo turismo local, além de festas de proporções menores como a Festa da Ponte e as festas juninas. Eventos que pertencem ao circuito de festas religiosas da cidade de que fazem parte também a Festa do Reinado e a Festa do Manto Azul, essas últimas vinculadas às *guardas* de Congado e Moçambique.

As festas de Congado em Ouro Preto possuem uma relação histórica com as irmandades destinadas aos negros que, em tempos passados, foram obrigados a frequentar igrejas diferentes daquelas destinadas aos demais segmentos sociais. Tais irmandades com suas igrejas se caracterizavam como um espaço para reunião dos escravizados, local onde realizavam seus próprios ritos e celebrações, podendo adaptar suas tradições religiosas em meio aos elementos do catolicismo, instituindo uma religiosidade própria e independente das autoridades eclesiásticas (PORTO, 2007, p. 70). Dessa forma, a história do Congado remonta às irmandades católicas de escravizados e libertos que eram em sua maioria de devoção à Nossa Senhora do Rosário.

De acordo com Mary Del Priore, as festas de Congado no período colonial se caracterizavam enquanto um:

[...] bailado tradicional com entretrecho dramático, misturava tradições africanas e elementos de bailados e representações populares luso-espanholas. Aí fundidos encontram-se o costume africano dos cortejos, a celebração das lutas contra os mouros e elementos da vida marítima. Ocorriam sempre quando da coroação do rei Congo e realizavam-se pela época do Natal e de Reis, e nas festas de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo, acompanhados com instrumentos de percussão e violas. (PRIORE, 1994, p. 56).

Contudo, diante da recusa por parte das autoridades eclesiásticas em realizar a festa dentro das igrejas, essa se estabeleceu em espaço público, nas ruas e no pátio dos templos. Tal prática permanece nos dias de hoje com grande parte dos ritos festivos ocorrendo em áreas

3 Existe uma vasta bibliografia acerca das irmandades religiosas de Ouro Preto. De autores como: Lidiane Mariana da Silva Gomes (2010), Fritz Teixeira Salles (1963), Ana Alvarenga Souza (2017) e Nancy Nery da Conceição (2016). Na presente pesquisa não me estendo nas irmandades porque procurei me concentrar no panorama contemporâneo das festas de Congado que nem sempre ocorrem por intermédio das irmandades.

externas, como no caso do levantamento das bandeiras nos adros⁴ das capelas e o cortejo das *guardas* pelas ruas da cidade. Por isso, as Congadas, os Congados ou Reinados ficaram conhecidos no Brasil como sendo desfiles ocorridos nas festas organizadas por irmandades de negros, com coroação de Reis e Rainhas do Congo, tendo cada *guarda* seu próprio reinado, composto por reis, rainhas e, em alguns casos, príncipes e princesas, que usam trajes marcados de elementos das monarquias europeias, com coroas, capas, cetros, coletes para os reis e vestidos para as rainhas, todos ricamente adornados. A presença desse imaginário europeu atesta o poder de difusão de algumas imagens da realeza que passaram a frequentar o imaginário de outras classes sociais (PRIORE, 1994, p. 48). Segundo observações em campo, atualmente, as roupas dos demais componentes variam em cada *guarda*, estabelecendo-se na maioria dos casos uma cor comum para todos ou um uniforme. Os capitães, por sua vez, costumam usar um quepe no estilo militar que o identificam enquanto capitães, além do uso de apito, cetro ou cajado.

Seguindo com a análise comparativa, enquanto, no período colonial, as irmandades deliberavam tarefas de organização e a participação nas festas religiosas e procissões, em tempos atuais, o envolvimento da comunidade ocorre de modo espontâneo ou de formas diversas, sem que seja necessário o vínculo direto com uma irmandade, existindo *guardas* que, inclusive, não estão vinculadas a esse tipo de instituição, e sim a outras organizações religiosas. De acordo com Amanda Melissa dos Santos, as antigas irmandades negras de Ouro Preto, criadas no século XVIII, já não se relacionam apenas com a comunidade negra da cidade, tendo ocorrido um afastamento das *guardas* de Congado e Moçambique devido às repressões sofridas nas décadas de 1960 e 1970, quando a Igreja Católica proibiu as atividades dos grupos festivos (2019, p. 44-45).

Mas a proibição eclesiástica não encerrou a história do Congado. A sede do município de Ouro Preto possui três *guardas* congadeiras: Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, do bairro Alto da Cruz; Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, do bairro Santa Cruz; e Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. Existindo mais duas nos distritos municipais: Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, do distrito de Miguel Burnier; e o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, em Santo Antônio do Salto.

A Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças está inserida em um contexto educacional, mais precisamente junto à Associação de Pais e Amigos

4 Adro é um terreno em volta de uma igreja ou capela, podendo ser aberto ou murado.

dos Excepcionais de Ouro Preto (APAE), onde os alunos são integrantes da *guarda* que tem como capitã Silvania Aparecida Borges, professora e principal precursora dessa prática ritual na referida instituição, sendo o grupo dela de grande importância e reconhecimento nas manifestações do Congado na cidade (SILVA, 2017). Nos distritos, há o centenário Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, sediado em Miguel Burnier, sob liderança do capitão Antônio Xisto, muito respeitado no circuito congadeiro e sempre presente em todos os encontros de Congados. A festa de sua *guarda* ocorre em setembro e é uma das mais conhecidas da região. Em Santo Antônio do Salto, há o Congado de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, liderado pelo capitão José Geraldo Xavier, que realiza sua festa em outubro.

Mas minha pesquisa se atém às histórias, os mitos fundadores e as festas de apenas duas *guardas* ouro-pretanas: o Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, do bairro Alto da Cruz, e a Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito – também denominada simplesmente como Manto Azul. Ambas, a Festa do Reinado, promovida pela *guarda* de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, e a Festa do Manto Azul são compostas por uma série de eventos formais que obedecem a uma ordem regrada de levantamento de bandeiras, orações, missas, tríduo, cortejo com danças e toque de instrumentos, refeições compartilhadas⁵ e descimento das bandeiras. Além das festas realizadas pelas *guardas* citadas, acompanhei alguns dos encontros de Congados que acontecem ao longo do ano por meio de apresentações em eventos religiosos, exposições, etc.

Como destacado anteriormente, a formação da cidade de Ouro Preto ocorreu a partir da extração do ouro com uso de mão de obra africana escravizada, o que faz com que a maioria da população da região seja, ainda hoje, composta por pessoas negras e, assim como outrora, a manifestação festivo-religiosa do Congado ainda está diretamente vinculada a essa população, sendo a maioria das *guardas* formada por pessoas negras. Nesse sentido, as festas de Congado também se caracterizam pela afirmação positiva da identidade negra dessa população, que se apresenta como protagonista de sua própria história nos momentos de festa.

Apesar disso, o negro aparece representado nas instituições municipais apenas por meio de imagens que remetem à escravidão e ao *sofrimento*, sendo essa narrativa reforçada nos museus da cidade, onde são expostos instrumentos de tortura utilizados no período colonial,

5 Os momentos da festa em que ocorre a distribuição de comida são importantes para a socialização entre os grupos, pois é nesses momentos que seus integrantes mais conversam entre si.

com ampla divulgação da senzala da Casa dos Contos⁶. Logo na minha primeira ida ao campo, circulando pelo *morro dos turistas*, percebi como era comum falar sobre a presença negra na formação da cidade apenas atrelada ao *sofrimento* do período histórico da escravidão. Uma de minhas interlocutoras, Neuza, mulher negra e ouro-pretana, chamou-me atenção para as reminiscências do passado escravista presente na paisagem colonial, onde “cada pedra foi colocada às custas da vida dos escravizados”. Neuza ainda apontou para as relações de trabalho, em que grande parte dos empregados e trabalhadores informais é composta por pessoas negras, enquanto os empregadores e donos de estabelecimentos são, em geral, pessoas brancas. Assim como muitos dos trabalhadores informais que circulam no *morro dos turistas*, Neuza trabalha vendendo doces na Praça Tiradentes, “como escravos de ganho”⁷, em suas palavras⁸.



Praça Tiradentes, Ouro Preto, dez. 2018.

(Foto: Bruna Reis)

Enquanto conhecia Ouro Preto, durante minha primeira estadia, visitei diversos pontos turísticos, como a Igreja de Santa Efigênia e a Mina do Palácio Velho. Esses dois lugares estão diretamente relacionados com as histórias sobre a escravidão na cidade, tendo em vista que a Igreja de Santa Efigênia era destinada aos “pretos” no período colonial e as minas de ouro eram um dos principais locais de trabalho dos africanos escravizados e seus descendentes, de onde extraíam toneladas daquele minério destinadas a Portugal, mas também presentes nos altares barrocos das igrejas ouro-pretanas. Os guias turísticos desses dois espaços de memória

6 Casarão construído entre 1782 a 1787 para ser a residência de João Rodrigues de Macedo, cobrador dos impostos da Capitania de Minas Gerais. Atualmente abriga o Museu da Moeda e do Fisco, com salas de exposições.

7 Conversa com Neuza. Ouro Preto, 15 dez. 2018.

8 Devido ao grande índice de desemprego na cidade, muitos ouro-pretanos também buscam sustento como guias informais, uma vez que a economia de Ouro Preto depende em grande parte do turismo.

reforçaram durante as minhas visitas a imagem do *sofrimento* dos africanos escravizados na construção da cidade e enfatizaram que aqueles trabalhadores nunca receberam o devido reconhecimento na história oficial de Ouro Preto.

Dudu, guia turístico da Mina do Palácio Velho, afirmou em sua exposição que os africanos que trabalhavam nas minas detinham conhecimentos técnicos sobre extração de minérios, arquitetura e artes em geral, porque aprenderam nos lugares de onde vieram. De acordo com Dudu, muitas crianças trabalhavam nas minas e por serem menores conseguiam acessar espaços estreitos que os adultos não conseguiam. Todos trabalhavam em condições desumanas e só se alimentavam quando enchiam os “buchos”: buracos feitos nas paredes das minas onde se depositava o ouro extraído no dia. Era comum que morressem de fome, em acidentes de trabalho, soterrados por desabamentos dentro das minas e de “banzo”, fenômeno explicado por Dudu como uma tristeza profunda que acometia os africanos em situação de escravidão devido à saudade dos lugares de origem e da sua liberdade, ocasionando suicídios⁹. Por isso, tanto os guias quanto as demais pessoas com quem conversei ao longo da minha estadia na cidade relatam aparições de espíritos dos escravizados dentro das minas, assim como ruídos de choro e gritos.

9 Exposição de Dudu, guia turístico da Mina do Palácio Velho. Ouro Preto, 15 dez. 2018.



Dudu, guia turístico da Mina do Palácio Velho, explicando sobre como eram realizados os trabalhos nas minas de ouro, Ouro Preto, 15 dez. 2018.
(Foto: Bruna Reis)

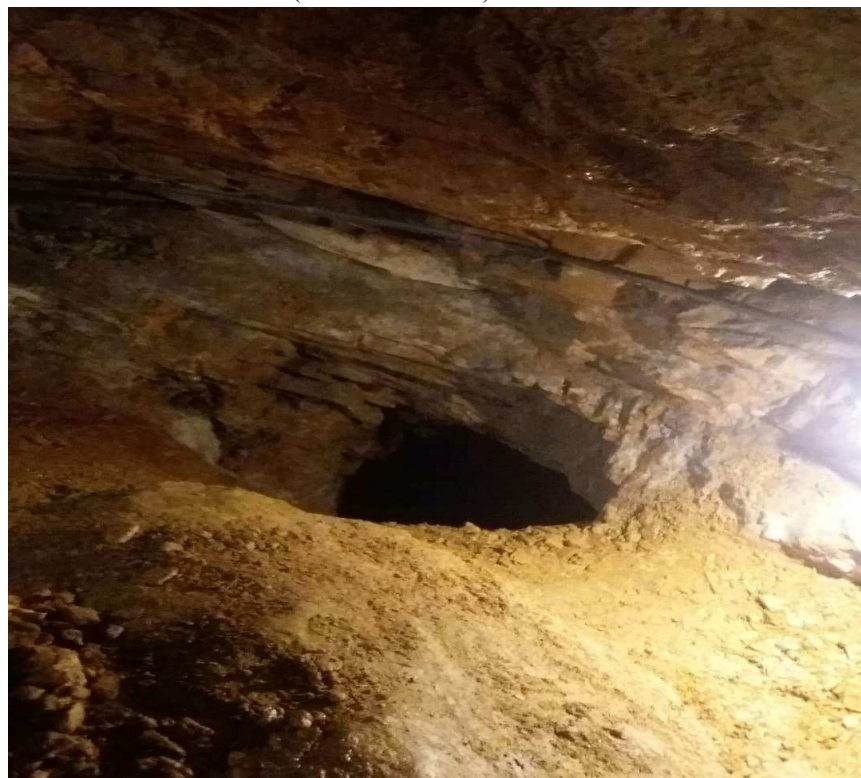


Foto de um dos “buchos” no interior da Mina do Palácio Velho, Ouro Preto, 15 dez. 2018.

(Foto: Bruna Reis)

Depois das igrejas barrocas e das minas de ouro, outro importante tipo de ponto turístico da cidade são os museus. A maioria deles são históricos, como o Museu da Inconfidência, localizado na Praça Tiradentes, e o Museu Casa dos Contos, localizado na Rua São José, sendo esses os mais conhecidos no circuito turístico. Ao contrário da Mina do Palácio Velho, esses espaços não apresentam a relevância da presença africana e afro-brasileira como parte da história local, tanto em relação ao passado colonial quanto às épocas mais recentes. De acordo com Manuel Ferreira Lima, o circuito museal da cidade insiste na história da presença negra considerando apenas os suplícios da escravidão, expondo objetos de tortura e senzalas, sem promover qualquer reflexão crítica acerca desse período histórico e sem mencionar os marcos de luta e resistência da população negra no passado e no presente. Assim, a cultura dos brasileiros de ascendência africana e os discursos positivos sobre a importância do negro na construção da cidade são marginalizados, excluídos do grande circuito turístico, no que a memória afro-brasileira local se materializa no *morro dos turistas* apenas pelo *sofrimento*, sem que haja representações de poder ou agenciamento histórico (2010, p. 12).

Além do discurso de alguns moradores, como Neuza, e daquele encontrado no circuito turístico, a imagem de *sofrimento* também se faz presente em bibliografia acerca da história da cidade, como neste trecho de livro:

É rara a oportunidade que tem sido oferecida aos contemporâneos por essas cidades-monumentos: elas revelam aos homens dos nossos dias como viveram outrora os seus antepassados. E quando o poeta maior do nosso país indaga: *como tecer uma cidade? Quantos fogos terá?* – nós, leitores, nos lembramos desses burgos humildes das montanhas de pedra. Eles nos ensinaram que uma cidade só pode ser tecida com o sangue e a lágrima, a festa e o soluço da vida. Ouro Preto, mais que qualquer outra, recorda ao brasileiro contemporâneo uma batalha popular que durou um século. (CABRAL, 1969, p. 26).

E neste:

Muitas coisas aconteceram e ainda acontecem na cidade o tempo todo, pois o peso do sofrimento deixado pelos escravos no trabalho das minas, dos revoltosos supliciados quando lutavam pelos seus ideais, o tormento do medo do inferno que povoava as mentes num passado de uma religião cheia de superstições, ainda permanece. (XAVIER, 2007, p. 205).

O passado de *sofrimento* aparece nos textos citados como parte integrante da composição visual, histórica e cultural da cidade e a paisagem colonial tombada reitera a presença de um passado que ainda se faz presente. O fato de Ouro Preto ser uma cidade tombada faz com que tenha preservado muito do seu feitiço colonial. As “superstições” apontadas por Angela Leite Xavier no segundo texto citado acima também se relacionam com a chamada “atmosfera” da cidade, que é sentida por algumas pessoas que a visitam ou ali moram. Muitas

vezes, as histórias de *sofrimento* estão acompanhadas das histórias de assombração e há relatos de que médiuns como Chico Xavier não suportaram entrar na cidade devido à sua *energia pesada*. Guion, integrante do Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, contou-me sobre as procissões noturnas de pessoas mortas, espíritos de escravizados nas minas e no Pico do Itacolomi¹⁰. Alguns amigos moradores das repúblicas de Ouro Preto, onde fiquei hospedada na minha terceira ida ao campo, descrevem a cidade como um *lugar mágico*, mas destacam que “viver em Ouro Preto não é pra qualquer um e que a cidade te escolhe e te expulsa no tempo dela”, uma vez que ela tem essa “energia pesada, mas que te mantém no lugar”.

Geraldo Zuzu, natural da cidade histórica vizinha chamada Mariana, é um dos artistas locais e possui um ateliê de pintura no bairro Antônio Dias, onde retrata em suas obras um pouco dessa *atmosfera espiritual* e de *sofrimento* que envolve a cidade, realizando um trabalho que denomina como “carnal e espiritual, visível e invisível” (OLIVEIRA, 2019). Em uma de nossas conversas, o artista descreveu a inspiração para suas obras da seguinte forma:

As pessoas dessa cidade estão em provação, sempre desconfiadas, arredias, de olho no que o outro tá fazendo [...] são almas que reencarnam nesse lugar em busca de aperfeiçoamento, mas esse passado de disputa, de ganância, de sofrimento, não permite uma evolução [...] e todos convivem nesse espaço junto com outras almas desencarnadas que não saem daqui [...] é isso que eu retrato na minha obra. Essa convivência entre o plano carnal e espiritual em relação e em conflito [...] nada aqui vai pra frente por esse comportamento do ouro-pretano. (informação verbal)¹¹.

Em suas falas, assim como em sua arte, Zuzu aborda as relações raciais ali presentes, destacando a importância da cultura negra local. Suas pinturas apresentam, sobretudo, as construções coloniais da cidade representando o “carnal” e o “visível”, enquanto silhuetas de pessoas pelas ruas representariam o “espiritual” e o “invisível”, demonstrando o que ele chama de “conflito entre o passado e o presente que estruturam a cidade”. As silhuetas são uma representação dos espíritos que permanecem em *sofrimento* desde o período colonial devido a todas as tragédias decorrentes da exploração do ouro, contribuindo assim, para a *atmosfera de sofrimento* ou *energia pesada* presentes em Ouro Preto.

10 O nome do pico provém da junção das palavras *ita* e *corumi*, que em língua tupi significam, respectivamente, pedra e menino (ou filho). A origem do nome vem do fato dos bandeirantes acharem que o perfil do pico – formado por duas pedras, sendo uma grande e uma menor – sugeria a figura de alguém com o filho do lado. Tal formação rochosa foi o ponto de referência para que os bandeirantes encontrassem o lugar onde hoje é Ouro Preto e explorassem a região, sendo visível em qualquer parte da cidade. Inclusive, as construções características do período colonial presentes em Ouro Preto, como as igrejas, casas e ruas, são feitas das pedras retiradas do pico (CABRAL, 1969).

11 Conversa com Geraldo Zuzu. Ouro Preto, 2019.



Artista Zuzu em seu ateliê no Bairro Antônio Dias com as obras “carnal e espiritual, visível e invisível”, Ouro Preto, 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Zuzu também representou em suas pinturas algumas das festas que acontecem na cidade, incluindo em uma de suas obras a figura de Chico Rei, personagem homenageado na Festa do Reinado e símbolo de representatividade negra para seus organizadores. Promovida anualmente pelo Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, com início no primeiro final de semana do mês de janeiro, a Festa do Reinado inaugura o calendário festivo de Ouro Preto como uma contrapartida à narrativa presente nos museus e no circuito de turismo. O discurso dos organizadores ressignifica a presença negra na construção da cidade a partir da valorização de elementos africanos presentes no imaginário local, como o interior da Igreja de Santa Efigênia, e através da manifestação festivo-religiosa do Congado. Por meio das narrativas de ressignificação da memória afro-brasileira local, eles conferem agência para esses

personagens históricos, desafiando a passividade do *sofrimento* presente no imaginário social e museal de Ouro Preto.

1.1 – Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia

Inicialmente, tomei conhecimento da Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia – que também será referida nesse trabalho de forma abreviada, Congado e Moçambique de Santa Efigênia – por meio de alguns *sites* que noticiavam a Festa do Reinado, conhecida por promover um dos maiores encontros de *guardas* de Congado e suas variações. Mas foi na minha segunda ida ao campo, quando voltei para acompanhar a festa em janeiro de 2019, que conheci melhor a história de formação do grupo, pela família que me hospedou no bairro Padre Faria.

De acordo com as narrativas acerca da formação atual da *guarda*, é possível identificar em sua origem o encontro das famílias Passos e Silvério, dispostas entre os bairros de Alto Cruz e Padre Faria. Rodrigo dos Passos, um dos capitães da Guarda de Congado, assumiu ainda jovem tal posição, em função do falecimento de seu pai, João Chrysostomo dos Passos, antigo Capitão da Guarda de Congo do Alto da Cruz. Mas, mesmo dando continuidade ao grupo, sua dinâmica perdeu força após a morte de João Chrysostomo. A entrada da família Silvério, aparentada com a família Passos, ocorreu, então, pela inserção do filho e da mãe de Kátia Silvério, atual capitã da Guarda de Santa Efigênia, no então Congado chefiado por Rodrigo dos Passos, o que impulsionou seu crescimento. A entrada de novas pessoas implicou também na sua fortificação e no que denominam como “revitalização” do Congado (WERNECK, 2019). De acordo com Patrício Pereira Alves de Sousa, a renovação do grupo foi marcada por diversas ações, como melhoria dos instrumentos, uniformes e aprofundamento na história do Congado, tendo ocorrido a primeira Festa do Reinado, com tal formação ampliada, em 2009. Com o crescimento constante do grupo e das viagens que realizam visitando as festas de outras *guardas*, a Festa do Reinado se tornou um destino de interesse para muitas outras agremiações. Finalmente, a partir do ano de 2016, o grupo incorporou o ritmo do Moçambique em sua composição, devido a necessidades ritualísticas, uma vez que os moçambiqueiros são responsáveis por dar continuidade ao reinado, ao guardar a coroa, isto é, o Trono Coroado constituído pela corte de Reis e Rainhas Congos da festividade (SOUSA, 2019, p. 10).

1.1.1 – Organização da *guarda*

Dentro das *guardas* existe uma hierarquia interna, em que os capitães são aqueles que lideram e conduzem seus colegas. No caso do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, existe mais de um capitão nos dois ritmos. Rodrigo dos Passos, homem negro, é considerado o

primeiro capitão do Congado, seguido de Francisco, de quem não encontrei mais informações. A terceira capitã é Kátia Silvério, mulher negra, proprietária do estabelecimento de estética Dialô – Arte e Beleza Afro, localizado na Rua Padre Faria. Kedison Geraldo, homem negro, estudante de Psicologia e funcionário do museu Casa de Tomás Antônio Gonzaga, é Capitão-Mor do Moçambique, com auxílio de Kátia Silvério, sua irmã, e Marize Guimarães, sua mãe; além deles, os capitães desse ritmo são João Henrique, filho de Kátia, e Willian dos Passos, sobrinho de Kátia, filho de Karina Silvério, a Rainha Conga das *guardas*, e sobrinho do capitão Rodrigo dos Passos (SANTOS, 2019, p. 48).

Além dos capitães, durante os cortejos, a *guarda* também é conduzida pela bandeirista, pessoa responsável por carregar a bandeira que identifica o nome da *guarda* e os santos de sua devoção. Os dançantes e os tocantes movimentam o grupo entoando canções enquanto dançam e tocam. Por último, vem o reinado do grupo, ou seja, os reis e as rainhas.

A Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia é formada, como já foi indicado, por dois ritmos diferentes: o Congado e o Moçambique, descritos pelo capitão Kédison Geraldo da seguinte forma:

O toque do congado é mais festivo e suas cantigas também. No congado tem mais instrumentos como o pandeiro, xique-xique, reco-reco, é mais alegre e representa os negros mais jovens e alegres pela conquista da liberdade e festejando a Nossa Senhora do Rosário [...] No Moçambique o toque é mais fechado, mais condensado, é um toque que representa a questão da guerra e do negro mais velho, no Moçambique não vai ter pandeiro, vai ter os tambores que são quatro, o patangome, espécie de xique-xique e as gungas. No Congado temos os guias que ficam na frente com os pandeiros e guiam os passos das pessoas pra dançar e no Moçambique já temos as caixas guias que coordenam todo o toque lá da frente, quando o capitão quer mudar o toque faz sinal com o cajado [...] e no Congado o capitão usa o apito. Essa questão da criança a tocar, a gente ensina elas a tocar sim, mas na guia, no Moçambique a gente prefere que as pessoas que estão mais preparadas que toquem porque tem essa questão da energia e é ali na guia é onde se troca a energia e é por isso que preferimos que pessoas mais preparadas fiquem ali tocando o instrumento de guia. (informação verbal)¹².

Como apontado por Kédison e observado em campo, a memória sobre a escravidão é recorrente nas histórias, nas músicas, nos instrumentos musicais e na gestualidade corporal de congadeiros e moçambiqueiros, sendo o corpo um dos principais instrumentos de diferenciação entre um ritmo e outro, seja por meio das danças ou pelos ornamentos e pelas vestimentas. Kédison afirma que, especificamente no Moçambique, é recriada a memória dos antepassados

12 Conversa com Kédison Geraldo. Ouro Preto, 18 mai. 2019. Fala reproduzida durante um evento na Mina de Chico Rei, realizado em maio de 2019, onde foi discutida a importância do patrimônio cultural afro-brasileiro de Ouro Preto, tendo como convidados o Ganga Zumba, coral negro da cidade de Ponte Nova, e Daniel, o fundador da Escola de Música & Casa de Arte Samba Preto de Ouro Preto. Kédison também falou da luta dele e de seus colegas para que a Festa do Reinado fosse reconhecida como patrimônio imaterial da cultura afro-brasileira ouropretana, diferenciando os ritmos presentes na Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia.

mais velhos. Por isso, o uso de “gungas”, bateias e “caixas”, cuja sonoridade remete ao trabalho dos escravizados no período colonial. A bateia, por exemplo, é um instrumento de aço em formato arredondado e achatado, com pequenos fragmentos de chumbo dentro. Sua sonoridade está relacionada ao trabalho de extração do ouro, sendo movimentado como uma espécie de peneira. As gungas, por sua vez, são pequenas latas também com fragmentos de chumbo dentro, sustentadas por correias de couro que são amarradas nos tornozelos. Sua sonoridade remete ao barulho de correntes sendo arrastadas. Na dança, os moçambiqueiros batem constantemente os pés para que elas façam barulho, mas mantêm os pés pouco afastados do chão, com o corpo curvado, reportando-se às gestualidades da incorporação de Pretos Velhos da Umbanda, arquétipo de velhos africanos que viveram nas senzalas e que contam as histórias do tempo do cativeiro. O uso de um cajado, objeto comumente associado à velhice, é comum entre os capitães da *guarda* e também pode ser usado como um apoio durante as danças. As caixas são como tambores e variam de tamanho, possuindo um som mais grave no ritmo do Moçambique, o que confere a esse ritmo um tom menos festivo e mais próximo de um lamento.



Moçambiqueiro do grupo de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Moçambique da cidade de Catas Altas durante a Festa do Reinado. Destaque para as *gungas* nas pernas, o cajado, as guias e os rosários, Ouro Preto, 13 jan. 19.

(Foto: Bruna Reis)

A fé em Nossa Senhora do Rosário é unânime entre congadeiros e moçambiqueiros, sendo o cumprimento “Salve Maria!”, em referência à Virgem, uma forma de se identificarem como parte de um mesmo universo de crenças. A devoção aos santos católicos, porém, não

impede a convivência entre católicos, umbandistas e candomblecistas nas *guardas*, como posteriormente observei em campo. Kédison mencionou em dado momento sua relação com a Umbanda, e Manteiga, integrante do Moçambique, está vinculado ao Candomblé.

1.1.2 – Igreja de Santa Efigênia

Para os integrantes do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, as origens da Festa do Reinado remontariam à história tricentenária da Igreja de Santa Efigênia. Por esse motivo, o enredo da festa envolve esse templo religioso, que é acionado como um lugar de legitimidade para a realização dos festejos. O que deve estar relacionado à historicidade da relação entre Santa Efigênia e a população negra. Segundo Fritz Teixeira Salles, a Irmandade de Santa Efigênia surgiu no ano de 1719 com o nome de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz, sendo destinada aos “pretos” escravizados (1963). Por outro lado, Lidiane da Silva Gomes afirma que no início foram admitidos indiscriminadamente membros “pretos” e “brancos”, mas os irmãos “pretos” expulsaram os “brancos” por volta de 1733 (2010). O que faz, em todos os casos, da Igreja de Santa Efigênia um lugar de sociabilidade tipicamente africano e afro-brasileiro há cerca de 300 anos.

Em visita à Igreja de Santa Efigênia na minha primeira ida a Ouro Preto, em dezembro de 2018, fui conduzida em seu interior por um dos guias turísticos locais, que costumam ficar em frente ao templo. Ele me explicou, primeiro, os aspectos arquitetônicos do edifício, como a fachada, cujos relógios seriam os mais antigos da cidade, com seu lado esquerdo, “o lado falso”, imitando o lado direito. Prosseguindo com a exposição, o guia me contou que Chico Rei, africano escravizado, teria construído a igreja, junto de outros escravizados, colocando nos entalhes de madeira que ornamentam os altares imagens que remeteriam às religiões de matriz africana, folheadas de ouro proveniente da extração da Mina do Chico Rei. O ouro, conforme continuava o guia, era escondido nos cabelos de mulheres que, posteriormente, lavavam-nos na pia de pedra situada na entrada da igreja, depositando ali as peças de ouro. Um dos elementos arquitetônicos considerados africanos seriam as conchas nos altares, referência ao mar e o traslado rumo ao Brasil, bem como à Orixá¹³ Iemanjá; além de búzios, lagostas e o espelho usado pela Orixá Oxum.

Depois, o guia apontou para o papa negro pintado no forro da capela-mor, revelando também a presença de anjos e santos negros nos altares da igreja. A presença expressiva de imagens negras seria uma prova de que mesmo sob a escravidão e diante da obrigação de se converter ao cristianismo, os africanos mantinham sua identidade enquanto tais por meio de

13 Orixás: divindades africanas da cultura Iorubá que representam elementos da natureza.

escolhas na representação das imagens religiosas. A própria Santa Efigênia, a quem o templo é devotado, é uma santa negra de origem etíope, considerada protetora dos escravizados e representada com uma pequena casa nas mãos, o que alude ao seu poder *espiritual* de salvaguarda. De acordo com os relatos do guia, a santa é louvada em Ouro Preto desde os primórdios da mineração. Outros santos negros presentes na igreja são Santo Elesbão, que também nasceu na Etiópia, e São Benedito. Ambos teriam sido escolhidos pelos africanos devido à identificação com sua cor e seus lugares de origem.

A devoção aos santos seria tão grande que, até o século XIX, era prática comum enterrar os mortos dentro das igrejas, para que estivessem mais próximos daquelas entidades protetoras. Costume esse que só deixou de existir com a criação dos cemitérios modernos, a partir do desenvolvimento das Ciências Médicas, cujos especialistas, por meio de políticas de higienização dos espaços urbanos, criaram leis que proibiam enterramentos dentro de igrejas para evitar a proliferação de enfermidades entre os vivos (OLIVEIRA, sem data, p. 02). Mas ainda que não fossem enterrados sob o piso desses edifícios, os mortos eram dispostos ao lado, ou atrás, dos templos, formando os cemitérios eclesiásticos, que ainda se fazem presentes na cidade. Afinal, o sepultamento no interior dos locais sagrados ou próximo a eles era sinal de prestígio para os católicos. De tal maneira que a presença dos antepassados africanos também se faz presente no interior da Igreja de Santa Efigênia, em sepulcros, junto aos santos que até hoje são venerados por seus descendentes, a exemplo dos congadeiros, que sempre prestam suas homenagens nos altares das igrejas.



Pintura do Papa negro no teto da Igreja de Santa Efigênia.

(Foto: Rogério P. D. Luz)¹⁴



Altars barrocos da Igreja de Santa Efigênia.

(Foto: Rogério P. D. Luz)

Vários momentos da festa acontecem na igreja dedicada à santa etíope, como a lavagem da escadaria que dá início à festividade, o último culto do tríduo, a chegada das *guardas* visitantes que fazem homenagem no seu altar e o cortejo que passa em frente ao templo para descer a ladeira de Santa Efigênia rumo à Mina do Chico Rei.

1.1.3 – Chico Rei

Tendo em vista a relação da Festa do Reinado com a Igreja de Santa Efigênia e a figura de Chico Rei, considerado por muitos o responsável por sua construção, é necessário conhecer mais sobre esse personagem histórico para compreender as narrativas em torno da realização da Festa do Reinado. De acordo com os organizadores da festa e guias de espaços turísticos, Chico Rei foi um monarca africano chamado Galanga, vindo da região do Congo, no continente africano. Escravizado no Brasil, foi batizado com o nome de Francisco. Na então Vila Rica e atual Ouro Preto, ele teve autorização de seu senhor para explorar uma mina de ouro, a Mina da Encardideira, onde extraiu o suficiente para comprar sua liberdade, a de seu filho e de outras pessoas escravizadas. Afirmam ainda que Chico Rei fez uma festa em homenagem à Santa Efigênia, em agradecimento pela liberdade alcançada, e foi coroado novamente em meio a um cortejo festivo que, para muitos, é considerado a primeira festa de Congado de Minas Gerais. Esse é o relato mais difundido por várias das pessoas com quem conversei ao longo da minha

¹⁴ As fotografias de Rogério Luz foram retiradas de seu *blog* pessoal, Crônicas Macaenses. Disponível em: <https://cronicasmacaenses.com/2012/09/22/ouro-preto-igreja-de-santa-efigenia-ou-n-s-do-rosario-e-a-lenda-de-chico-rei/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

estadia na cidade. Tal história é frequentemente citada como um mito, mas, para muitos ouro-pretanos, Chico Rei existiu e sua memória está preservada nos relatos repassados ao longo de gerações, como também em alguns cantos entoados pelo Congado e Moçambique de Santa Efigênia, que atribuem a existência do grupo ao rei Galanga.

Em entrevista concedida à TV UFOP, Kátia Silvério, a capitã do Congado de Santa Efigênia, destaca o seguinte:

Ele começou essa festividade e a partir dessa festividade veio as danças de congo que era uma maneira também dele dançar para os seus Orixás em agradecimento. A gente fala, ah mas lá na África não tem Congado, existe aqui no Brasil porque foi um sincretismo, uma mistura, uma forma que nós achamos – que eles acharam – de cultuar o que a gente acredita sem ofender ninguém e ter a paz para fazer. (TV UFOP, 2018, não paginado).

A fala de Kátia Silvério vai de encontro com a do guia que me explicou sobre os entalhes nos altares da Igreja de Santa Efigênia, apresentando uma relação dos desenhos com símbolos das religiões de matriz africana. A capitã usa o termo “sincretismo” para definir o Congado e as crenças religiosas que envolvem sua manifestação festiva. Na mesma entrevista, Solange Palazzi da Comissão Ouro-pretana de Folclore, reforça a declaração de Kátia sobre o surgimento do Congado a partir de Chico Rei:

Acreditamos que a partir de Chico Rei isso passou a ser chamado de congado, ele reuniu grupos dançantes, ele cria um reinado e esse reinado junto com o congado e irmandade do rosário é uma criação de Chico Rei, uma criação mineira, esse reinado é essa pessoa que coloca uma coroa de santo e que recebe uma coroa de santo para ajudar nas louvações do grupo e como eu já disse, o congado é um grupo devocional a Nossa Senhora do Rosário e ele consegue fazer com que Vila Rica conheça e reconheça o Congado, o Reinado e por consequência a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz, porque além das manifestações rituais religiosas internas e externas próprias ao local, ele vai mandar também a sua corte para fazer um trabalho social na cidade. Existiam grupos que iam até a cadeia, que iam até o asilo, que iam até o hospício pra oferecer doces entre o dia primeiro onde se celebrava Nossa Senhora do Rosário e o dia seis, porque era o Dia de Reis e também saía um Reinado do Rosário, provavelmente com um Reinado de Reis. Então a partir desse conjunto de informações nós deduzimos que o Congado está em Minas Gerais desde o início de sua colonização junto com os negros numa associação muito direta com a igreja católica devido à devoção com Nossa Senhora do Rosário. (TV UFOP, 2018, não paginado).

Aqui, Solange Palazzi faz referência a um Reinado do Rosário, cujo local de reunião era a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, localizada onde atualmente se situa o Bairro Rosário. No período colonial, a irmandade vinculada a essa igreja também era destinada à população negra ouro-pretana. O que explica porque a Festa do Reinado ocorre no primeiro final de semana do mês de janeiro, por vezes coincidindo com o Dia dos Santos Reis, como aconteceu em 2019, quando acompanhei a festa. No entanto, a continuidade dessa

tradição não se deve exclusivamente à transmissão oral dos saberes do Congado, ou do Reinado, entre diferentes gerações de *congadeiros* em contato direto e ininterrupto.

De acordo com Santos, quando buscaram retomar a Festa do Reinado em 2009, os organizadores tomaram conhecimento do livro “Chico Rei: romance do ciclo da escravidão nas Gerais”, de Agripa Vasconcelos, publicado originalmente em 1966, cuja narrativa foi interpretada como uma comprovação da veracidade de seu personagem-título. Em um processo de busca identitária e de reconhecimento na cidade histórica de Ouro Preto, eles incorporaram parcialmente o enredo criado por Vasconcelos (SANTOS, 2019, p. 113). De maneira que as histórias das famílias que organizam a festa, cujos membros mais velhos foram capitães de Congado, foram sobrepostas à versão romanceada daquele escritor, que afirma ser Chico Rei o fundador do Congado de Minas Gerais. Os responsáveis pela “revitalização da festa”, portanto, ao buscar uma genealogia para sua *guarda*, criaram uma identidade para si, reconhecendo-se enquanto descendentes desse ancestral em comum.

Visitando a Mina da Encardideira, atualmente conhecida como Mina do Chico Rei, os guias me contaram as mesmas narrativas que ouvi em outros lugares, sobre a história desse homem que teria construído um túnel, dentro da mina, que levava até a Igreja de Santa Efigênia, para que, em caso de fugas, esse fosse um caminho para um local de segurança. Guilherme, o guia que me mostrou a mina e narrou a história de Chico Rei, contando mais detalhes sobre a história da mina, disse o seguinte em conversa comigo:

Guilherme: Quando a Dona Mariazinha comprou esse terreno aqui, começou a ter sonhos e a ouvir os espíritos dos escravos da mina. Eles contaram tudo pra ela sobre o trabalho deles. Aí ela criou um centro espírita aqui e fazia atendimentos. Muitas das histórias que contamos daqui foram contadas por eles.

Bruna: Inclusive a do Chico Rei?

Guilherme: Também. (informação verbal)¹⁵.

Atualmente, quem cuida da mina é o filho de Dona Mariazinha, Seu Toninho. Por se tratar de propriedade privada, sua entrada é cobrada. O passeio guiado é considerado um dos principais roteiros turísticos de Ouro Preto. Decoram o saguão de entrada da mina, imagens da figura do Chico Rei, além de diversas representações de Pretos Velhos que o guia confirmou se tratar de imagens do antigo “centro espírita” mantido no local.

15 Conversa com Guilherme, o guia da Mina de Chico Rei. Ouro Preto, jun. 2019.



Placa que sinaliza a entrada da Mina do Chico Rei
(Foto: Bruna Reis)



Representação de Chico Rei na entrada da Mina do Chico Rei
(Foto: Bruna Reis)



Imagens de Pretos Velhos na sala de entrada da Mina do Chico Rei
(Foto: Bruna Reis)



Imagens de Pretos Velhos na sala de entrada da Mina do Chico Rei
(Foto: Bruna Reis)

Além de detalhar os processos de extração do ouro na mina, *sofrimentos* e castigos sofridos pelos escravizados, os guias enfatizam a inteligência e o conhecimento desses para aquele tipo de trabalho.

A mina do Chico Rei é do século dezoito, da época da colonização portuguesa e tem 80 km quadrados de extensão, divididos em 175 galerias, iluminada por 300 metros. Quem trabalhava aqui eram escravos africanos capturados no Congo que sabiam extrair ouro e diamante. Foi um príncipe Galanga que vendido por major Augusto de Andrade e Góes, no trabalho da mina ele tirava o ouro e escondia no cabelo, nas unhas e nos dentes, foi onde ele conseguiu comprar sua alforria. Depois disso ele trabalhou como empregado do major, comprou a mina, se tornou proprietário da mina e libertou toda a tribo dele da escravidão, teve uma igreja e um castelo e foi coroado rei no Brasil pela coroa portuguesa (informação verbal)¹⁶.

A igreja em questão seria a Igreja de Santa Efigênia, enquanto que o castelo estaria situado onde hoje se encontram as ruínas do Palácio Velho, próximo da região da mina. Contudo, em visita à Mina do Palácio Velho, ouvi do guia local, Dudu, a afirmação de que Chico Rei, na verdade, possuiu e explorou todo o complexo de minas das proximidades do bairro Antônio Dias. E, curiosamente, na contemporaneidade, Chico Rei foi homenageado pela ocupação de posseiros que usa seu nome, iniciada em 2015, quando cerca de 500 pessoas entraram em terras da Novelis (ex-Alcan), empresa mineradora que atua na região, para reivindicar uma política de moradia redistributiva. O nome foi escolhido em homenagem àquele que consideram uma grande liderança negra ouro-pretana. Dessa forma, a figura de Chico Rei se relaciona em diversas instâncias com a história de Ouro Preto e ressignifica os relatos recorrentes de submissão e *sofrimento* dos negros.

A partir da figura de Chico Rei, que lhe confere embasamento histórico e reconhecimento, a Festa do Reinado se legitima enquanto *tradição* por ter surgido na cidade de Ouro Preto há, pelo menos, 300 anos, por meio dos africanos que foram escravizados e daquele que eles consideravam rei. Todo o trajeto e todo o enredo do cortejo da Festa do Reinado de Ouro Preto são pensados em sua homenagem, começando no bairro Padre Faria, passando em frente à Igreja de Santa Efigênia, onde teria acontecido a primeira festa de Congado, descendo a ladeira de Santa Efigênia rumo ao Largo de Marília, no bairro Antônio Dias, onde entram na Rua Dom Silvério, endereço em que está localizada a Mina do Chico Rei. Lá, eles encontram o Reinado Congo, formado pelos Reis e Rainhas Congos, além do Príncipe e da Princesa. Retornam, então, realizando o mesmo trajeto de antes, e param na Igreja de Santa Efigênia, onde buscam as imagens dos santos de devoção, que são colocados no palco onde é realizada a

¹⁶ Conversa com Guilherme, o guia da Mina do Chico Rei. Ouro Preto, jun. 2019.

Missa Conga, no adro da Capela Padre Faria. No percurso, uma das músicas que o grupo sempre canta é uma homenagem a Chico Rei:

Aê, Chico Rei, reiná
Aê, Chico Rei, reiná
Aê, Chico Rei,
É madeira de lei
Aê, Chico Rei, reiná.

A ideia de algo *tradicional* atrelada a um mito de origem propicia uma situação em que a identidade negra dos integrantes da *guarda* é reafirmada a cada encontro, quando homenageiam um ancestral e louvam a fé em Nossa Senhora do Rosário e demais santos do panteão congadeiro, que são, em sua maioria, santos negros. O que se reflete nos discursos em que Chico Rei serve de mediador entre a festa e a produção de identidades, como esse apontamento de Kédison Geraldo em entrevista para o jornal O Estado de Minas, em janeiro de 2019: “É de grande importância poder demonstrar nossa fé e sair pelas ruas levando Nossa Senhora nos braços, numa festa de resiliência e resistência negra, relembrando nossos ancestrais representados na figura de Galanga, o Chico Rei” (WERNECK, 2019). E essa outra declaração, em entrevista para o portal de notícias, vinculado à Prefeitura, Turismo Ouro Preto, em janeiro de 2020:

O festejo resgata a lembrança dos antepassados. É de grande importância a festa do Reinado, pois através dessa festividade mantemos viva a memória dos nossos ancestrais. Louvando, cantando e dançando em honra a Nossa Senhora do Rosário Santa Efigênia, São Benedito e Chico Rei. É a fé que nos mantém firme na caminhada. Tiraram nossos ancestrais da África, mas não tiraram a África de nós. Ela continua ecoando dentro de nossos corações e mostramos esta Fé que Canta e Dança através da batida de nossos tambores. (TAVARES; COELHO, 2020).

Outro aspecto legitimador da festa se relaciona com o universo material da fé *congadeira*. Em janeiro de 2020, a capitã do Congado de Santa Efigênia, Kátia Silvério, e Seu Wilson, zelador da Capela Padre Faria, encontraram nessa capela uma bandeira de ferro com as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. Acredita-se que a bandeira tenha, aproximadamente, 200 anos, tendo sido usada em festas de Congado no período colonial. De acordo com os meios de comunicação que divulgaram a Festa do Reinado de 2020, o descobrimento da bandeira comprovaria a antiguidade da festa, conforme defendida por seus organizadores. A bandeira foi restaurada e apresentada ao público em meio às festividades do Reinado, que também foram marcadas pela entrega do título de Patrimônio Imaterial de Ouro Preto à Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, pela Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio da cidade.



Bandeira de ferro com as imagens de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito.
Fotografia: Ane Souza – Fotógrafa da Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Ouro Preto. Festa do Reinado, 2020.

A respeito da bandeira de ferro encontrada, Sidnéa dos Santos, historiadora, pesquisadora da cultura africana e diretora de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Ouro Preto, afirma: “Por ser feita em ferro fundido e no século XVIII, ela foi feita pelas mãos de quem conhecia o ofício. Naquela época, quem dominava isso eram os africanos de Benin, Gana e Burkina Faso, sequestrados pelos portugueses e trazidos para cá” (PIMENTEL, 2020). Para Kátia Silvério, a bandeira encontrada é uma evidência histórica da existência das festas de Congado em Ouro Preto desde o período colonial: “É nossa ancestralidade. Nossos antepassados já coroavam reis negros aqui em Vila Rica. Marcaram com ferro a nossa história. E o ferro, para nós, simboliza o sagrado” (PIMENTEL, 2020). Nesse sentido, a bandeira acaba por conferir certa legitimidade aos discursos da *guarda* que realiza a festa e se denomina enquanto “descendentes de Chico Rei”. Os objetos que materializam a fé dentro dos rituais do Congado são fundamentais no jogo de socialização e nas disputas que ocorrem durante as festas de Congado. As bandeiras, que costumam apresentar o nome da *guarda* e os santos de devoção, podem ser compreendidas como um documento que distingue a identidade dos grupos aos quais elas pertencem, testemunhando a época e a história dos antepassados que as utilizaram, sendo, por isso, uma forma de legitimar o caráter *tradicional* de uma *guarda*.

1.2 – Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito

Tomei conhecimento da *guarda* de Congado Manto Azul durante minha terceira ida a campo, em meio às celebrações do mês de maio em homenagem à Santa Cruz. Esse evento de herança portuguesa é conhecido como Festa de Santa Cruz, Festa da Ponte ou Festa do Amendoim, sendo organizado pela Associação de Moradores do bairro Antônio Dias e pela Prefeitura Municipal. A festa dura três dias (03/05 a 05/05), iniciando às 19h30min, momento em que o culto tradicional se intercala com horas de diversão menos sacras. No primeiro dia (sexta-feira), a Santa Cruz foi celebrada com reza e procissão de bandeira, além de cortejo com a Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e com a Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. No segundo dia (sábado), a programação foi composta por brincadeiras populares coordenadas pelo Grupo de Escoteiros Ouro Preto, atividades desenvolvidas pela Escola Samba Preto, apresentação da banda de fanfarra da Escola Estadual Marília de Dirceu e *show* da Banda Manguacêra. No domingo, a programação seguiu com as barraquinhas de brincadeiras e finalizou a noite com *show* da Banda Fundo de Panela.

A *guarda* de Congado Manto Azul e a *guarda* de Moçambique de Santa Efigênia foram responsáveis por trazer a bandeira de Santa Cruz feita em aço para a ponte do bairro Antônio Dias. A bandeira seria colocada embaixo do cruzeiro já presente na ponte, que tinha sido enfeitado com flores, fitas e luzes. Alguns moradores acenderam velas, que foram dispostas ao lado da cruz, e um suporte foi colocado para receber a bandeira.



O cruzeiro da Ponte de Antônio Dias enfeitado pelos moradores da cidade. É costume enfeitar os cruzeiros espalhados pela cidade nesse período de festa e muitos colocam pequenas cruzeiras enfeitadas nas portas das casas, Ouro Preto, 03 mai. 2019

(Foto: Bruna Reis)

O cortejo, chefiado pelo Congado Manto Azul, seguido de perto pelo Moçambique, saiu da Casa de Cultura Negra no bairro Alto da Cruz e desceu a ladeira de Santa Efigênia. Na dianteira das *guardas*, alguns integrantes dos dois grupos carregavam a bandeira que, por ser feita de um material muito pesado, exigia mais de uma pessoa para carregá-la. E, na frente da bandeira de Santa Cruz, seguia a bandeirista do Congado Manto Azul.



A *guarda* de Congado Manto Azul e sua bandeirista, que vêm à frente, conduzindo os componentes do grupo até a Ponte de Antônio Dias. Atrás dela, a bandeira de Santa Cruz carregada por Noah e Xandão, Ouro Preto, 03 mai. 2019

(Foto: Bruna Reis)

A bandeira foi colocada no suporte embaixo do cruzeiro da ponte em meio aos toques e cantos das *guardas* de Congado e Moçambique. Nesse momento, notei que o Manto Azul possuía poucos integrantes se comparado ao Moçambique de Santa Efigênia, em torno de 10 pessoas, enquanto o Moçambique parecia ter mais de 20. A quantidade de instrumentos do Congado Manto Azul também era menor, com poucas caixas e alguns xique-xiques. Mas isso não comprometia o desempenho conjunto das *guardas*, cuja performance foi seguida de uma pequena liturgia em homenagem à Santa Cruz, realizada por um clérigo católico. Depois, a banda de fanfarra Sociedade Musical Senhor Bom Jesus das Flores, que também era uma das

convidadas da Festa da Ponte, acompanhou as celebrações no Largo de Marília, para onde as *guardas* seguiram após o fim da cerimônia na ponte. A bandeira de aço foi, então, erguida em frente à Escola Estadual Marília de Dirceu, localizada no largo, com ajuda dos capitães das *guardas* e, no final da cerimônia, o Congado e o Moçambique voltaram em cortejo pela ladeira de Santa Efigênia, rumo aos bairros onde moram seus integrantes.



A bandeira de Santa Cruz erguida na entrada da Escola Estadual Marília de Dirceu, Largo de Marília, no bairro Antônio Dias, simbolizando o início das festividades da Santa Cruz, Ouro Preto, 03 mai. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Estavam presentes na cerimônia da Ponte de Antônio Dias muitos ouro-pretanos *nativos*, estudantes moradores de repúblicas e também muitos turistas, isto é, os *três morros de Ouro Preto*. Conversando com um dos turistas que acompanhavam a festa, descobri que ele soube do evento por meio de Manteiga, componente do Moçambique de Santa Efigênia e guia turístico¹⁷. Quanto a mim, tomei conhecimento da existência do Congado Manto Azul e de sua presença na Festa da Ponte apenas poucos dias antes da realização do evento, através de um amigo. O Manto Azul estaria vinculado ao “terreiro de Umbanda da Tia Ju”, médium que também é capitã da *guarda*, cujo “terreiro”, localizado no bairro Santa Cruz, abre para atendimentos nas quartas-feiras. Como já havia acompanhado a Festa do Reinado em janeiro e

17 A localização do bairro Antônio Dias também favorece a junção dos *morros*, uma vez que ele está situado na região central da cidade, próximo de muitos estabelecimentos de hospedagem e dos bares e restaurantes do Largo de Marília, muito frequentado pelos turistas.

conhecia os esforços dos congadeiros por reconhecimento oficial, enquanto patrimônio imaterial representante da cultura negra, fiquei surpresa ao descobrir que havia outra *guarda* na cidade, além do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, vinculado à APAE, e das *guardas* de Congado distritais de Miguel Burnier e Santo Antônio do Salto. Conforme me contaram posteriormente, o Manto Azul, de fato, não esteve presente na Festa do Reinado em 2019. Por isso, eu não o conhecia.

1.2.1 – Casa da Bênção da Vovó Maria Conga

Como não foi possível conversar com qualquer um dos integrantes da *guarda* recém-conhecida durante a Festa da Ponte, pedi o endereço do “terreiro de Umbanda da Tia Ju” com aquele meu amigo e, na quarta-feira (08/05), fui até o bairro Santa Cruz, seguindo as referências que me foram dadas sobre sua localidade. Um dos acessos possíveis ao bairro é pela rua lateral da Igreja de Santa Efigênia, a Rua do Cruzeiro. Seguindo por ela, acompanhando a divisa do cemitério, chega-se em uma bifurcação, com uma das ruas seguindo à esquerda e a outra, à direita – essa se chamando Rua das Mangabeiras. É por ela que se deve continuar o trajeto. Em determinada parte dessa rua não se tem mais casas e o aspecto da paisagem é quase rural, com muita vegetação e uma ribanceira do lado direito da rua, que é estreita. É nesse lado, próximo à ribanceira, na segunda escadaria, que se encontra uma placa de cor roxa sinalizando o brechó Bell Modas. É preciso descer 83 degraus até o “terreiro da Tia Ju”. Trata-se de um terreno pequeno com duas casas também pequenas, e simples, a primeira sendo sua moradia e a segunda, o lugar onde ela realiza os atendimentos. Da entrada de uma das casas, é possível avistar a porta da segunda casa, no final de um corredor.



Caminho até a casa dos fundadores da *guarda* de Congo Manto Azul e da Casa da Bênção da Vovó Maria Conga na Rua das Mangabeiras, Ouro Preto, 2019
(Foto: Bruna Reis)



Porta de entrada da Casa da Bênção da Vovó Maria Conga, Ouro Preto, 2019
(Foto: Bruna Reis)

Uma senhora negra estava sentada na entrada da segunda casa, e acenou para que eu entrasse quando perguntei se aquele era o “terreiro da Tia Ju”. O gesto que ela fez em afirmação foi rápido, levando um dedo à frente da boca, como se eu não pudesse chamar o lugar de “terreiro da Tia Ju” em voz tão alta. Segui pelo corredor e entrei no pequeno cômodo de paredes azuis, onde várias mulheres, sentadas em bancos compridos de madeira, esperavam pelo atendimento. A senhora, chamada Aparecida, instruiu-me a tirar os sapatos e não cruzar as pernas e os braços enquanto aguardava, indicando quem tinha sido a última a chegar ali para que eu soubesse quando seria minha vez. O atendimento teria início às 15h. Nas paredes do cômodo, havia cartazes colados com mensagens informando o que fazer e como se comportar naquela casa, sendo uma das instruções a retirada dos sapatos, assim como o uso preferencial de roupas claras ou brancas, desligar o celular, não fumar ou beber no ambiente e evitar conversas durante o atendimento. No cartaz de maior evidência estava escrito “A Casa da Bênção da Vovó Maria Conga”. Ao lado dele, outro cartaz continha a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em volta da qual estava escrito “Vovó Maria Conga Casa da Bênção”, indicando o que imediatamente compreendi ser o nome do “terreiro da Tia Ju”. Em um dos

cartazes menores se lia “Contribuições para ajudar na manutenção da mesa da Vovó Maria Conga” e no outro, “Temos banhos de abre caminho e amor”. Na outra parede, uma “Mensagem do Pai Joaquim de Angola” junto a outro cartaz com uma pequena oração, uma estátua de Nossa Senhora das Graças no canto da parede, um vaso com espadas-de-são-jorge no chão e, no alto da porta, várias cabeças de alho.



Sala de espera da Casa da Benção da Vovó Maria Conga, Ouro Preto, 2019
(Foto: Bruna Reis)



Sala de espera da Casa da Benção da Vovó Maria Conga, Ouro Preto, 2019

(Foto: Bruna Reis)

A Casa da Bênção possuía dois cômodos, sendo um, de espera e o outro, para os atendimentos. O portal que separava um cômodo do outro era coberto por uma fina cortina branca que, entreaberta, revelava o congá, altar com imagens de entidades católicas e umbandistas, com velas e adereços diversos. Nas paredes do congá, havia fotografias de Jussara incorporada de Vovó Maria Conga, entidade responsável pela Casa de Oração que leva seu nome, além de imagens de Orixás e entidades da Umbanda, como Pretos Velhos e Caboclos.

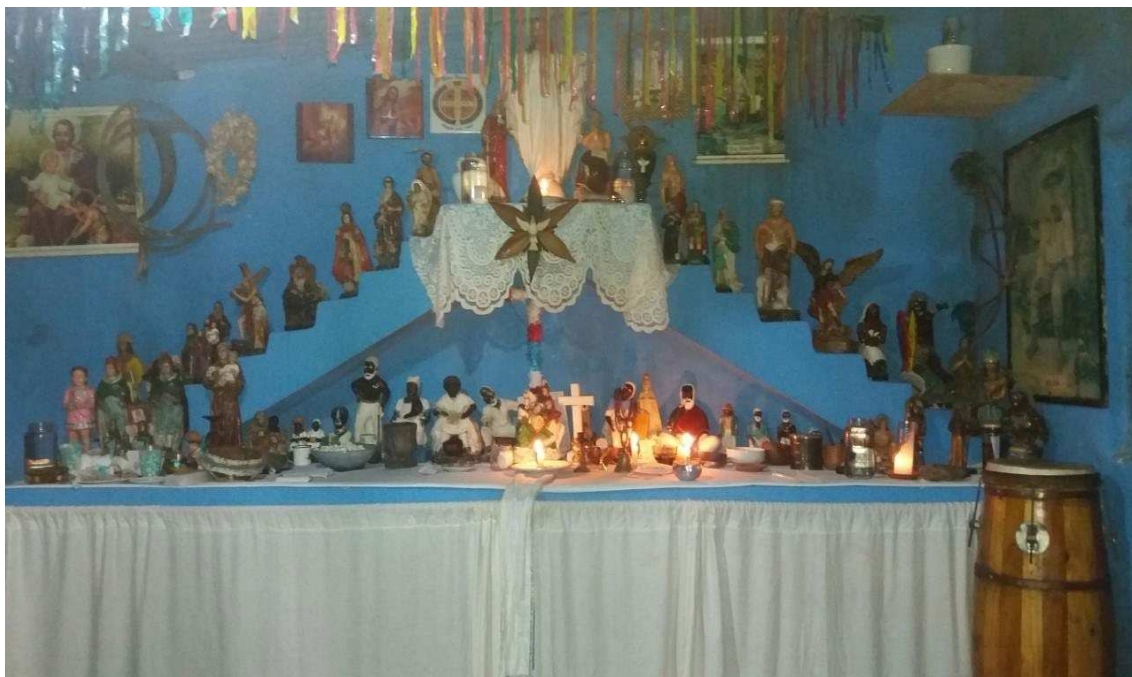
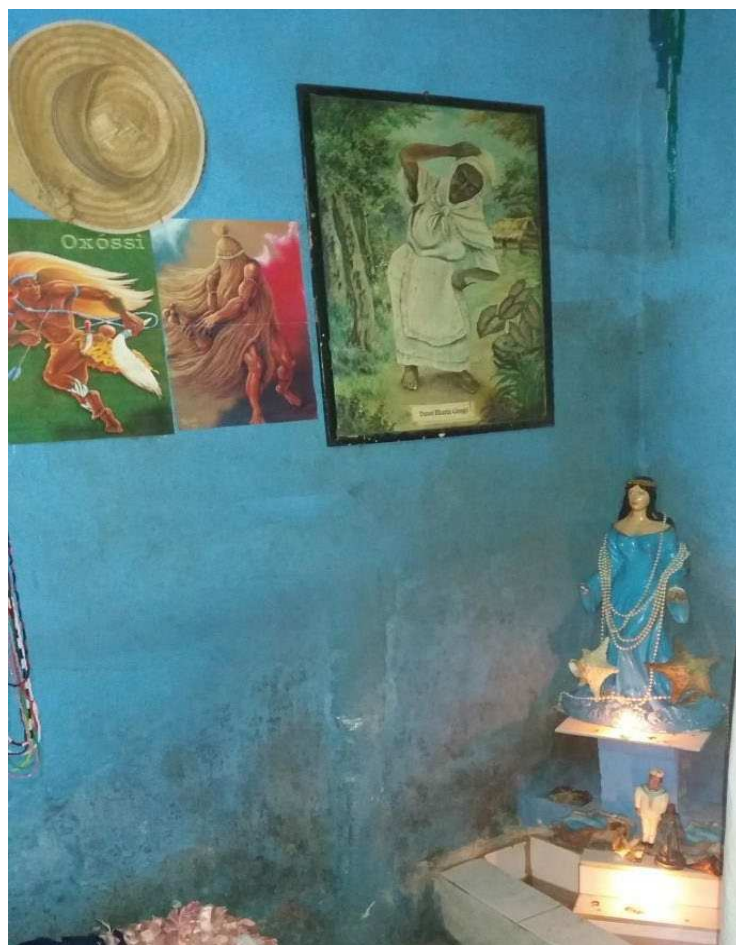


Foto do congá, ou altar, da Casa da Benção com santos católicos e entidades da Umbanda, Ouro Preto, 2019
(Foto: Bruna Reis)



Atabaque e imagens de Caboclos e um Preto Velho, dentro do congá. Ouro Preto, 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Imagens dos Orixás Oxossi e Obaluaê, da entidade de Preta Velha Vovó Maria Conga e um poço de Iemanjá, dentro do congá. Ouro Preto, 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Enquanto esperava ser atendida, Aparecida me explicou que o serviço da casa se tratava de um benzimento com a Vovó Maria Conga, entidade de Preta Velha que incorpora¹⁸ em Jussara, nome da “Tia Ju”. A outra mulher que estava sentada ao meu lado, chamada Rosi, aconselhou-me a anotar o que eu gostaria de perguntar para a “Vovó”, e assim o fiz. Ela me contou que frequentava a Casa da Benção há muito tempo e, mesmo não sabendo bem como acontecia a incorporação ou como funcionava o benzimento, sempre voltava porque sentia que aquilo fazia bem para ela e sua família, sendo fiel à Casa da Bênção da Vovó Maria Conga, seu lugar de devoção. Aparecida comentou que sempre se benzeu ali, mesmo sabendo de “outros lugares” em Ouro Preto, como nos bairros Alto da Cruz e Barra, e na cidade de Mariana. Contei a elas que estava ali para saber também da história do Congado Manto Azul, e Aparecida se ofereceu para avisar Jussara, que estava almoçando. Voltando, ela contou que a médium me chamava para que eu explicasse meu interesse pela *guarda*. Entrei na outra casa e segui até a

¹⁸ Incorporação: ato pelo qual um espírito se manifesta através do corpo de um médium, quem intermedeia a comunicação dos espíritos com as demais pessoas.

cozinha, onde se encontrava Jussara, mulher negra de aproximadamente 40 anos, vestida com uma saia comprida, blusa e faixa branca. Por cima da blusa, apresentava várias guias penduradas no pescoço. Nós nos cumprimentamos e expliquei que estava em Ouro Preto para pesquisar as *guardas* de Congado da cidade e, por isso, estava interessada em conhecer mais sobre o Manto Azul e sua história de formação. Jussara sugeriu que eu voltasse no sábado, dia de ensaio do Congado, para que pudesse me contar sobre tudo e para que eu conhecesse o grupo que forma a *guarda*.

Depois da nossa conversa, voltei para a sala de espera da Casa da Bênção e aguardei pelo atendimento. Outras duas mulheres chegaram para ajudar Jussara, sendo a função de uma delas registrar por escrito os aconselhamentos que Vovó Maria Conga transmitia para as pessoas benzidas e a função da outra, chamar as pessoas que estavam na vez de ser atendidas. Posteriormente, compreendi que as três se revezavam no atendimento e na incorporação, uma vez que as sessões começam por volta das 09h e terminam perto das 20h, com uma única pausa de almoço entre as 12h e as 14h. Considerando que o processo de incorporação demanda muito das médiuns, faz-se necessário esse revezamento, onde cada uma atende com sua entidade de Preta Velha. Para receber a entidade, elas defumam os cômodos cantando:

Descarrega, descarrega, é na paz de Deus e Nossa Senhora
Descarrega, descarrega, é na paz de Deus e Nossa Senhora
E todo mal que aqui estiver
As nêga véia vai levar pra Angola
E todo mal que aqui estiver
As nêga véia vai levar pra Angola

Quando chegou minha vez, entrei no congá onde Jussara, sob incorporação de Vovó Maria Conga, encontrava-se sentada num banco baixo, próximo do chão, manipulando um cachimbo em uma das mãos, e tendo ao seu lado um pote onde cuspi o tabaco. Cumprimentei a Vovó – como vou me referir à entidade de Vovó Maria Conga em alguns momentos do texto – conforme uma das assistentes havia sugerido: “a bença, Vovó”, ao que ela me perguntou como eu estava e se tinha algum problema para resolver. Sua forma de falar é bem peculiar, usando pronomes de tratamento como “vosmecê” ou “suncê”, típicos do português brasileiro arcaico. Além disso, seu trato é de muito afeto e muito zelo, transmitindo serenidade para quem ela atende. O benzimento é realizado com as mãos, fumaça do cachimbo e orações. Vovó costuma prescrever um banho de ervas com base nas necessidades de quem a procura, o que é anotado por uma das assistentes que acompanha o serviço.

1.2.2 – Vovó Maria Conga

Vovó Maria Conga é o nome dado a uma entidade de Preta Velha, isto é, uma manifestação que pertence a uma das linhas de trabalho da religião afro-brasileira denominada Umbanda. Os Pretos Velhos são espíritos que, geralmente, apresentam-se sob o arquétipo de velhos africanos que viveram no período da escravidão e que contam histórias sobre o tempo do cativeiro. A linha de atuação dos Pretos Velhos é constituída por uma série de personificações, organizadas de acordo com características específicas, como Maria Cabinda, Maria Redonda, Pai Joaquim de Angola, Benedito de Aruanda e tantos outros. Essas personificações representam alguém que viveu no mundo terreno, mas evoluiu espiritualmente e, por isso, não reencarna mais, podendo, no entanto, manifestar-se como uma das entidades de Pretos Velhos, respondendo pela alcunha da persona.

Mas essa não é a única linha de trabalho dentro da Umbanda, também existindo outras entidades e linhas de atuação: Exus, Pombagiras, Erês, Caboclos, entre outros, que compõem a prática da religião umbandista (SARACENI, 2014). Rubens Saraceni descreve a entidade de Pretos Velhos da seguinte forma:

Assim como Caboclo, Preto-Velho, no Ritual de Umbanda Sagrada, é um grau manifestador de um Mistério Divino. Nem todo Preto-Velho é preto ou velho. São espíritos elevadíssimos que se manifestam sob a aparência de negros escravos, trazendo-nos o exemplo da humildade e simplicidade da alma. Seu campo de atuação é vastíssimo e os encontramos nos sete sentidos da vida dos seres. Sua manifestação desperta a paz, a tranquilidade, a esperança e a perseverança, remetendo-nos à reflexão de nossa própria natureza íntima. Com sua sabedoria e paciência, traz sempre uma palavra de fé e de consolo. (SARACENI, 2014, p. 151).

No processo de incorporação ou chegada dessa entidade nos terreiros de Umbanda, cantam-se os pontos¹⁹, canções rituais que também fazem referência à escravidão e ao traslado dos africanos ao Brasil. Muitos fazem menção também a entidades católicas, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, e até referências ao reinado do Congado, como esta:

São Benedito que manda nos Pretos Velhos
São Benedito manda Rei Congo abaixar
Auê meu pai auê meu pai
Peço licença deixa os velhos trabalhar

Retomando o que foi dito por Rubens Saraceni sobre os Pretos-Velhos, “sua manifestação desperta” “a tranquilidade, a esperança”, “consolo” e “sabedoria”, sendo em razão disso procurada por seus conselhos, benzimentos, sua prescrição de banhos de ervas e suas

19 Cânticos importantes nos rituais dos terreiros.

práticas de *proteção* diversas para a cura de males físicos e *espirituais*²⁰. Entretanto, sua atuação não se restringe apenas à Umbanda, circulando entre variados sistemas de crença. Os Pretos Velhos são uma das entidades espirituais mais conhecidas pelas pessoas em geral, não sendo difícil encontrar sua representação figurativa em peças de gesso ou pinturas, como aquelas que se fazem presentes na Mina do Chico Rei.

Essas entidades costumam ser celebradas no dia 13 de maio, data que marca oficialmente a abolição da escravidão no Brasil. Quando conheci o Congado Manto Azul, faltavam poucos dias para a festa de Pretos Velhos realizada na Casa da Bênção, que aconteceria numa segunda-feira à noite, dia em que costumam acontecer as giras. Segundo disse Jussara, que me convidou para o evento, esse seria o “dia da liberdade deles, quando cantam, dançam e fazem a festa!”. Em dias como esse, seja de festa ou de gira, é aconselhável levar velas e fumo para ajudar no preparo. Muita gente compareceu ao 13 de maio daquele ano, a ponto de ser preciso organizar uma fila para que todos pudessem entrar nos pequenos cômodos e ser atendidos. A festa começou com os batuques e pontos cantados, seguidos pelas incorporações dos médiuns da casa e, por fim, Vovó Maria Conga chegou acompanhada do Preto Velho incorporado por um dos ajudantes da gira. Os dois se sentaram e Vovó pediu por organização, para que todos fossem atendidos.

Em dado momento, pude conversar um pouco com o Preto Velho que ajudava Vovó Maria Conga nas bênçãos:

Bruna: Para onde o senhor vai depois daqui?

Preto Velho: Vou pra Aruanda

Bruna: O senhor é feliz lá?

Preto Velho: Sim, vamos pra Aruanda porque pro céu só vai anjo. Temos que trabalhar a evolução ainda.

Bruna: Qual o nome do senhor?

Preto Velho: Seu Benedito de Aruanda.

Bruna: O senhor viveu aqui em Ouro Preto?

Preto Velho: Não, morava em Minas Gerais, numa fazenda de café. (informação verbal)²¹.

Devido ao ruído alto da festa e a grande quantidade de pessoas, não consegui fazer outras perguntas para Seu Benedito de Aruanda e também senti que existe uma limitação no que ele quer que saibam sobre sua vida terrena, mostrando ser uma figura de mistério. Os batuques e a cantoria continuavam durante todo esse processo, até que a Vovó se levantou para abençoar

²⁰ A definição de “espiritual” ou “espiritualidade” apontado de forma recorrente por Jussara se relaciona com sua mediunidade e vivência religiosa enquanto médium da Casa da Bênção, podendo ser definida como uma forma que ela encontra de justificar sua conexão e comunicação com o que considera sagrado como os santos, entidades e orixás.

²¹ Conversa com Seu Benedito de Aruanda. Ouro Preto, 13 mai. 2019.

quem estava mais para fora da casa e também todos os tocadores. No final da festa, foi servida uma refeição para todos. E essa foi uma das maiores festas da Casa da Bênção que pude acompanhar devido à grande quantidade de pessoas que compareceram, não só as frequentadoras que têm o costume de se benzer nas quartas, como moradores dos bairros próximos e até mesmo um dos integrantes do Moçambique de Santa Efigênia.

Depois da sessão com Seu Benedito de Angola, procurei saber mais sobre a história de vida da Vovó Maria Conga. Para isso, conversei com Tiane, filha mais nova de Jussara, que me contou que ela teve uma vida de *sofrimento*, marcada por castigos, violência doméstica e a perda dos filhos: “A Vovó da minha mãe sofreu bastante quando era viva, o marido dela amarrava ela no porão e ela não podia ter contato nem com os filhos. Passava sede, fome e apanhava muito” (informação verbal)²². Tiane apresenta Vovó Maria Conga como alguém que sofreu muito, mas que é admirada como uma “guerreira” entre aqueles que conhecem sua manifestação como Preta Velha, por ter resistido ao *sofrimento* que lhe foi infligido. Sendo importante destacar que a história de Vovó Maria Conga é específica da entidade que trabalha na Casa da Bênção, uma vez que:

Os nomes dos Pretos-Velhos fazem referência a uma origem africana: Congo, Angola, Moçambique, etc. Talvez a inexistência de regras padronizadas sobre o panteão umbandista tenha permitido a variedade de entidades; assim, pelo mesmo nome podem responder diferentes Pretos-Velhos, ou seja, um Pai Antônio de Niterói pode possuir história de vida diferente da mesma entidade no Rio de Janeiro ou em Curitiba. Embora haja a possibilidade de coexistirem diferentes representações espirituais, quase todas as manifestações se apresentam como espíritos de escravos (SOUZA, 2007, p. 25).

Para os devotos de Vovó Maria Conga, a superação do seu *sofrimento* está atrelada ao seu poder de cura, manifesto por meio das bênçãos. A cura é um aspecto fundamental da Umbanda, tanto no âmbito físico quanto no emocional, sendo esse um dos principais fatores para que muitas pessoas frequentem os “terreiros”, estabelecendo interações simbólicas com as entidades que são chamadas de “vovó” e “vovô”, denominações que descrevem um tipo de relação de parentesco que os fiéis estabelecem por meio das lideranças dos “terreiros”, conhecidas como “pais” e “mães de santo”. Daí a constatação do caráter familiar dessas relações, em que os devotos reconhecem uns aos outros como “irmãos”, a que também se soma uma identificação étnica (SOUZA, 2007).

Muitas vezes, os Pretos Velhos são interpretados como sujeitos passivos diante dos *sofrimentos* ou submissos aos seus senhores, tendo morrido sob a condição de “escravos”, diferentemente de outras figuras, como Zumbi dos Palmares. ou até mesmo Chico Rei. Em

22 Conversa com Tiane. Ouro Preto, jun. 2019.

artigo dedicado a uma análise aprofundada sobre os Pretos Velhos, mais especificamente, sobre Pai João, Martha Abreu (2004, p. 238) demonstra o caráter racista desse pensamento, propondo uma visão menos superficial e mais complexa sobre essa entidade a partir da análise de contos e músicas:

Por um lado, na perspectiva do “bom escravo” conformado à escravidão, encontramos avaliações e evidências que qualificam este personagem como resignado, sofredor, lerdo, preguiçoso, nostálgico, portador de uma reação acabrunhada e mansa. Por outro lado, muitas vezes no mesmo autor, lemos sobre um escravo com opiniões próprias, astuto, esperto, vingativo, crítico e irônico [...] Ora, todas estas possibilidades podem ser vistas como ações importantes da luta dos escravos pela liberdade, pela valorização e coesão do grupo e pela afirmação de uma identidade que não se resumia à subordinação ou à resignação, costumeiramente atribuídas a Pai João. Encontrei histórias de Pai João muito variadas: ele podia cantar a saudade de sua terra de origem, a oportunidade de diversão nas festas dos senhores e o afeto por estes; reclamava dos castigos (como a raspagem da cabeça), da péssima alimentação e do excesso de trabalho; protagonizava histórias onde dormia demais, curava seu amo, roubava-o e enganava-o. Nestes últimos casos, fingia saber ler, roubava galinhas e outros alimentos e “enrolava” no trabalho, de uma forma muito semelhante à de muitos escravos reais. Também dava recados errados, pedia a alforria, ficava feliz porque o engenho havia queimado e reclamava de uma sinhá, sua freguesa, que não pagava as compras (e “ele tinha que dá conta de seu cativo!”). (ABREU, 2004, p. 248-249).

A partir da análise da autora, é possível perceber que Pai João demonstrava ter consciência de sua condição subalterna, indicando modos reais de resistir às agruras da escravidão. Modos de resistência ao sistema escravocrata que não necessariamente se aproximavam dos sistemas de quilombos. Além disso, é importante considerar que os Pretos Velhos agem tanto no tempo passado quanto no tempo presente, estando presentes e ausentes ao mesmo tempo, uma vez que, na Umbanda, tem-se a crença de que os espíritos desencarnados podem retornar ao plano dos vivos com o intuito de auxiliá-los em seu desenvolvimento e aprendizado, seja no plano terreno ou no *espiritual*, representando o passado histórico da escravidão que vivenciaram ao mesmo tempo em que atuam no momento presente, transmitindo sua sabedoria, enquanto espíritos evoluídos que auxiliam quem deles precisa, por intermédio dos médiuns de incorporação (REZENDE, 2017).

Mas se os Pretos Velhos são respeitados, também são temidos por seus devotos, por conta de seu poder atuante em várias esferas da vida de quem os procura. Em alguns pontos famosos da Umbanda, a Vovó aparece de maneira tão imponente quanto os Vovôs, como nos trechos seguintes:

Tudo que peço a Vovó ela faz
Também o que eu peço ao Vovô ele faz
Tudo que peço a Vovó ela faz
Também o que eu peço ao Vovô ele faz
O que quero mais? O que eu quero mais?

O que quero mais? O que eu quero mais?
Ele é rei de Aruanda, mas Vovó também manda
Quando os dois pedem juntos ninguém me passa pra trás

Em outro ponto, é destacado o poder de atuação dos Pretos Velhos como benzedeiros, ao mesmo tempo em que se canta que eles são capazes de repreender duramente:

A bengala de Pai Joaquim bate devagar, mas pode doer
O Rosário de Pai Joaquim tem mironga pra benzer
Tem dendê, meu ziffo, ô tem dendê
Tem dendê, meu ziffo, ô tem dendê
O Rosário de Pai Joaquim tem mironga pra benzer

Ainda que essas entidades pertençam ao panteão da Umbanda, algumas pessoas com quem conversei, aguardando atendimento na Casa de Oração, são devotas de Vovó Maria Conga e de outras entidades sem aderir ao modo de vida umbandista, procurando atendimento apenas em busca de *proteção* para uma vida melhor – sem problemas de saúde, financeiros, sem desemprego ou conflitos amorosos. Alguns estudantes de repúblicas também buscam os atendimentos de Vovó Maria Conga no “terreiro da Tia Ju”, como eles chamam o lugar. Aliás, um dos motivos pelos quais o *morro dos estudantes* frequenta a casa de Jussara se deve ao fato de que a Rainha Perpétua do Congado Manto Azul trabalha como faxineira na República Caxotinho, localizada no bairro Antônio Dias. A proximidade com as moradoras fez com que ela, a Rainha, difundisse os atendimentos da Casa da Bênção. Além disso, um amigo meu da República Xiboca também já tocou com a *guarda* Manto Azul por um tempo, demonstrando a abertura da capitã e dos demais integrantes em aceitar quaisquer pessoas para compor o grupo, participar das giras quinzenais e dos benzimentos semanais.

Enquanto estive em campo, procurei me benzer semanalmente e notei que, apesar da circulação de estudantes de repúblicas, a maioria dos frequentadores da Casa da Bênção da Vovó Maria Conga é de mulheres, negras, de faixa etária variada, moradoras do bairro ou do restante da cidade, isto é, *nativas*. No horário costumeiro de minhas visitas, à tarde, eu encontrava quase sempre as mesmas mulheres, assíduas fiéis de Vovó Maria Conga. Perguntei para algumas delas sobre suas identidades religiosas e a maioria afirmou ser católica, espírita e ter crença em várias religiões. Jussara e sua família se declaram espíritas, estabelecendo sua relação com o sagrado por meio da Umbanda e do Congado, mediada pelos santos e por Vovó Maria Conga. Conforme destaquei anteriormente, quando conheci a Casa da Bênção perguntando pelo “terreiro da Tia Ju”, houve gestos para que eu falasse mais baixo ou não mencionasse esse nome, algo que pode ser justificado pela perseguição religiosa e o preconceito ainda muito comum contra religiões afro-brasileiras. Por ser uma cidade marcada pelos templos e irmandades católicas, muitos ouro-pretanos demonstram surpresa ao descobrir a quantidade

de locais de culto de religiões afro-brasileiras na região, como aqueles indicados por Aparecida. Mas poucas pessoas sabem informar a localização exata desses lugares, podendo estar localizados nos fundos das casas de moradia ou em lugares mais discretos, como a própria Casa da Bênção da Vovó Maria Conga, que não possui nenhuma placa de identificação na entrada.

1.2.3 – Organização da *guarda*

O primeiro contato dos fundadores do Manto Azul com o Congado ocorreu por meio de Tiane, filha mais nova de Jussara, que havia participado da *guarda* de Congado e Moçambique de Santa Efigênia. Por intermédio da filha, Jussara também acabou por entrar no grupo:

Toquei com eles até que um dia durante uma Festa do Reinado vi a Kátia de longe e senti naquele momento que nossos caminhos já não se cruzavam mais e assim comecei o meu. A pedido da vovó eu fundei o Manto Azul e aos poucos fui ganhando caixas e santos. A vovó preparou tudo para que eu começasse, porque eu faço parte dos médiuns que dançam e louvam sua fé pela música e pela dança, por isso tinha que ser Congado que é festa, é animado. A gente mora num lugar onde os escravos moravam e tem demanda deles também pra eu manter os atendimentos e o Congado. (informação verbal)²³.

De acordo com Jussara, o Congado Manto Azul foi fundado em 2014 e tem relação direta com Vovó Maria Conga, pois foi ela quem aconselhou a fundação da *guarda*. Dessa forma, a história do Manto Azul está diretamente atrelada à Casa de Oração e à religião da Umbanda, uma vez que o Congado surgiu de um pedido da entidade que orienta a Casa, sem possuir vínculos com qualquer irmandade católica. Jussara não faz referência ao seu local de trabalho afetivo e *espiritual* como um “terreiro”, e sim como “Casa de Oração”, “Casa da Bênção” e, de forma mais recorrente, como “Congado”, relacionando o local ao Manto Azul. Em julho de 2019, o Manto Azul completou 5 anos de existência, mas, há 16 anos, Jussara mantém a Casa de Oração e faz os atendimentos. A fundação da Casa aconteceu depois de consulta com uma médium, que lhe disse que ela deveria seguir os caminhos da mediunidade para exercer um papel social com isso, ajudando outras pessoas.

Por ter se afastado do Congado de Santa Efigênia e formado sua própria *guarda*, inicialmente, Jussara não foi bem aceita pelos capitães do outro grupo, criando uma situação tensa entre eles na época. Mas, atualmente, há um movimento de aceitação e interação em curso.

Sofri muita provação, fiquei doente, tive queimaduras no corpo todo, e foi muito difícil sair com o meu congado a primeira vez. O povo também tem muito preconceito e falam que eu faço macumba. Sinto na pele a não-aceitação das pessoas e passo muita dificuldade. Tenho que cuidar de todo mundo, do Congado e dos atendimentos. (informação verbal)²⁴.

23 Conversa com Jussara. Ouro Preto, mai. 2019.

24 Conversa com Jussara. Ouro Preto, mai. 2019.

A capitã do Manto Azul demonstra ser grata pela religião que professa, mas também apresenta um senso de obrigação, comprometendo-se a manter sua rotina de atividades mediúnicas, mesmo que ela seja a causa de seus problemas de saúde. Aí sendo acionada a ideia de *provação*, de que a fê do *congadeiro* é constantemente testada, por exemplo, com dificuldades financeiras que inviabilizam a locomoção com a *guarda* para os encontros de Congado. Tais adversidades também são consideradas *provações* porque colocam os indivíduos diante das disputas entre os Congados, representando um perigo em relação ao outro e à sua devoção pessoal. O preconceito associado à “macumba” se deve ao vínculo direto do Manto Azul com a Umbanda, o que os demais *congadeiros* podem vir a rechaçar como algo que detém o potencial de afetar a imagem do Congado, já bastante deturpada perante a opinião pública. Observando diferentes *guardas* durante suas festas, verifiquei que todos os seus integrantes admitem que há várias formas de se fazer o Congado, sugerindo, depois, que seu modo é mais legítimo. Seguindo a mesma lógica, eles utilizam vários elementos próprios de religiões de matriz africana, mas nem sempre afirmam esse vínculo simbólico abertamente. O reconhecimento da diversidade de saberes e práticas ocorre, mas as tensões e críticas se fazem igualmente presentes e estruturam a rede de contatos entre os Congados da região de Ouro Preto, orientando os ritos dos encontros e tornando necessárias as medidas de *proteção*.

Durante nossa conversa, Jussara afirmou que eu somente entenderia o Congado acompanhando o ensaio deles, que aconteceria no sábado (11/05), ou entrando para o grupo. Prontamente, aceitei o convite e conheci os integrantes do Manto Azul durante o ensaio para a Festa do Divino, que aconteceria na cidade de Mariana. No período em que estive em campo e participei da *guarda*, o grupo estava organizado da seguinte forma: a capitã era Jussara, que também tocava uma das caixas, sendo responsável por ditar o ritmo dos toques e das músicas que são cantadas ao longo dos cortejos; ela recebia ajuda de suas filhas, Tiane e Kiki, e de seu marido, Zinho, que também coordenavam os ritmos e tocavam caixas, revezando-se com alguns dos meninos que compõem a *guarda*, como Tavinho; Noah, estudante de Filosofia na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), era responsável pelo toque da caixa maior e mais grave; a bandeirista era Afonsina, madrinha de Tiane e amiga da família, sendo, em algumas circunstâncias, substituída por Maria, moradora do bairro Bauxita que trabalha com limpeza de ônibus; atrás da bandeirista, na guia do grupo, estavam Laísa, vizinha de Jussara e sua família, e Rafaeli, amiga da família e moradora do bairro Bauxita, integrando também a seção de dançantes; Roger – o irmão mais novo de Laísa –, Bianca, Tavinho, Xandão, Tininha, Lívia e

eu éramos os outros dançantes²⁵, sendo essa seção a mais instável, tendo mudado algumas vezes durante o período em que acompanhei a *guarda* – todos esses dançantes, com exceção minha, são moradores do bairro Santa Cruz, amigos da família e frequentadores da Casa da Bênção. O reinado era formado por Andyaria, Dona Geralda, Seu Geraldo, Dona Cecília e Seu Milton. Andyaria, moradora do bairro Padre Faria, era Rainha Conga no dia da festa da *guarda*, que acontece em novembro, e dançante ao longo do restante do ano. A Rainha Perpétua era Dona Geralda, que trabalha como cozinheira e faxineira na República Caixotinho, localizada no bairro Antônio Dias. O Rei Congo era Seu Geraldo, aposentado e morador do bairro Santa Cruz. Dona Geralda e Seu Geraldo eram aqueles que representavam o reinado do Manto Azul em todos os encontros de Congado ao longo do ano. Os Reis Festivos, que saem com a *guarda* somente no dia da festa de novembro, eram Dona Cecília e Seu Milton, casados e donos do Bar do Milton, onde acontece parte da Festa do Manto Azul. Assim como Jussara e sua família, a maioria de todos os integrantes do Manto Azul era negra, de baixa renda e moradores de bairros ouro-pretanos considerados periféricos: Padre Faria, Alto da Cruz e Santa Cruz.



Guarda de Congado Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito na 5ª festa da *guarda*, Ouro Preto, 17 nov. 2019.

Os patronos do grupo são Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, mas a entidade de Preta Velha Vovó Maria Conga também faz parte do panteão da *guarda*. Apesar da presença de Nossa Senhora do Rosário ser intrínseca à fé dos congadeiros, essa manifestação da Virgem

25 Os dançantes tocam o xique-xique, uma espécie de pandeiro, ou usam bastões enfeitados para realizar danças que simulam uma batalha de espadas.

Maria já é patrona do Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, motivo pelo qual Nossa Senhora Aparecida – Virgem negra e padroeira do Brasil – foi escolhida como patrona da *guarda* Manto Azul, sendo homenageada nos rituais do Congado junto de São Benedito, para não causar confusão entre os nomes das diferentes *guardas*.

1.3 – Modelos de representatividade e disputas de narrativa: Chico Rei e Maria Conga

Traçando paralelos entre Chico Rei e Vovó Maria Conga, há em comum a ênfase na experiência da escravidão vivenciada pelas duas personalidades, assim como na libertação e na superação de tal estado de cativeiro em suas trajetórias de vida. Em ambos os casos, os conceitos de libertação e superação são uma referência para os descendentes dos africanos no Brasil que, tanto no passado quanto no presente, enfrentam as discriminações herdadas do período colonial. Nesse sentido, Chico Rei e Vovó Maria Conga podem ser interpretados como modelos de representatividade da condição de “ser livre”, mesmo em circunstâncias adversas, contribuindo, em Ouro Preto, para a atualização do Congado na contemporaneidade. Os dois ancestrais congadeiros ressignificam a ideia de *sofrimento* que constitui a memória coletiva local, indo além dos estereótipos do “escravo” passivo presentes no circuito museal, que não apresenta a agência histórica e as formas de resistência dos escravizados, bem como sua contribuição material e imaterial na formação da cidade, provocando uma baixa autoestima e um enfraquecimento de modelos representativos para os cidadãos negros de Ouro Preto.

Os Pretos Velhos evidenciam a relação do Congado com a religião afro-brasileira Umbanda, tanto por meio da figura de Vovó Maria Conga, em relação ao Congado Manto Azul, quanto pela retórica dos capitães do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, que descrevem a dança do Moçambique como um simulacro da gestualidade inerente aos Pretos Velhos: com o corpo curvado, usando de cajados para se apoiar, enquanto reproduzem o *sofrimento* dos anciões através de cânticos lúgubres, acompanhados de sons instrumentais igualmente melancólicos. Ademais, muitos congadeiros e guias turísticos afirmam que Chico Rei cultuava seus Orixás por meio do Congado, estando os elementos de suas crenças pessoais presentes na Igreja de Santa Efigênia, templo que ele teria construído. Por fim, o uso de guias²⁶ no pescoço e roupas brancas pelos integrantes das *guardas* nos dias de festa aproxima-os da forma como os adeptos das religiões afro-brasileiras se vestem nas suas giras.

Esses dois modelos de representatividade das *guardas* de Congado de Ouro Preto possibilitam a revisão da história da população negra sob uma perspectiva diferente daquela oficial e dominante. O que, no entanto, não reduz as narrativas de surgimento e legitimidade do

26 As guias são colares feitos com miçangas ou contas de rosário transpassadas em fio de nylon. Elas são usadas com o objetivo de *proteção* e identificação das entidades, Orixás ou santos.

Congado na região a um relato único, como pude observar em campo, tendo conversado com Jéus Eduardo Florentino, fundador da Folia de Reis de Ouro Preto e morador do bairro Padre Faria, que apresenta outra narrativa sobre o surgimento da Festa do Reinado na cidade de Ouro Preto – atualmente um dos maiores encontros de *guardas* do Estado de Minas Gerais.

Participante de uma *guarda* de Congado em décadas anteriores, Jéus conta que os encontros de Congado começaram em 1968, a partir de um sonho que ele teve “com a Festa do Rosário”. Interpretando o sonho como um pedido em favor da festa, Jéus se reuniu com mais dois amigos que, com ele, organizaram o evento, dando início ao encontro de *guardas* na cidade. Tal declaração estabelece um conflito de narrativas e uma disputa sobre a originalidade da festa, uma vez que os organizadores do Reinado atribuem o surgimento dessa celebração à iniciativa de Chico Rei, sem mencionar outros encontros promovidos em Ouro Preto ao longo dos últimos anos. Por esse motivo, Jéus Florentino demonstra um certo ressentimento em relação aos novos organizadores, que não conversaram com ele para saber sua história e o “correto” procedimento dos rituais do Congado, que envolveriam, por exemplo, a coroação dos Reis pelo Moçambique, “porque eles vieram antes que o Congado e por isso são os responsáveis por essa função”²⁷.

De acordo com esse veterano, falta nos jovens aquilo que ele chama de *maldade*. Sem entrar em detalhes, Jéus sugere que a *maldade* está relacionada ao conhecimento de ritos envolvendo plantas medicinais, que auxiliam no domínio das canções e dos toques, e permitem o acesso a uma “força maior” que conduziria os congadeiros a “fazer as coisas”. Nessa explanação, ele ainda menciona Maria Conga, descrevendo-a como “uma mulher que morava aí pelos morro afora da cidade e que passou por muito sofrimento durante a escravidão”²⁸. Para Jéus, ela dominaria o conhecimento da *maldade*, o que vai de encontro com o parecer de Mônica Dias de Souza sobre a atuação dos Pretos Velhos:

Trata-se de modelos de moralidade, guardiões da sabedoria de seus antepassados, conhecidos inclusive pelo respeito que os próprios senhores lhes tinham. O respeito por parte senhorial é atribuído à sabedoria acumulada com a idade e ao conhecimento das ervas – saber que servia como ameaça silenciosa, podendo ser usado tanto para a cura quanto para o feitiço. (SOUZA, 2007, p. 27).

A figura de Maria Conga apresentada por Jéus Florentino se assemelha em muito com a Vovó Maria Conga, entidade que atende os frequentadores da Casa da Bênção em busca de cura, prescrevendo banhos de ervas. Mais uma vez, a história do Congado e de seus ritos aparece vinculada à figura dos Pretos Velhos, mesmo que indiretamente. Conforme apontado por Souza

27 Entrevista com Jéus Florentino. Ouro Preto, jan. 2019.

28 Entrevista com Jéus Florentino. Ouro Preto, jan. 2019.

no texto citado acima, as ervas podem ser usadas “para a cura” ou “o feitiço”, e o reconhecimento dessas funções díspares pode caracterizar o que Jésus chama de *maldade*, ou seja, o conhecimento das ervas pode curar, mas também pode prejudicar alguém. Dinâmica pertinente ao se analisar os encontros de Congado e as relações entre os congadeiros, que também se estruturam numa dialética perigosa, sendo necessário realizar uma série de ritos e práticas de *proteção* no contexto dos encontros, como veremos mais adiante.

Jésus afirma que, quando estava no Congado, procurou os descendentes de Maria Conga, mas não obteve muitas respostas, assim como não explica qual seria a relação dela com a festa e seus enredos, demonstrando que o conhecimento mais aprofundado sobre as sequências rituais do Congado, suas justificativas, seus segredos e tradições permanecem resguardados por poucos iniciados. Os processos de transmissão desses saberes podem caracterizar aquilo que Jésus Florentino não identifica nos novos organizadores da festa, que não teriam acessado os “segredos da tradição”²⁹. O ressentimento do congadeiro veterano pode ser analisado, ainda, a partir do conceito de *semente*, conforme explicado pela Rainha Conga da *guarda* Manto Azul, que me relatou a importância do respeito às *guardas* mais antigas.

De acordo com Andyaria, o desentendimento inicial entre o Congado e Moçambique de Santa Efigênia e o Congado Manto Azul ocorreu porque o primeiro grupo teria interpretado a forma de criação do Manto Azul como um desrespeito a sua *semente*, ou seja, o segundo grupo não reconheceu o primeiro como fundamental para seu surgimento. Ao justificar a formação do Manto Azul por meio de uma demanda de Vovó Maria Conga, a capitã Jussara não teria pedido a bênção à *guarda* que a inseriu no universo congadeiro, ocasionando o conflito com o Congado e Moçambique de Santa Efigênia e sua recusa em apadrinhar o novo Congado. Uma vez que esse processo é de grande importância para a legitimação de uma *guarda*, o Manto Azul acabou sendo apadrinhado pelo Moçambique Raiz Africana de Araxá, tendo em vista que todas as variações de *guardas* são apadrinhadas por um Moçambique, que deve abençoar o novo grupo e seu reinado. A quebra desse arranjo hierárquico faz com que ainda hoje um grupo não frequente a festa do outro e, de certa forma, pode justificar o descontentamento de Jésus Florentino com os organizadores da Festa do Reinado, que propuseram a “revitalização da festa” sem considerar a *semente* dos congadeiros mais velhos, como Jésus.

Essa discussão, desencadeada pela dissidência de Jésus, torna mais evidente a sobreposição de crenças e retóricas acerca das origens do Congado na cidade de Ouro Preto,

29 Apesar das divergências narrativas em relação à Festa do Reinado, Jésus e os demais integrantes da Folia recebem convites formais para participar na festa, tendo em vista sua importância no cenário cultural de Ouro Preto.

bem como evidencia as figuras que são acionadas para validar ou invalidar os relatos. Além disso, é possível constatar como o conceito de tradição se refaz, em um mesmo lugar de referência, a partir de novas questões, que são pertinentes para quem se vincula ao Congado na contemporaneidade.

Minha interpretação das narrativas diversas sobre o Congado em Ouro Preto está de acordo com a perspectiva de História Oral de Alessandro Portelli, que prioriza a subjetividade presente nas narrativas orais, sendo essa a maior contribuição cognitiva das memórias e das fontes de informação desse tipo de registro histórico. O autor destaca que, alguns fatos relatados pelas fontes estudadas podem até não ter ocorrido verdadeiramente, mas são sempre contados de modo verdadeiro. Mais relevante do que a objetividade do fato é a maneira como se interpreta e se vive os acontecimentos, no que a forma de transmissão das histórias se apresenta como o objeto de estudo da oralidade (1997).

Portanto, meu intuito não é buscar a autêntica versão dos fatos, e sim respeitar e acolher todas as narrativas compartilhadas comigo por meus interlocutores. Nesse sentido, a subjetividade da memória se sobrepõe à memória oficial. Em um estudo de caso, Portelli considerou a memória subjetiva de vários narradores a respeito da morte de um jovem operário, privilegiando entrevistas com pessoas desconhecidas da opinião pública, cujos relatos expressavam diferentes perspectivas sobre um evento de grande repercussão (1991). Essa abordagem não-convencional das classes contra hegemônicas corresponde à minha abordagem nessa pesquisa acerca das histórias sobre o Congado de Ouro Preto. Os conflitos retóricos entre as *guardas* mais novas e os remanescentes de *guardas* mais antigas, a exemplo de Jésus Florentino, sustentam o argumento de que a ação da memória é contínua, assim como sua recriação de significados, sendo as fontes orais mais do que receptáculos de preservação do passado, senão enredos criadores de narrativas que contém várias versões desse passado.

Dessa forma, o modo como as pessoas vivem e atribuem significado à própria experiência e a própria identidade é o que constitui o argumento e o discurso a ser examinado. Ambos, tanto Chico Rei quanto Vovó Maria Conga, estão ligados ao imaginário popular local relativo à escravidão e são figuras que podem nos levar a pensar sobre a importância de novas narrativas sobre o passado, que transformem a identificação dos sujeitos negros com sua história em uma relação positiva, sobretudo, daqueles indivíduos que compõem as *guardas* de Congado da região de Ouro Preto, traduzindo os projetos dos grupos aos quais estão envolvidos. Vovó Maria Conga possui uma história de *sofrimento* num contexto familiar de privação, mas, ao mesmo tempo, detém poder e atuação direta no tempo presente, garantindo a transmissão e o

uso do conhecimento detalhado das práticas de *proteção* inerentes ao universo congadeiro. Enquanto Chico Rei desponta na arena política como uma personagem histórica reconhecida, que resistiu em meio ao contexto de escravidão na condição de chefe local, traduzindo o projeto do Congado e Moçambique de Santa Efigênia de se inserir no circuito de turismo da cidade pela via patrimonial.

Nesse sentido, os Congados e seus mitos de origem podem ser descritos como um meio de inserção social dos integrantes das *guardas* enquanto cidadãos e descendentes dos africanos que foram escravizados em Ouro Preto. A reivindicação do Congado e Moçambique de Santa Efigênia pela patrimonialização do Congado seria um meio de garantir formalmente essa inserção social, tendo em vista a importância das instituições patrimoniais para a construção da memória na histórica, e monumental, cidade de Ouro Preto.

1.4 – Patrimonialização

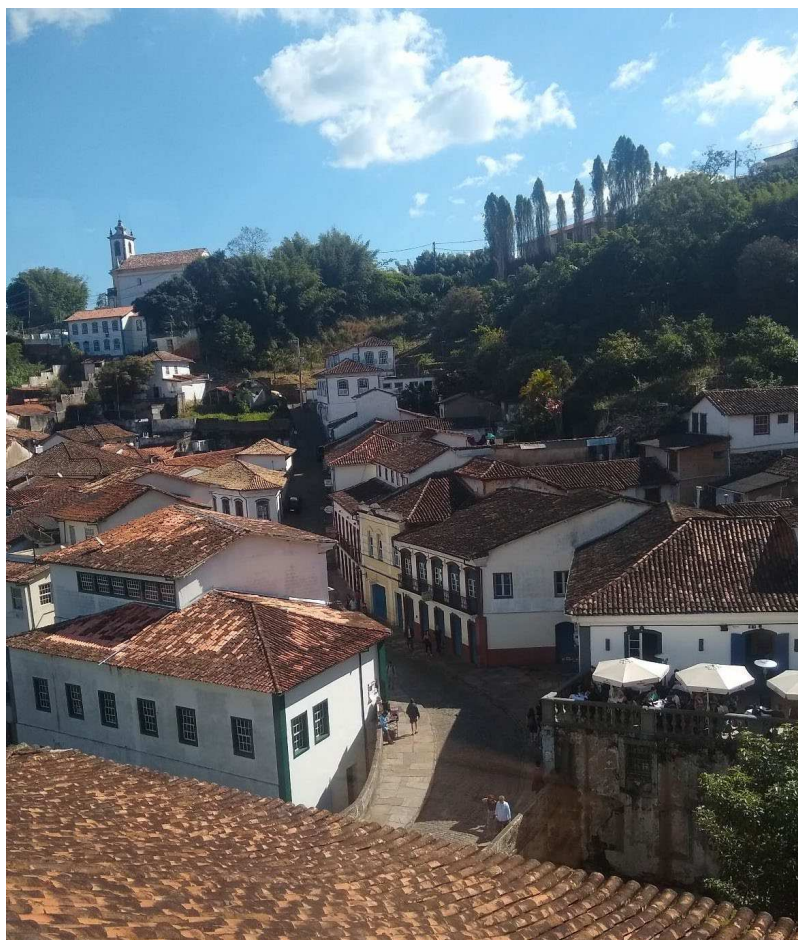
A patrimonialização é um recurso recorrente para a conservação de símbolos culturais materiais ou imateriais. A categoria de patrimônio cultural costuma fazer a mediação entre sujeitos e objetos, tempo passado e tempo presente, produzindo e reproduzindo identidades no contexto de instituições familiares, étnicas, nacionais, internacionais etc. Nesse processo, o conceito de cultura, mesmo sendo interpretado mais pelo viés das relações sociais simbólicas, possui caráter material intrínseco. No *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), encontram-se as seguintes definições acerca dos bens materiais da cultura:

O patrimônio material protegido pelo IPHAN é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas [...] é adequado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos. Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN, 2020b, não paginado).

Por muito tempo, a ideia de patrimônio cultural esteve relacionada apenas ao conjunto de bens materiais históricos, como é o caso de Ouro Preto, uma das primeiras cidades tombadas pelo IPHAN, em 1938, quando o órgão ainda se chamava SPHAN³⁰, e a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial conferido pela UNESCO, em 1980. Tal reconhecimento se deve ao fato de a cidade ser um sítio urbano completo e pouco alterado em relação ao período colonial, com os exemplares da arquitetura religiosa e suas características

30 SPHAN: Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

barrocas desenvolvidas unicamente nessa região – a paisagem de montanhas e ladeiras de pedras também é preservada pela patrimonialização de Ouro Preto (IPHAN, 2020).



Conjunto arquitetônico tombado da cidade de Ouro Preto, dez. 2018
(Foto: Bruna Reis)

Mas o conceito de patrimônio cultural não mais se limita aos bens materiais, estendendo-se às “práticas e domínios da vida social” que valorizam e significam o cotidiano das pessoas, como o Ofício das Baianas do Acarajé, o Jongo no Sudeste, a Capoeira, o Círio de Nazaré, dentre outros. Essas manifestações culturais são definidas pelo IPHAN enquanto bens imateriais:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Nesses artigos da Constituição, reconhece-se a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o

respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2020a, não paginado).

Portanto, os bens imateriais do patrimônio cultural da sociedade brasileira são aqueles eleitos por servidores públicos, a partir da demanda de setores da sociedade civil que submetem para análise o que eles consideram importante para representar sua identidade, história e cultura, processo esse mediado por leis, instituições e políticas públicas específicas para a preservação desse tipo de patrimônio, que definem os termos da patrimonialização. Daí conclui-se que a preservação patrimonial tem como intuito cuidar dos bens representativos da história e cultura de um lugar e de grupos sociais, fortalecendo suas noções de pertencimento, vinculadas às suas representações identitárias, uma vez que se relacionam com as histórias dos seus antepassados (BRAYNER, 2012, p. 12-14). Assim, os anseios pela patrimonialização nos colocam diante das disputas pela memória e de reivindicações de grupos que buscam o reconhecimento de suas tradições culturais.

A identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores: sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa, enfim, tudo aquilo que a torna única e diferente das demais. Algo semelhante acontece com um grupo social. As pessoas de cada grupo social compartilham histórias e memórias coletivas, visões de mundo e modos de organização social próprios. Ou seja, pessoas estão ligadas por um passado comum e por uma mesma língua, por costumes, crenças e saberes comuns, coletivamente partilhados. A cultura e a memória são elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, ou seja, reconheçam que tem e partilham vários traços em comum. Nesse sentido, pode-se falar da identidade cultural de um grupo social. (BRAYNER, 2012, p. 7-8).

Quando meus interlocutores se identificam enquanto congadeiros ou moçambiqueiros, eles apresentam uma série de características específicas das *guardas* a que estão vinculados, como o jeito de dançar, ou de cantar, o uso de determinados adereços, as formas de louvar o que consideram sagrado e as formas de narrar as histórias transmitidas dos mais velhos para os mais novos. O modo de ser dessas pessoas ultrapassa os momentos em que estão reunidos nas festas e nos encontros de Congados, vestidos com os paramentos que os caracterizam como parte de um determinado grupo. Em dias comuns, essas pessoas se dedicam a outras atividades, têm suas profissões, circulam por outros contextos sociais e se encontram com outras pessoas. Mas no momento em que os congadeiros e moçambiqueiros se reconhecem, não importando a ocasião, eles se cumprimentam, dizendo “Salve Maria!”. Ao fazer isso, esses indivíduos demarcam de maneira significativa a existência de uma comunidade, com a qual todos eles se identificam, independentemente das especificidades das *guardas* a que cada um se filia.

Mas, quanto à escolha do que deve ser declarado como patrimônio público, a identificação de todos os integrantes da comunidade interessada dificilmente acontece. Sendo,

por isso, importante considerar que o processo de preservação de um bem cultural em prejuízo de outro pode gerar conflitos e insatisfações. Esse é o caso, por exemplo, da *guarda* de Santa Efigênia, que luta pelo reconhecimento do Congado de Ouro Preto como patrimônio imaterial e, portanto, parte da história e da cultura ouro-pretanas: os capitães dessa *guarda* e organizadores da Festa do Reinado criticam a valorização excessiva do patrimônio material da cidade e dos símbolos da dominação colonial, em detrimento da contribuição artística e cultural dos africanos, ao longo da história brasileira, e de seus descendentes, na atualidade. É comum ouvir reclamações dos ouro-pretanos relacionadas a esse problema, alegando o descaso do poder público em relação ao *morro dos moradores*, que enfrentam um alto índice de desemprego, riscos de desabamento devido às construções irregulares nos morros da cidade, e demandam melhorias na infraestrutura dos bairros, no sistema público de saúde e no de segurança. Os moradores dos doze distritos de Ouro Preto, sob igual responsabilidade da Prefeitura Municipal, também relatam casos de precariedade social e tensões decorrentes das atividades de mineração (DIÁRIO DE OURO PRETO, 2019).

Com o intuito de mudar essa situação, conferindo, ao menos, visibilidade e reconhecimento aos moradores de Ouro Preto, o programa Nosso Patrimônio, transmitido pelo canal no YouTube da TV UFOP, retrata suas trajetórias de vida, relacionando-as com o contexto patrimonial da cidade. Em um dos episódios do programa, Eduardo Evangelista (2018) conta sua história pessoal e a relação dela com a Mina Du Veloso, apresentando outro exemplo de narrativa negra sobre o passado da escravidão que tenta romper com a retórica do *sofrimento* e da dominação, indo de encontro com o que propõem os organizadores da Festa do Reinado. Eduardo, ou Du, como ele é mais conhecido, foi responsável pela reformulação do turismo nas minas da cidade, enfatizando em seu projeto pedagógico-turístico o conhecimento técnico que os africanos já detinham sobre extração de minérios, propagando uma história em que esses africanos passam a ser os protagonistas. Com isso, o trabalho realizado na Mina Du Veloso, identificado como Educação Patrimonial, rendeu a seus responsáveis um dos principais títulos de reconhecimento a iniciativas de preservação do patrimônio brasileiro, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido pelo IPHAN³¹.

Isso comprova, enfim, como a patrimonialização é um importante recurso político acionado em estratégias de desenvolvimento econômico, como na promoção do turismo, ou de

31 Em 2020, Eduardo Evangelista lançou candidatura coletiva para vereador de Ouro Preto junto de Sidnéia, Douglas e Fredda. Autodenominando-se Outra Ouro Preto, os candidatos – todos negros – tinham como objetivo principal o diálogo com a população ouro-pretana e suas reivindicações sociais, enfatizando o direito de representação e o fortalecimento políticos dos 70% da população municipal que se autodeclara preta ou parda.

revisão do saber sobre determinado segmento social, conferindo poder e agência para minorias oprimidas em busca de representação histórica. As implicações práticas da patrimonialização nos possibilitam compreender as disputas de narrativa quanto ao surgimento e a legitimidade do Congado em Ouro Preto, como no exemplo da Festa do Reinado. Dentro da concepção de uma tradição secular iniciada com Chico Rei, o Congado pode garantir inserção social por meio da história da cidade, mesmo não sendo isso uma garantia de mudança das relações sociais que constituem essa cidade. Por outro lado, a *guarda* Manto Azul sequer comparece nas disputas de narrativa do Congado ouro-pretano, uma vez que surgiu sem vínculos históricos com irmandades católicas e sua figura de legitimidade é desconhecida no circuito turístico, sendo atrelada a uma religião que ainda sofre discriminação racial.

Portanto, considerando apenas a *guarda* de Santa Efigênia e a *guarda* Manto Azul, tem-se dois modelos de Congado na cidade. O primeiro propõe uma revisão da História Oficial e busca, por meio da patrimonialização, garantir sua inserção na História, desvencilhando-se das retóricas de *sofrimento* recorrentes na cidade de Ouro Preto no que concerne à presença negra em sua constituição. Mesmo redefinindo o passado colonial, e existindo uma pluralidade de crenças religiosas no interior do grupo, o Congado de Santa Efigênia viabiliza sua legitimidade por meio de uma lógica tradicionalista, muito estimada na cidade-patrimônio, através de seu vínculo a uma irmandade e seu respectivo templo religioso, a Igreja de Santa Efigênia. O segundo modelo apresenta um desempenho mais autônomo e menos visível na cidade, à margem do circuito turístico principal e sem qualquer relação com as famosas irmandades católicas ouro-pretanas. O Congado Manto Azul garante sua legitimidade, e sua autonomia, por meio de uma figura referencial que coexiste no passado histórico e no presente tangível, trazendo-a à tona como fundamental para a existência do grupo, independentemente da possível hostilidade que possa sofrer por conta disso. Vovó Maria Conga subverteu seu *sofrimento* com paciência e fé, tendo, por isso, um lugar sagrado dentro do contexto religioso da Casa da Bênção, tornando-se uma referência de luta e sabedoria em todas as instâncias da vida de seus devotos, que ainda não buscam ser reconhecidos na cidade pela via patrimonial disponível.

CAPÍTULO II – Analisando o campo: as festas de Congado

Devido ao amplo destaque da Festa do Reinado no circuito congadeiro de Minas Gerais, início a análise descritiva do campo a partir dela. Por meio desse grande encontro de *guardas* oriundas de várias partes do Estado, será possível traçar paralelos com a Festa do Manto Azul e com os demais encontros que acontecem ao longo do ano, compreendendo melhor a ordem dos acontecimentos nas festas de Congado da região de Ouro Preto.

2.1 – Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia: a fé que canta e dança

Os preparativos da Festa do Reinado começam já nos finais de ano, com ensaios e o arranjo das palestras, envio de convites para as *guardas* do Estado, busca por verba e divulgação da festa, além de doações de alimento feitas por moradores dos bairros Padre Faria e Alto da Cruz – visando o preparo das refeições que serão servidas aos congadeiros, anfitriões e visitantes, no grande domingo festivo, que encerra o Reinado. Essa etapa de organização da festa, porém, foi-me relatada posteriormente, quando a edição que eu pude acompanhar já havia se encerrado.

Antes de minha primeira viagem de observação a Ouro Preto, procurei aprofundar meus conhecimentos sobre a festa através de buscas na internet, onde encontrei algumas programações do Reinado de anos anteriores e entrevistas concedidas por integrantes da *guarda* que realiza o evento. De maneira geral, predominava a informação de que a Festa do Reinado estava “revitalizando” um encontro que já era considerado *tradicional* na história da cidade. Feita essa pesquisa preliminar, decidi que seria oportuno iniciar meu trabalho de campo antes da abertura das festividades que, habitualmente, ocorre no primeiro domingo do mês de janeiro. Com isso, eu poderia conhecer tanto os dias mais intensamente festivos quanto os demais momentos da celebração, menos agitados – a exemplo do levantamento das bandeiras, rito inicial da Festa do Reinado, que acontece uma semana antes do famoso Dia Festivo, quando os santos padroeiros da *guarda* anfitriã são homenageados junto das *guardas* visitantes.

Em campo e hospedada na casa de Seu Wilson, zelador da Capela Padre Faria, ganhei dele o folheto de divulgação da edição de 2019 da Festa do Reinado, divulgado pela cidade com o título de “Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia – 10 anos da fé que canta e dança”. A festividade, de acordo com o folheto, contaria com o apoio da Associação Amigos do Reinado (AMIREI) e da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, sendo patrocinada pelo Fundo Estadual de Cultura e pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais³². Essa edição da festa,

32 Em nota de agradecimento presente no folheto: “Prefeitura Municipal de Ouro Preto, Secretária Municipal de Cultura e Patrimônio, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz, Sr. Wilson Ferreira (Juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Padre Faria), FIROP (Fórum de Igualdade Racial de Ouro Preto), Guarda Municipal, Ourotran, 52º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, 3ª Cia Bombeiros

conforme pude constatar, incluía um programa de abertura, no domingo (06/01), com a bênção do Reinado e das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, que foram levantadas para indicar o início da semana festiva. Depois, ao longo da semana, foram realizados dois dias de palestra, na Casa de Cultura Negra de Ouro Preto, no bairro Padre Faria; um *show* do Grupo Ofô, na Casa da Ópera de Ouro Preto; e o tríduo que antecede o Dia Festivo (13/01), realizado no segundo domingo de janeiro – data que encerra o Reinado com o encontro de, aproximadamente, 30 *guardas* de Congado, que, durante o ápice desse último dia, desfilam em cortejo pelas ruas de Ouro Preto.

Durante toda a semana, pode-se afirmar que a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia reúne muitas pessoas nas ruas, igrejas e demais estabelecimentos que compõem sua programação, disposta territorialmente pelos bairros Padre Faria, Alto da Cruz e Antônio Dias. Além disso, notei a presença de fotógrafos, cinegrafistas e repórteres cobrindo o evento de forma independente ou para veículos de imprensa estabelecidos.

2.1.1 – Domingo: abertura das festividades

Em janeiro de 2019, quando estive em Ouro Preto pela segunda vez, as festividades tiveram início no sexto dia daquele mês. Nessa data, os integrantes da *guarda* que organiza a Festa do Reinado se encontraram na casa de sua capitã, Kátia Silvério, localizada no bairro Alto da Cruz, a poucos metros da Igreja de Santa Efigênia, para onde eles caminharam em cortejo, às 12h, depois de uma oração coletiva feita na garagem da casa de Kátia. Todos vestiam roupas brancas, variando entre saias compridas e calças, no caso das mulheres. A maioria deles andava descalça, seguindo as bandeiristas, uma delas com a imagem de Nossa Senhora do Rosário nas mãos e a outra, com a imagem de Santa Efigênia. Atrás das bandeiras, algumas integrantes do grupo levavam vasos com ramos de arruda e alecrim, que seriam usados para lavar a escadaria do templo. E, atrás dessas mulheres, alguns homens tocavam caixas, bateias e gungas, dando ritmo ao cortejo. Nessa caminhada, não havia separação entre os membros do Congado e os do Moçambique, como costuma ocorrer na festa, momento em que a turma do Congado segue na frente da turma do Moçambique.

Na Igreja de Santa Efigênia, houve uma breve missa para benzimento das bandeiras que seriam levantadas naquela noite, sendo celebrada por um padre negro chamado Alan, celebrante

Militares de Minas Gerais, Brigada de Bombeiro Civil de Ouro Preto, Escola Desembargador Horácio Andrade, Guardas de Congo visitantes, Pastoral da Juventude, Pastoral Familiar, Pastoral da Criança e do Adolescente, Pastoral da Saúde, Pastoral Afro Brasileira de Ouro Preto, AMAC (Associação de Moradores do Bairro Alto da Cruz), Mina Du Veloso, Mina do Chico Rei, Comissão Ouro-pretana de Folclore, CAPS-AD do Padre Faria, Casa de Cultura do Padre Faria, Homens do Terço de Ouro Preto, todos os meios de comunicação e a Comunidade de Ouro Preto que contribuíram para a realização desta festividade”.

que, durante sua homilia, fez reflexões sobre consciência racial e a importância da cultura afro-brasileira e da memória dos antepassados africanos para a construção do país e da cidade. Finalizando a missa, os Reis Magos foram homenageados com uma defumação no altar³³, enquanto os integrantes da *guarda* tocavam seus instrumentos e cantavam. Em seguida, o padre Alan benzeu os cajados, as espadas, coroas e bandeiras, antes desses objetos serem levantados para anunciar o início da festa. Devido à lotação da igreja, com turistas e representantes da mídia de notícias e entretenimento, muitas pessoas presentes não puderam se sentar, mas registraram o evento com fotos e vídeos, evidenciando o grau de reconhecimento da festa. Por fim, quando a bênção terminou, os congadeiros e moçambiqueiros saíram da igreja, mantendo os corpos virados de frente para o altar, para “não dar de costas para o sagrado”.

A lavagem da escadaria foi rápida, feita com um balde de água de cheiro, ramos de arruda e alecrim, que eram molhados e jogados no público, como num gesto de benzimento. Após a lavagem, as guardas saíram em cortejo, retornando para a casa da capitã.



Cortejo do Congado e Moçambique de Santa Efigênia para a bênção ao Reinado e lavagem da escadaria da Igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto, 06 jan. 2019
(Foto: Bruna Reis)

33 De acordo com o padre, a festa de Congado em Ouro Preto acontece em janeiro por ter sido o período do ano em que os escravizados recebiam dias de descanso. Contrapondo essa versão, em texto publicado no *site* MG Quilombo - O Quilombo Minas Gerais, Tarcísio Martins afirma que o encontro de Congados de Ouro Preto ocorre em janeiro devido a uma confusão do monarquista Diogo de Vasconcelos no seu livro “História Antiga de Minas”, publicado em 1904, onde o autor teria confundido Reisado com Reinado. Disponível em: <https://www.mgquilombo.com.br/artigos/pesquisas-escolares/chico-rei-nem-historia-e-nem-lenda-e-so-uma-nota-de-rodape/>. Acesso em: 17/12/2020.

No mesmo dia, às 19h, foi celebrada uma missa na Capela Padre Faria, cujo tema se relacionava com o Dia de Santos Reis ou da Epifania do Senhor. A capela estava lotada, mas, ao contrário da missa precedente, realizada, na Igreja de Santa Efigênia, contava com menos turistas e mais moradores do bairro Padre Faria, como apontado por minha anfitriã, Dona Tereza. A *guarda* chegou no final do culto, atrás das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, entrando primeiro o Congado e depois, o Moçambique. Cada um dos capitães do Congado se posicionou de um lado do portal da capela, erguendo suas espadas, que se cruzaram, criando uma passagem para que os congadeiros atravessassem. O mesmo gesto foi feito pelo capitão do Moçambique junto de outro integrante do grupo, para fazer passar os moçambiqueiros, nesse caso, sob o cruzamento de dois cajados.



Chegada do Congado e Moçambique de Santa Efigênia na Capela Padre Faria após a missa de Epifania do Senhor, Ouro Preto, 06 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Nessa missa, a distinção entre Congado e Moçambique ficou mais evidente, tanto nos toques quanto nos trajes festivos, que são diferentes, tendo em comum apenas o uso de guias ou rosários transpassados por cima das roupas. As mulheres do Congado vestiam, em sua maioria, blusas e saias compridas, igualmente brancas, guias coloridas e uma espécie de faixa na cabeça, com flores, espelhos e fitas, também coloridas. Os homens usavam o mesmo adereço na cabeça, calça e blusa brancas. No Moçambique, tanto homens quanto mulheres trajavam um saiote branco rendado, por cima da calça, e camisa social branca coberta de rosários de contas pretas ou de lágrimas-de-nossa-senhora, transpassados pelo corpo, em “X”. Todas as peças de

tecido eram brancas. Quanto aos capitães, o quepe de estilo militar dos congadeiros era enfeitado com os mesmos adornos da faixa dos demais integrantes do Congado, enquanto os capitães do Moçambique usavam um chapéu branco sem adereços. Os capitães do Congado também seguravam uma espada nas mãos e os capitães do outro ritmo, um cajado de madeira.

Na quinta-feira (10/01), em conversa com Manteiga, integrante da *guarda* de Moçambique e guia turístico na cidade, ouvi dele algo parecido com o que Kédison havia me explicado a respeito do Moçambique.

O Moçambique é o mais velho, com toque lamurioso, as gungas colocadas nos tornozelos representam as correntes que os escravos usavam no período da escravidão, assim como a bateia que simboliza o trabalho de extração de ouro nas minas. Escolhemos o branco pra representar a paz e o saiote do Moçambique é por causa de Nossa Senhora Aparecida. O rosário transpassado no corpo é por causa de Nossa Senhora do Rosário. (informação verbal)³⁴.

Em entrevista para a TV UFOP, a capitã Kátia confirma que as cores escolhidas para os paramentos correspondem às cores que representam os santos protetores da *guarda*:

As vestimentas do Congo variam muito, nós optamos pelo branco que representa a paz, mas tem outros grupos que utilizam a vestimenta do qual representa seus santos de devoção. Nossa Senhora do Rosário é um azul ou rosinha, Santa Efigênia um marronzinho, isso varia de guarda pra guarda. Nós levamos nosso quepe, nosso capacete de capitão, revestido com flores e tem as fitas, cada fita representa um santo. A forma que a gente vai dançando, é como se Nossa Senhora tivesse o tempo todo flutuando sobre a gente, então a gente tá ali com flores pra recebê-la. A gente tem os espelhos na frente, são três espelhos que os capitães usam que significa pai, filho e espírito santo, então a gente utiliza para que não chegue na gente nenhum mal, tudo que vier pra gente é refletido. Cada um enfeita da sua forma. Tem a espada que todos os capitães levam que é a espada, que é como se fosse uma batalha mesmo. Os moçambiqueiros, os capitães do Moçambique levam um cajado que já é de madeira. Os congados levam a espada porque eles vão na frente da batalha, onde que eles vão fazer a dança. Tem a luta de espada que a gente faz sempre em meio a uma roda. Então são os três capitães, é a luta entre o bem e o mal e aí tem o terceiro capitão que vem cortando para sempre ficar equilibrado. Ninguém é tão bom e ninguém é tão mal, tem sempre que ficar em equilíbrio. (TV UFOP, 2018, não paginado).

Paramentados, enfim, eles entraram na Capela Padre Faria, dançando e cantando até o altar onde prestaram homenagens a seus padroeiros, através das músicas do Congado e do Moçambique. Primeiro, o Congado, seguido por uma rainha e dois reis, vestindo coroas, cetros e capas. Em seguida, o Moçambique, atrás das bandeiras da *guarda* com as imagens de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. No Congado, tocavam-se caixas pequenas, enquanto os dançantes, em sua maioria, crianças, tocavam os xique-xiques. No Moçambique, as caixas eram maiores e mais graves, mas alguns dos dançantes, em sua maioria, adultos, carregavam gungas, bateias e caixas menores. Depois de prestadas as homenagens no altar, congadeiros e

34 Conversa com Manteiga. Ouro Preto, jan. 2019.

moçambiqueiros se encaminharam para o adro da capela, onde os mastros enfeitados estavam posicionados no chão, para que se colocassem as bandeiras dos santos que seriam levantadas. As bandeiras ficariam hasteadas em um suporte de ferro na ponta de um grande mastro de madeira, que fora enfeitado com as cores que representam os santos da *guarda*.

O primeiro mastro a ser erguido após a missa na Capela Padre Faria foi o de Nossa Senhora do Rosário, todo enfeitado com papel branco, rosa e azul picotado; seguido do mastro de Santa Efigênia, enfeitado com papel picotado branco e vermelho; e, por último, o de São Benedito, também enfeitado em toda sua extensão com papel picotado, dessa vez, branco e marrom. De acordo com os organizadores do Reinado, o levantamento dos mastros acontece no adro da Capela Padre Faria por uma questão logística, tendo em vista que essa parte externa da capela é ampla o suficiente para comportar os eventos da festa, como o levantamento e descimento das bandeiras e a Missa Conga do Dia Festivo. Com isso, a Igreja de Santa Efigênia, que não possui um espaço externo amplo entre a escadaria e o portal de entrada, torna-se um lugar simbólico de prestação de homenagens aos ancestrais africanos que a construíram e abrigo para as imagens dos santos venerados durante a festa, enquanto o adro da Capela do Padre Faria mostra-se mais apropriado para os momentos de grande concentração de pessoas.



Integrantes do Congado de Santa Efigênia aguardando o levantamento das bandeiras no adro da Capela Padre Faria, Ouro Preto, 06 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Moçambique de Santa Efigênia prestando suas homenagens diante dos mastros levantados, com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, Ouro Preto, 06 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia em destaque na Festa do Reinado de 2019.
(Foto de Ane Souza, disponível no perfil do Instagram da *guarda* de Moçambique @mocambiqueop)

Enquanto isso, na mesma noite, a Folia de Reis da cidade, liderada por Jêsus Eduardo Florentino, prestava sua homenagem aos Reis Magos no interior da capela, em frente ao presépio. Esse grupo é pequeno e formado por uma maioria de homens negros idosos que tocam violão, sanfona e pandeiro. Assim como as *guardas* de Congado e Moçambique, a Folia segue atrás de uma bandeirista, que carrega um pano onde se lê “Folia de Reis” acima de uma pintura representando os três Reis Magos. Apesar de ser Dia de Santos Reis, o grupo tem menor visibilidade por conta das celebrações da Festa do Reinado – mas, quando terminaram sua homenagem, foram convidados para tocar em frente às bandeiras levantadas no adro. Durante

toda a semana, os mastros com as bandeiras dos santos homenageados ficam hasteados no adro da Capela Padre Faria, sinalizando o período festivo, sendo retirados apenas no domingo seguinte e último dia de festa.



Bandeirista da Folia de Reis de Ouro Preto, Ouro Preto, 06 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Folia de Reis de Ouro Preto prestando suas homenagens diante dos mastros levantados com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, Ouro Preto, 06 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Congado de Santa Efigênia saindo de costas da Capela Padre Faria após levantamento das bandeiras e início da Festa do Reinado, Ouro Preto, 06 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)

2.1.2 – Segunda a Quarta-feira: palestras e evento musical

A partir de segunda-feira (07/01), teve início o programa de palestras que ocorreram na Casa de Cultura Negra de Ouro Preto, no bairro Padre Faria. As palestras tinham como enfoque a cultura negra, as heranças africanas no patrimônio de Ouro Preto, o racismo e o papel da mulher no catolicismo. A Casa de Cultura Negra, situada ao lado da Igreja de Santa Efigênia, foi criada com a finalidade de sediar manifestações culturais e iniciativas pedagógicas com ênfase na cultura afro-brasileira e afro-ouro-pretana. Acerca da criação do espaço, a historiadora, diretora de Promoção da Igualdade Racial do município e uma das representantes da festa, Sidnéia Santos, afirma:

A gente vai ter as discussões que fazem referência às questões da promoção da igualdade racial em nosso município, estado e país, a gente tem o Fórum de Igualdade Racial como um dos grandes gestores desse espaço e também a comunidade do Alto da Cruz, a comunidade do Padre Faria, os bairros do entorno. Todo mundo confluindo para essa grande oportunidade que é ter um espaço de discussão, um espaço de utilização. Ouro Preto é um município que tem 72% da sua população autodeclarada preta e isso por si só é de importância e simbologia muito forte. Nossa população não foge à luta e está nesse espaço de ressignificar e reescrever a história do negro em Ouro Preto. (CASA..., 2018, não paginado).

A escolha desse espaço para a programação do Reinado é, portanto, emblemática, uma vez que a Casa de Cultura tem a função explícita de afirmar a cultura afro-brasileira na cidade. O espaço estava decorado, para a ocasião, com fotografias de outras edições da festa, impressas em tamanho grande e dispostas nas paredes, e a mesa onde ficariam os palestrantes estava coberta por um tecido de estampa africana. Todas as ministrações foram mediadas por Kédison, sendo o público presente uma maioria de jovens negros da cidade, além de grande parte dos integrantes do Congado e Moçambique de Santa Efigênia³⁵. A participação foi intensa nos dias de palestra, com grande interação e debate entre os palestrantes e público, que parecia estar interessado nas pautas apresentadas. Na primeira palestra de terça-feira (08/01)³⁶, uma “mãe de santo” do Candomblé foi apresentada por Kátia, capitã da *guarda* anfitriã, como uma das principais “fontes de força e fé” para o grupo, demonstrando o respeito e a relação da *guarda* com as religiões de matriz africana. Depois disso, foi debatido o preconceito contra os Congados e a intolerância religiosa, discussão reforçada pelo *show* de quarta-feira (09/01), do Grupo Ofó, que propõe difundir, em suas apresentações musicais, a cultura das religiões afro-

35 As palestras do primeiro dia (07/01) eram duas. A primeira chamava-se “Do Valongo a Vila Rica – A importância do título de Patrimônio Mundial da Humanidade para o Cais do Valongo e sua influência na herança Africana de Ouro Preto” e foi ministrada por Dr. Zaqueu Astoni Moreira, advogado e secretário municipal de cultura e patrimônio de Ouro Preto. E a segunda tinha o título de “Biologia Social: Eugenia”, sendo ministrada por Giordano Pacelli de Paula Freitas, licenciado em Ciências Biológicas pela UFOP.

36 Nesse dia, a primeira palestra foi ministrada pelo padre Marcelo Moreira Santiago, responsável pela Paróquia de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto, com o título de “O papel das mulheres no cristianismo primitivo”.

brasileiras, por meio de performances cênicas que remetem aos rituais do Candomblé e contam a história dos Orixás.

Assim como Kédison, a maioria dos jovens presentes reproduzia discursos da militância negra, como a questão do “lugar de fala” enquanto expressão de luta da cultura afro-brasileira, reforçando a relevância do protagonismo negro, inclusive, presente na festa, cujos organizadores e convidados eram, majoritariamente, negros. As principais declarações feitas durante as palestras enfatizaram o compromisso dos organizadores da Festa do Reinado em promover a igualdade social e o combate ao preconceito por meio do reconhecimento e da valorização da festa, pautada, principalmente, pelos conceitos de “ancestralidade”, “resistência” e “identidade”. Esses conceitos eram acionados para legitimar a retomada da tradição do Congado na cidade, resultado de um esforço coletivo de anos. Alguns militantes negros mais experientes e conhecidos em Ouro Preto, como Márcia Valadares, reforçaram esse discurso, alegando que a festa se caracterizaria como uma grande conquista frente a anos de luta para que esse bem cultural de ordem imaterial fosse reconhecido, mesmo com dificuldades financeiras e a supervalorização de apenas alguns aspectos culturais da cidade, como o patrimônio material e o circuito de turismo estabelecido, que, para eles, não destacam a participação dos africanos na construção da cidade e em sua herança cultural de forma positiva.

2.1.3 – Quinta-feira a Sábado: tríduo

Na quinta-feira (10/01), teve início o tríduo, que consiste em três dias de culto que antecedem o Dia Festivo com a chegada das *guardas* visitantes. Durante esses três dias (10/01 – 12/01), ocorrem cerimônias religiosas na Capela Padre Faria e na Igreja de Santa Efigênia, a partir das 19h30min. As cerimônias do tríduo seguem um ordenamento característico das missas e um folheto costuma ser distribuído na entrada dos templos para que se possa acompanhar a liturgia³⁷. Os membros do Congado e Moçambique de Santa Efigênia marcaram presença em todos os três dias do tríduo e alguns deles participaram ativamente no coral litúrgico, cantando os hinos de entrada e saída da *guarda*, assim como os interlúdios entre os sermões do celebrante. As canções se relacionavam diretamente com o Congado e abordavam as memórias da escravidão:

Entrada

37 Todas as missas do tríduo foram dedicadas à Nossa Senhora do Rosário e a Santa Efigênia. O primeiro culto do tríduo teve como tema “Os louvores a Nossa Senhora devem nos levar a Cristo”, contando com a participação da Pastoral Familiar e do Grupo de Terço Mães que Oram, sendo realizado na Capela Padre Faria. No segundo culto do tríduo (sexta-feira), o tema foi “A devoção do Rosário de Maria alimenta a caminhada de fé”. Participaram dele a Pastoral da Saúde e grupos de Terço dos Homens de Ouro Preto, reunidos também na Capela Padre Faria. O último culto do tríduo (sábado) teve como tema “Maria, mãe que acolhe em seu regaço. Mãe medianeira da Graça” e contou com a participação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e a Pastoral da Juventude, sendo realizado na Igreja de Santa Efigênia.

Nossa Senhora mandou um recado
festa do Rosário
chegou, chegou, chegou!
Eu sou filho dela criado no congo,
eu vou, eu vou, eu vou.

Vamos à casa de Maria

Vamos à casa de Maria

Vamos esquecer o passado

e viver um novo dia.

O passado não importa
nunca deve importar
porque Jesus falou,
que sempre é tempo
pra recomeçar (2X).

Final

1 – Eu vou tocar minha viola – a – a.

Eu sou negro cantador

O negro canta, deita e rola – a – a

lá na senzala do Senhor.

Dança aí nego nagô Dança aí nego nagô!

Dança aí nego nagô Dança aí nego nagô

ô – ô – ô – ô – ô...

2 – Tem que acabar com essa história – a – a
do negro ser inferior

O negro é gente e quer escola – a – a
quer dançar samba e ser doutor.

3 – Vou botar fogo no engenho

Aonde o negro apanhou

O negro é gente como o outro,

Quer ter carinho e ter amor.

4 – O negro mora em Palafita

não é culpa dele não senhor

A culpa é da abolição

que veio e não libertou

E, em uma das músicas, faz-se referência direta aos “Pretos Velhos de Aruanda”:

Rosário dos Pretos

Me faz chorar

Me faz chorar de alegria

Quem abre a garganta nas ruas

carregando a santa no andor

Me faz chorar

Eu vi lá, eu vi lá na Aruanda

onde eu morava antes de ser menino

meu povo rezar... eu via lá

Oiê! Esse ngoma me bate no peito

Como os sonhos de meu pai

É o Sagrado Rosário

dos Pretos Velhos de Aruanda

Que vem coroar minha canção com a luz do céu

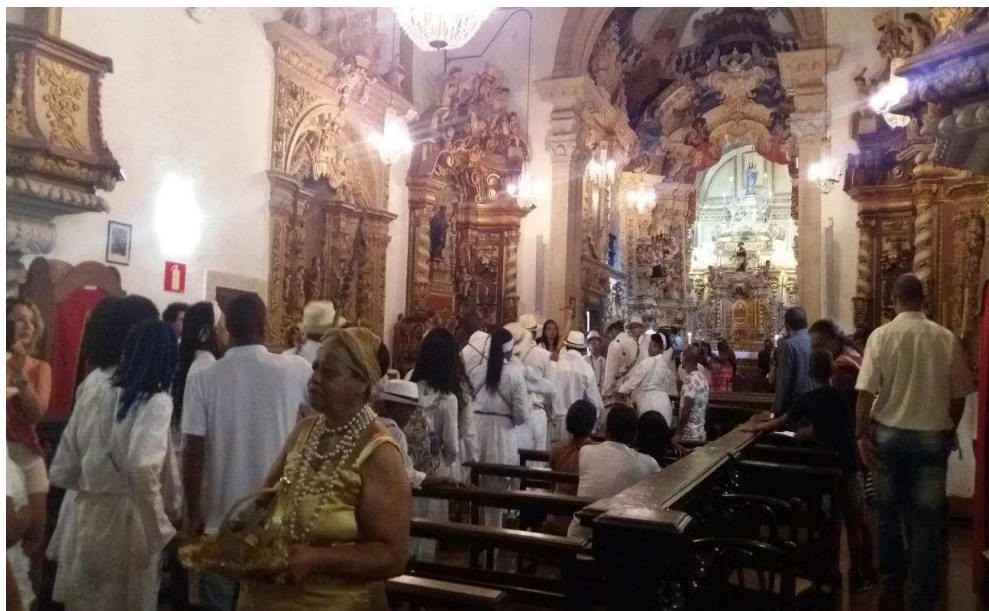
Oiê! Essa ngoma me bate no peito

Como os sonhos de meu pai

É o Sagrado Rosário

dos Pretos Velhos de Aruanda
Que vem me falar
Que a grande mãe ouve nossa voz
Me faz chorar...

Não consegui me informar quanto à autoria desses hinos, mas são todos cantados, exclusivamente, nesse período festivo, como parte do tríduo. Antes de finalizar o último culto do tríduo, realizado na Igreja de Santa Efigênia, o padre celebrante perguntou para os presentes o significado da Festa do Reinado, ao que foram ouvidas as seguintes respostas: “a fé no Rosário”, “renovação da fé”, “devoção à Nossa Senhora”, “resistência”, “luta”, “amor”, “a luta de Kátia e Kédison para manter a tradição” e “união”. No final da missa, o Congado e Moçambique de Santa Efigênia realizou sua homenagem aos santos do altar principal – Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Elesbão – e à presença dos antepassados africanos no interior do templo.



Moçambique de Santa Efigênia prestando suas homenagens a Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia após missa do último dia do tríduo, Ouro Preto, 12 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

O último culto do tríduo acontece na noite do sábado que antecede o Dia Festivo, o qual se inicia com a Alvorada³⁸, às 05h da manhã. Por isso, não é incomum que alguma *guarda*, vinda de uma cidade mais distante, chegue em Ouro Preto na noite de sábado – como foi o caso da Guarda de Nossa Senhora do Rosário Luz Divina Moçambique de Campos Altos, oriunda da cidade de Campos Altos, que apareceu no final do tríduo e, com isso, juntou-se ao Congado

38 A Alvorada se refere ao início das festas de Congado que costuma acontecer nas primeiras horas da manhã.

e Moçambique de Santa Efigênia na homenagem às entidades católicas do altar da Igreja de Santa Efigênia³⁹

2.1.4 – Domingo: Dia Festivo

O domingo festivo começa com a Alvorada, às 5h, momento em que as *guardas* visitantes saem da Escola Desembargador Horácio Andrade, local de seu alojamento, em cortejo rumo à Igreja de Santa Efigênia, para celebrar os padroeiros da *guarda* anfitriã, junto ao altar. Os tipos de *guardas* que vieram a Ouro Preto para o Reinado de 2019 eram muito variados, a exemplo de Catopês, Marujadas e Caboclos. De acordo com Santos (2019), esses grupos são variações do Congado, que também festejam os reinados negros com louvação a Nossa Senhora do Rosário, mas possuem uma herança cultural específica que pode ser percebida nas peças de vestuário, nos ritmos musicais e de canto, além dos instrumentos e passos de dança. Segundo a autora:

Catopês, em determinados lugares, relacionam-se nas vestimentas com as cavalcadas e advêm de territórios onde a prática agropecuária é significativa. Os Marujos relembram os negros marujos e as reminiscências das travessias no mar, não há relação com o trabalho no mar, atualmente, mas os Marujos rememoram tais negros. Os Caboclos ou Caboclinhos referem-se aos índios, são de descendência [sic] indígena e esse grupo tem papel fundamental no Reinado realizado no Alto da Cruz: são eles que vão à frente do cortejo, pois são os nativos dessa terra e são eles que conhecem as matas, os caminhos desse território, rememorando os tempos passados. (SANTOS, 2019, p. 126-127).

De fato, os Caboclos foram uma das primeiras *guardas* a entrar na Igreja de Santa Efigênia durante a Alvorada, aludindo aos povos indígenas, por meio de sua gestualidade corporal e indumentária, sendo acompanhados por dois palhaços. Com o corpo repleto de penas longas e coloridas, eles dançavam com arco e flecha em punho, enquanto cantavam ao som de tambores grandes, sonoramente graves, acompanhados de sanfona. Depois dos Caboclos, o Congado de Santa Efigênia prestou sua homenagem, seguido da *guarda* Congo da Libertação de Ituiutaba, cujos integrantes vestiam mantos de cetim, nas cores azul e branco. Por baixo dos mantos, eles usavam roupas brancas, além de turbante da mesma cor na cabeça. Foi a *guarda* que manifestou de forma mais evidente a relação direta com religiões de matriz africana por meio de imagens de Orixás, como Iemanjá, Iansã e Oxum, Ogum e Xangô, estampadas em seus tambores.

39 As *guardas* costumam se alojar na Escola Desembargador Horácio Andrade, localizada no bairro Padre Faria, por se tratar de um lugar próximo dos lugares da festa e com espaço para alojamento.



Cortejo até a Igreja de Santa Efigênia, da *guarda* anfitriã com as *guardas* visitantes, durante a alvorada, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Integrantes do Moçambique anfitrião abrindo passagem com seus cajados para a entrada das *guardas* visitantes na Igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Guarda de Nossa Senhora do Rosário Luz Divina Moçambique de Campos Altos. Última *guarda* a prestar suas homenagens durante a alvorada do Dia Festivo, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Assim que a maior parte das *guardas* visitantes completou seus ritos de deferência a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, o Moçambique de Santa Efigênia encerrou essa primeira etapa do dia, que deu vez a um cortejo em direção à Ecoteca, ou Casa de Cultura do Padre Faria, onde seria servida a refeição de café da manhã. Como nos demais cortejos, as *guardas* se organizaram de acordo com uma ordenação específica: os Caboclos abriam os caminhos; sendo seguidos pelo Congado anfitrião; e, depois dele, uma sucessão de *guardas* visitantes, dentre as quais encontravam-se duas *guardas* ouro-pretanas, a Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, vinculada à APAE, e o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, do distrito de Miguel Burnier; e, por último, o Moçambique de Santa Efigênia.

A Casa de Cultura do Padre Faria, destino do segundo cortejo do Dia Festivo, está localizada na Rua Padre Faria, não muito longe da Igreja de Santa Efigênia, consistindo, basicamente, em uma biblioteca de obras infantojuvenis. O jardim da biblioteca foi o local do desjejum, tendo sido arrumado com balões coloridos, amarrados em algumas árvores, e mesas e cadeiras espalhadas pelo gramado, cobertas com pano de chita, que também forrava a mesa principal, em que estavam dispostos os pães, bolos, as bolachas, o café, o leite e o chá – alimentos doados por moradores da cidade e preparados por membros da Pastoral Jovem de

Ouro Preto e por voluntários do próprio bairro Padre Faria. Quando as *guardas* chegaram, seus integrantes tocaram e cantaram em agradecimento às cozinheiras e a São Benedito, protetor da cozinha e dos cozinheiros. O mesmo se repetindo no final da refeição. Conforme davam-se por satisfeitos, os convidados abandonavam o jardim, para que todas as *guardas* pudessem entrar nele e se alimentar.



Café da manhã servido para as *guardas* visitantes na Casa de Cultura do Padre Faria, no bairro Padre Faria, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Café da manhã servido para as *guardas* visitantes na Casa de Cultura do Padre Faria, no bairro Padre Faria, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Café da manhã servido para as *guardas* visitantes na Casa de Cultura do Padre Faria, no bairro Padre Faria, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Às 09h, todas as guardas saíram em cortejo da Casa de Cultura, pela rua Padre Faria, passando em frente à Igreja de Santa Efigênia, descendo a ladeira homônima e seguindo em direção à Mina de Chico Rei, localizada no bairro Antônio Dias, para buscar o Reinado da festa, formado por reis, rainhas, príncipes e princesas.



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, *guarda* Caboclos do Serro da cidade de Serro (MG), Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, o Congado de Santa Efigênia, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, Guarda de Congado Nossa Senhora Aparecida de Conselheiro Lafaiete, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, Guarda de Congado Nossa Senhora Aparecida de Conselheiro Lafaiete, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, *guarda* demonstrando a diversidade de vestimentas dos congados presentes na festa, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Caixas e bandeiras do Congo da Liberdade de Ituiutaba, uma *guarda* de Congado, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, o Congo da Liberdade de Ituiutaba, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Detalhes da vestimenta do capitão Vieira do Congado de Nossa Senhora de Aparecida e Divino Pai Eterno de Conselheiro Lafaiete, com fitas coloridas, quepe cheio de adornos, guias e cetro.

Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Detalhes nas vestimentas de integrantes de Moçambique com a seguinte frase estampada: “No tempo da senzala, me aprisionaram a mente, mas foi com o congado que arrebentei as correntes”, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, Moçambique de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Catas Altas, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Início do cortejo até a Mina de Chico Rei para buscar o Reinado. Na foto, Moçambique de Santa Efigênia, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Cortejo descendo a Rua Santa Efigênia, sentido bairro Antônio Dias, para buscar o Reinado na Mina do Chico Rei, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Muitas pessoas acompanharam todo o cortejo, caminhando junto dele, e muitos moradores saíram à porta de suas casas ou às janelas, onde costumam pendurar estandartes com a imagem dos santos homenageados na festa.



Casa de moradores do bairro Antônio Dias, na Rua de Santa Efigênia, que enfeitam suas casas com estandartes de imagem dos santos homenageados na festa, ou santos de devoção. Na foto, imagens de Santa Efigênia, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Os grupos festivos subiram e desceram pelas ladeiras íngremes da cidade, sob o sol quente de janeiro, cantando, em coro, os hinos que, na maioria das vezes, relatam o tempo da escravidão. Era um momento de destaque e protagonismo para os integrantes das *guardas*, que são compostas, majoritariamente, por pessoas negras. O público acompanhava o cortejo fascinado pela altivez dos trajes coloridos e das danças com passos coreografados. Amanda Melissa dos Santos escreve sobre a ordem das *guardas* durante os cortejos:

No cortejo das guardas, após os Caboclos, vem a Guarda de Congo do Alto da Cruz, onde os três capitães vão abrindo caminho com suas espadas, danças, saltos, cantos e toque de tambores mais alegres e mais ágeis. Após uma fila de mais de quarenta guardas de Congos, Moçambiques, Catopês e Marujos, todos visitantes. Por último no cortejo vem a Guarda de Moçambique do Alto da Cruz e atrás dela o Trono Coroado do Reinado. É o Moçambique que, na tradição, guarda o Trono Coroado: os reis e as rainhas congos, perpétuos, de devoção ou de promessa, que guardam o trono de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, além do primeiro trono ancestral das reminiscências africanas, que no caso, é o de Chico Rei. (SANTOS, 2019, p. 126-127).

Chegando no Largo de Marília, no bairro Antônio Dias, as *guardas* visitantes abriram passagem para o Moçambique de Santa Efigênia, que seguiu pela ponte do bairro rumo à Mina do Chico Rei, situada a poucos metros dali. De acordo com Amanda Santos, citada acima, o Moçambique é o responsável pelo “Trono Coroado do Reinado”, sendo esse composto pelos “reis e as rainhas congos, perpétuos, de devoção ou de promessa”, que, por sua vez, “guardam” dois tronos, o de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, e o de Chico Rei. Depois do encontro, na Mina, entre o Moçambique e o Reinado, esse se colocou atrás de todas as *guardas*, em última posição na ordem do cortejo.

Concluída essa etapa, as *guardas* visitantes, sem desobedecer às regras de andamento, retornaram à Igreja de Santa Efigênia, onde buscaram os andores de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, e levaram-nos até o adro da Capela Padre Faria, lugar onde ocorreria a Missa Conga.



Congado de Santa Efigênia na Ponte de Antônio Dias, no bairro Antônio Dias, esperando o Reinado sair da Mina de Chico Rei, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Reinado de Santa Efigênia: Príncipe e Princesa acompanhados de uma moçambiqueira, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Reinado de Santa Efigênia: Princesa Sophia, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Reinado de Santa Efigênia: Rei e Rainha Perpétua (Deolinda dos Santos), Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)

Antes de celebrar a Missa Conga, porém, as *guardas* voltaram ao jardim da Ecoteca, dessa vez, coberto por um toldo, para protegê-las do sol, onde foi servido um almoço. Nesse momento, os integrantes das *guardas* conversaram mais entre si, sentados na grama do espaço coberto ou dispersando-se pelas ruas do bairro, pelo pátio em frente ao jardim, em um bar próximo e até mesmo no adro da Capela Padre Faria, onde todos acabaram se reunindo, por volta das 16h. Nesse horário, no adro da capela, foi montado um palco para a Missa Conga⁴⁰, a ser celebrada junto da bênção às *guardas* visitantes, com a participação da Pastoral Afro-Brasileira de Ouro Preto e do Grupo de Animação Frutos da África. Em cadeiras dispostas logo em frente ao palco, mais próximas a ele, sentaram-se os reinados das *guardas*, evidenciando o lugar de importância que ocupam em meio à festa, assim como o respeito dirigido a eles.

O celebrante da missa era um padre negro, acompanhado de seminaristas e coroinhas negros, como também eram os sacerdotes e seus ajudantes nas missas de abertura. Essa escolha reflete a importância do conceito de “representatividade”, conforme acionado pelos organizadores da festa durante as palestras de dias anteriores. Não à toa, portanto, a homilia da Missa Conga teve como eixo central a importância histórica da Festa do Reinado na cidade de Ouro Preto, especialmente, para a população negra dos bairros Antônio Dias, Padre Faria e Alto da Cruz, onde a festa foi realizada. Finalmente, a homilia do padre celebrante também denunciou o preconceito que sofrem os congadeiros, em razão do racismo dirigido contra manifestações festivo-religiosas como a Congada e suas variações.

40 Sobre a Missa Conga, Francisco Van der Poel afirma: “A missa Conga é uma manifestação recente [...] A missa Conga é do tempo do Concílio Vaticano II (década de 1960) quando no Congo surgiu uma famosa ‘Missa Luba’ ainda em latim, mas de caráter fortemente africano. No canto do Credo, tambores de sinais avisam a morte de Jesus [...] foi naquele tempo que a Missa Conga surgiu em Belo Horizonte. Não se trata de uma missa com enfeite de congado e sim de uma celebração da memória da paixão de Cristo unida à memória da escravidão do povo negro” (POEL, 2005, p. 24).



Missa Conga no adro da Capela Padre Faria, Ouro Preto, 13 jan. 2019.
(Foto: Bruna Reis)

Depois do fim da Missa Conga, ocorreu o descimento das bandeiras, indicando o fim da festa. Nesse processo, algumas das *guardas* visitantes tocaram e cantaram em apoio ao Congado e Moçambique de Santa Efigênia, outras cantaram sua despedida, tocando e dançando, e uma terceira parte delas apenas aguardou o fim do descimento, observando-o.



Descimento dos mastros com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, pelo Congado e Moçambique de Santa Efigênia e as *guardas* visitantes, após a Missa Conga no adro da Capela Padre Faria, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Descidos os mastros, as bandeiras foram colocadas no altar da Capela Padre Faria e, então, as *guardas* que permaneceram até o final do rito se despediram, uma de cada vez, da *guarda* anfitriã, cantando e dançando juntas, em reverência aos capitães por mais um ano do encontro de Congados em Ouro Preto. A interação de despedida entre os grupos acontecia também por meio de uma dança provocativa, encenando um confronto de espadas e cajados, finalizada com emoção pelos capitães. Por último, quando todas as *guardas* foram embora, os integrantes do Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia finalizaram de vez o evento com um abraço coletivo no adro da Capela Padre Faria.



Final de festa: bandeiras de Nossa Senhora do Rosário (centro), Santa Efigênia (esquerda) e São Benedito (direita) no altar da Capela Padre Faria, após descimento dos mastros com as bandeiras, que marca o fim dos festejos, Ouro Preto, 13 jan. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

2.2 – 5ª Festa da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito

A Festa do Manto Azul ocorre, invariavelmente, no terceiro domingo de novembro, estando marcada para o dia 17 no ano de 2019. Assim como a Festa do Reinado, organizada pelo Congado e Moçambique de Santa Efigênia, a Festa do Manto Azul obedece a ordenamentos característicos das festas de Congado, com manifestações que ocorrem ao longo de uma semana, nessa sequência: o levantamento de mastros com as bandeiras dos santos homenageados – Santa Luzia, Santa Efigênia, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Rosário – em frente a um templo religioso que, no caso do Manto Azul, seria a Capela de Santa Luzia, localizada no bairro Santa Cruz; a passagem dos santos homenageados pelas casas de moradores desse bairro; o tríduo; o rito de alvorada; a chegada das *guardas* visitantes; café da manhã; o cortejo das *guardas* e seus reinados pelas vias públicas; almoço;

celebração da Missa Conga; e, por fim, a cerimônia do descimento dos mastros, que marca o desfecho do evento.

De acordo com Tiane, filha de Jussara, a capitã do Manto Azul, os convites para as *guardas* visitantes ocorrem por meio de mensagens de texto virtuais ou ligações telefônicas, além da lógica silenciosa do *pagamento de festa*, que consiste na presença de uma *guarda* na festa da outra em *pagamento* à presença dessa outra na festa da primeira, formando uma relação de reciprocidade. Por exemplo, se o Manto Azul for na festa de outra *guarda*, é certo que essa *guarda* vai comparecer na Festa do Manto Azul. Por esse motivo, a capitã Jussara e os demais integrantes do grupo estavam, desde o período de preparação, convictos do comparecimento de algumas *guardas*, cujas festas eles visitaram ao longo do ano. Uma delas seria o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do distrito de Miguel Burnier, liderado pelo capitão Xisto, que, de acordo com Tiane, nunca rompe essa relação de troca e união entre os Congados.

Como me tornei integrante do Manto Azul durante minha segunda viagem de observação, voltei para Ouro Preto no final de 2019, dez dias antes da quinta edição da festa da *guarda*, para ajudar nos preparativos e participar dos ensaios. O primeiro ensaio em que participei ocorreu numa sexta-feira (08/11). E, no mesmo dia, demos início à decoração de alguns espaços que integrariam a programação do evento, como o Bar do Milton, no bairro Santa Cruz, próximo à casa da capitã e sua família. Seu Milton, Rei Festivo do Manto Azul e proprietário do referido bar, cede o espaço do lado de fora de seu estabelecimento para a realização de vários momentos da Festa do Manto Azul, como a chegada das *guardas* visitantes, que ali tomam seu café da manhã e almoçam. Mas as referências ao Bar do Milton também compreendem a casa onde ele mora com sua esposa, Dona Cecília, a Rainha Festiva. Na residência do casal, são mantidos os andores dos santos, por nós enfeitados durante os preparativos, sendo lugar de abrigo também para as imagens de gesso dos santos homenageados, após seu benzimento em meio à festa.

Ao contrário da Festa do Reinado, sediada no setor da cidade onde predomina o conjunto histórico de Ouro Preto, a Festa do Manto Azul ocorre em um bairro ainda mais periférico do que os três bairros do Reinado. Por ser afastado desse conjunto, o bairro Santa Cruz apresenta construções improvisadas de alvenaria, em morros e barrancos, ruas de terra ou asfaltadas, contrastando com as ruas de pedra que caracterizam o cenário turístico da cidade, composto por capelas e matrizes do período colonial, inexistentes em Santa Cruz. Enquanto o enredo da Festa do Reinado fundamenta seu cortejo em pontos históricos como a Capela Padre Faria, a Igreja de Santa Efigênia e a Mina do Chico Rei, a Festa do Manto Azul possui um

enredo menos organizado e sem a categoria histórica como embasamento, utilizando os espaços próximos de onde a família de Jussara e os integrantes do grupo moram que possam comportar um número maior de pessoas, como o Bar do Milton que, além de Rei Festivo, é também um amigo da capitã e sua família, formando um trajeto para o cortejo que possui pontos de passagem com significados mais pessoais e afetivos. Ademais, para a parte litúrgica dessa festa, não foi escolhido um edifício eclesiástico de arquitetura barroca, mas a Capela de Santa Luzia, construída há menos de 10 anos, e, por isso, com uma infraestrutura reduzida, tal como o Bar do Milton.

Agora, de volta ao ensaio, que durou, aproximadamente, uma hora e meia, pode-se afirmar que grande parte dos integrantes do Manto Azul estavam presentes. Depois, seguimos para o Bar do Milton, onde decoramos a parte interna e a externa da garagem com plásticos coloridos colados em barbantes. Jussara nos instruiu a suspendê-los no teto de modo que um fio ficasse sobreposto ao outro, formando uma cruz, pois, de acordo com ela, dessa forma ficaríamos protegidos de qualquer mal que pudesse acontecer, sendo a cruz um símbolo de proteção. Dentro da garagem, ainda colocamos uma coroa no centro da cruz, para representar o reinado. Depois de enfeitar o Bar do Milton, demos continuidade à preparação cuidando dos santos homenageados: São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora Aparecida, cujas imagens esculpidas já tinham sido lavadas com um banho de ervas, assim como os mastros, as coroas e as capas dos reis e das rainhas, além dos andores dos santos. Preparar os grandes santos de gesso consistia, basicamente, em destacar algumas partes da indumentária deles com *glitter*, para dar mais brilho.

No dia seguinte, um sábado (09/11), nós decoraríamos a área externa da Capela de Santa Luzia, igualmente conhecida como Capela Lírios do Campo, também localizada no bairro Santa Cruz. Lá, usamos as mesmas fitas de plástico colorido amarradas em barbante e as suspendemos em dois postes para cruzá-las. A capela é bem pequena, pintada de branco, com uma cruz acima do portal de entrada. Em frente à pequena capela, há essa espécie de adro, ou pátio, onde as *guardas* visitantes também ficariam acomodadas durante a Missa Conga, tendo em vista que o espaço interno do edifício não comporta muitas pessoas. Foi sobre essa área externa que formamos a cruz de papel colorido, ao redor da qual existe um terreno baldio, com um cruzeiro em uma das partes laterais e, na frente, um espaço onde os mastros com as bandeiras seriam erguidos. A vegetação estava bem alta e o local, sujo, revelando certo descaso e certa indiferença com a festa por parte do zelador da capela que, mesmo a pedidos, não providenciou a limpeza dessa área externa onde parte da festa seria realizada, sugerindo que nós mesmos a

limpássemos. Eram quase 17h quando voltamos para a casa da capitã Jussara, a fim de ensaiar antes da coroação do reinado, que seria realizada naquele mesmo dia.

Esses pormenores da infraestrutura e o descaso do zelador também revelam uma posição de invisibilidade até mesmo no bairro da *guarda*, com pouco ou nenhum envolvimento da comunidade na organização da festa. Algo que já não ocorre com a Festa do Reinado, tendo em vista a grande força-tarefa mobilizada por vários moradores dos bairros onde ocorre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia visando ajudar na arrecadação de comida, no preparo das refeições, na decoração da Ecoteca etc.

2.2.1 – Sábado: coroação do Reinado do Manto Azul

A coroação dos Reis e das Rainhas do Manto Azul aconteceu no sábado (09/11) que antecede o levantamento das bandeiras, começando no horário aproximado de 20h, na Casa de Oração da Vovó Maria Conga, e restringindo-se aos integrantes da *guarda*. O reinado deveria comparecer com seus objetos pessoais que também são objetos rituais do Congado, como capas, coroas, cetros e rosários. Pouco antes da coroação, Dona Geralda me explicou sobre a constituição do reinado da *guarda*:

Eu sou a Rainha Perpétua, não posso mais sair dessa função, Seu Geraldo é Rei Congo, pode ser substituído e os Reis Festeiros também, que é o Seu Milton e Dona Cecília e eles só vão no dia de festa e também podem ser substituídos. Andyaria é Rainha Conga com Seu Geraldo (informação verbal)⁴¹.

Sua fala revela a importância da Rainha Perpétua para o Congado, sendo esse o único posto permanente do reinado, cuja titular não se pode substituir.



41 Conversa com Geralda, Rainha Perpétua do Manto Azul. Ouro Preto, nov. 2019.

Reinado da Guarda de Congo do Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito na 5ª festa da guarda. Da esquerda para direita: Tiane, Dona Cecília e Seu Milton (Reis Festivos), Dona Geralda (Rainha Perpétua), Andyaria (Rainha do Congo), Seu Geraldo (Rei do Congo) e a capitã Jussara, Ouro Preto, 17 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Todos os congadeiros do Manto Azul se reuniram para a coroação que seria feita por Vovó Maria Conga. Jussara vestia saia e blusa brancas, faixa no cabelo, guias no pescoço, cajado de madeira e cachimbo para a incorporação. E, em pouco tempo, a Vovó chegou. Primeiro, foram coroadas as rainhas: Geralda, Cecília e Andyaria; depois, os Reis: Milton e Geraldo. Para a transmissão das coroas e dos cetros, a Vovó incumbiu as crianças, que deveriam retirar os objetos de uma bacia cheia de água, com ervas e um rosário grande de contas pretas, e entregar a ela. Enquanto os objetos repousavam um tempo na bacia, Vovó realizava a bênção dos reis, ajoelhados diante dela, por meio da fumaça de seu cachimbo e de um conjunto de rezas. Em seguida, depois do benzimento, os objetos voltavam para as crianças que, por sua vez, repassavam-nos para os reis e as rainhas. Durante a coroação, Vovó Maria Conga cantava algumas músicas e nós repetíamos em coro:

Ajoelhai seu rei
Ajoelhai sim senhor
Ajoelhai sim senhor
Oh, receba Rei
Oh, o seu Rosário
O Rosário de Maria
O Rosário de Maria
Oh, Maria Conga
Ela vem vencer demanda
Oh, louvar o meu Rei
Oh, receba sua coroa com a graça de Nossa Senhora

Tá coroadado
Tá coroadado
Tá coroadado em nome do senhor

Ao que cantamos repetidamente:

Balanceou, balanceou, balanceou a coroa do rei balanceou
Ô rainha vamos passear na rua
Ô rainha vamos passear na rua
A coroa do rosário agora a coroa é sua
A coroa do rosário agora a coroa é sua

Sa rainha seu nêgo chegou
Sa rainha seu nêgo chegou
Sa rainha seu nêgo chegou
Camisa engomada
Chapéu de fulô
Ô senhor rei

Sá rainha mandou lhe chamar
Ô pra quê será
Ô pra quê será
Coroa o rei
Coroa
Vou pedir pra Nossa Senhora
Para te abençoar
Vou pedir pros Santos Reis pra te coroar
Coroa o rei
Coroa

A coroa de prata é de Maria
A coroa é de José
E a coroa divina é de Jesus de Nazaré
Sá rainha conga chega na janela
Venha ver seus filhos que venceu a guerra
Esse reinado vai ser abençoado
Porque o senhor vai derramar o seu amor
Derrama senhor
Derrama senhor
Derrama sobre ele seu amor

A cada objeto colocado no corpo dos reis das rainhas, alternavam-se as músicas e a sonoridade das caixas. Nesse processo ritual, Vovó falava sobre a seriedade do compromisso que o reinado deveria assumir nessa posição, não podendo escapar dele, uma responsabilidade considerada “eterna”. Entre as pausas da coroação, os demais integrantes do grupo pediram para que Vovó abençoasse outros objetos, como quepes, cetros e rosários, demonstrando o respeito e a devoção aos antepassados ali representados por Vovó Maria Conga, também representante do sagrado e fonte de ensinamentos, que possibilita a existência de um elo entre o passado, o presente e o futuro da *guarda*, sendo os objetos uma espécie de receptores desse sagrado. Terminada a coroação, Vovó deu voltas em torno dos reis e das rainhas com o rosário grande de contas pretas, fazendo rezas e gestos com as mãos pelo corpo dos reis, em movimento de limpeza, enquanto bafurava o fumo do cachimbo em direção aos seus corpos. Antes de ir embora, Vovó Maria Conga afirmou que:

Não precisa ter medo que Nossa Senhora vai abençoar a caminhada de vocês, é só ter fé em Nossa Senhora, São Benedito e na nega véia. Porque aqui na terra que voismecês pisa, infelizmente, aqui é coisada de cativoiro, então voismecês tão passando, voismecês não sabem mas nega véia vai contar. Esse congado de voismecês já existia há muitos anos atrás, muitos anos. E voismecês tão revivendo coisa que já passaram, certo? Então quando as coisas vêm pras pessoas não é por acaso, tá? A partir de hoje a nega véia deu as bênça pra voismecês, descruzou o congado de voismecês que tava cruzado. Quem for inteligente pergunta que nega véia responde. Tava cruzado porque as pessoa incherida de fora tava mexendo nos coisado de nega véia. Não põe a mão na cuíca onde não é chamado se não nega véia vai deixar e vai afundar todo mundo. Vai apanhar todo mundo porque quem pôs o congado pra fora foi nega véia, não foi ninguém. É nega véia que tá pondo ordem, nega véia que tá

concertando. Fica todo mundo doente, assim, assado. Tem que respeitar. As moçadas vamos cantar pra eles [reis e rainhas] felicidade, alegria e saúde pra eles. A luz divina! (informação verbal)⁴².

Aqui, Vovó Maria Conga se refere abertamente aos riscos que a participação inadequada no Congado traria para seus participantes, principalmente, para os reis que, uma vez coroados, assumem o papel de zelar pelo sagrado e representá-lo, aprendendo os saberes específicos do Congado, aos quais poucos integrantes da *guarda* têm acesso. Em acréscimo, importa destacar que o zelo do reinado se deve ao respeito, e até um certo temor, em relação à Vovó Maria Conga, que, na mesma medida em que consola e protege, também alerta sobre seu poder de desconsolar e desproteger, se não for devidamente reverenciada. No final da cerimônia, ela pediu por cachaça e se despediu dizendo que o “Rosário é amor, fé e união”. Ao que finalizamos, cantando:

A bênça vovó
Vovó já vai simhora
Meus filhos fica com Deus
que eu já vou embora

O ritual de benzimento dos objetos do Congado, como as coroas, os cetros, as caixas, as bandeiras, os rosários e os quepes, tem o poder de sacralizar, conferir força e *proteção* para os congadeiros. Dessa forma, eles podem enfrentar os desafios das festas e as adversidades decorrentes das tensões inerentes a esses encontros. O conhecimento sagrado de Vovó Maria Conga estrutura as ações rituais do Manto Azul, que obedece a regras, normas e fórmulas de *proteção* dadas pela entidade de Preta Velha. Os benzimentos e aconselhamentos dela também confortam os integrantes da *guarda*, que se sentem seguros para os encontros, pois, ao mesmo tempo em que os objetos do Congado pertencem a este mundo, também pertencem ao mundo sagrado da Vovó. Os objetos do reinado são, finalmente, de responsabilidade pessoal de cada um de seus membros, razão pela qual Andyaria, Dona Geralda e Seu Geraldo, Dona Cecília e Seu Milton devem zelar por suas vestimentas, seus cetros, suas coroas e seus rosários – quanto aos objetos comuns a todos da *guarda*, como as bandeiras, as caixas e os santos, esses ficam sob responsabilidade da capitã Jussara.

2.2.2 – Domingo: início da festa com levantamento das bandeiras

Para dar início à semana festiva com o levantamento das bandeiras, saímos da casa da capitã Jussara, em cortejo com o Congado, por volta das 17h. Antes do levantamento das bandeiras de Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia e Santa Efigênia, deveríamos deixar os santos, que seriam enfeitados, nos andores que estavam na casa de Seu Milton e Dona Cecília. Por isso, nosso primeiro destino – todos trajados de

42 Discurso de Vovó Maria Conga. Ouro Preto, nov. 2019.

branco e com guias ou rosários no pescoço – foi a residência dos Reis Festivos. Mas, assim que começamos a subir os 83 degraus da casa da capitã, começou a chover. A dificuldade em subir os degraus com o peso dos santos de gesso, das bandeiras de aço e dos instrumentos musicais simbolizou uma das recorrentes *provações* a que Jussara sempre se refere no que tange ao desafio de manter a fé e o Congado mesmo em meio a contratempos. Ainda assim, o êxito na saída em direção à rua e uma trovoadas que a antecedeu foram interpretados pela capitã e os demais como um sinal divino de que a festa seria bem-sucedida, apesar das dificuldades típicas desse tipo de evento.

Chegando à casa dos Reis Festivos, cantamos os versos de costume quando se entra em algum lugar:

Foi agora que eu cheguei dá licença
Foi agora que eu cheguei quero a bênça
Foi agora que eu cheguei dá licença
Foi agora que eu cheguei quero a bênça

Colocamos os santos nos andores e tocamos algumas músicas do Congado antes de seguir para a Capela de Santa Luzia, onde aconteceria uma celebração religiosa em homenagem aos padroeiros da festa. Esse aquecimento foi oportuno para que os integrantes da *guarda* se entrosassem mais entre si, aproximação proporcionada pela música dos tambores, que desempenham função central em momentos como esse. Iniciado o cortejo para a capela, passamos por alguns moradores do bairro, que se colocaram para observar de suas casas. Ao longo do cortejo, cantamos hinos que fazem referência ao *sofrimento* da escravidão passada, vivido pelos ancestrais:

Fui na senzala, bati na caixa, ô viva iaiá,
fui na senzala, bati na caixa, ô viva ioiô,
ô viva iaiá, iaiá, ô viva ioiô, ioiô,
viva Nossa Senhora, cativoiro acabou

No tempo do cativoiro, quando o senhor me batia
no tempo do cativoiro, quando o senhor me batia
eu rezava meu Deus, minha Nossa Senhora e a chibatada comia
rezava meu Deus, minha Nossa Senhora e a chibatada comia

Quando chegamos na Capela de Santa Luzia, a chuva já havia suavizado. Acompanharam a celebração somente os integrantes do Manto Azul. O espaço interno do templo era muito pequeno e acomodava, aproximadamente, oito bancos compridos de madeira, estando quatro de cada lado, um atrás do outro. O mesmo zelador que tinha nos recebido quando enfeitamos a parte externa daquele lugar foi quem ministrou a missa que inaugura a semana festiva. A ausência de um clérigo para celebrar a cerimônia não foi justificada, sendo sua realização improvisada. Durante as bênçãos, foram transmitidos áudios de padres retirados da

internet, para garantir a legitimidade e a sacralidade dessa hora litúrgica. Acompanhamos o rito pelos folhetos que foram distribuídos no seu início, que incluíam as orações dos santos homenageados. Enfim, enquanto rezávamos o terço de um rosário, parávamos a oração para receber as bandeiras de Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia e Santa Efigênia, que foram, sucessivamente, sendo colocadas no altar da capela – uma mesa forrada com uma toalha de renda branca. Adicionalmente, para cada bandeira se acendia uma vela, dentre as cinco que estavam em um castiçal em frente ao altar.



Bandeiras com as imagens de Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e São Benedito no altar da capela, Ouro Preto, 10 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

No final do culto, saímos, tocando, da capela para o pátio, onde seria feito o levantamento das bandeiras, que foram erguidas por Xandão e Zinho. Primeiro, levantamos o mastro com a bandeira de Santa Luzia, seguido do mastro com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e, por último, o mastro com as bandeiras de São Benedito e Nossa Senhora Aparecida.

Todos os três mastros foram enfeitados com tiras de pano branco e azul em sua extensão. Depois de erguer as bandeiras dos santos sinalizando o início das festividades, descemos a rua, tocando e dançando, até a parte externa do Bar do Milton, onde levantamos mais duas bandeiras: uma de Nossa Senhora do Rosário e outra de Santa Efigênia, suspensas nos postes de luz. Com todas as bandeiras hasteadas, finalizamos o dia de abertura da Festa do Manto Azul, às 22h, aproximadamente.

À diferença da Festa do Reinado, cujos espectadores e participantes são numerosos, tanto no levantamento dos mastros quanto nesse cortejo final não houve participação dos moradores do bairro Santa Cruz, tampouco de pessoas de fora do bairro.



Mastros erguidos com as bandeiras de Santa Luzia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, Ouro Preto, nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

2.2.3 – Segunda e Terça-feira: ornamentação dos andores e passagem dos santos

No dia seguinte (11/11), enfeitamos os andores usados para carregar os santos durante a procissão do Dia da Festa. Eu e Tiane nos prontificamos para arrumar os andores de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, enquanto Kiki e Lyvia ficaram responsáveis pelos andores

de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. Todas essas imagens santas são guardadas na casa da capitã Jussara e sua família ao longo do ano, sendo igualmente preparadas para a homenagem da semana festiva. Apesar do nome da *guarda* aludir ao culto de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, Nossa Senhora do Rosário também sai em cortejo nos andores, além de ser reverenciada na Capela de Santa Luzia, santa que também costuma ser homenageada na Festa do Manto Azul.



Andores de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito ao lado da bandeira da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito na casa dos Reis Festivos, Ouro Preto, nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Andor de São Benedito com objetos dos congadeiros no final do dia da Festa do Manto Azul, Ouro Preto, nov. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Andor de Nossa Senhora do Rosário com objetos dos congadeiros no final do dia da Festa do Manto Azul, Ouro Preto, nov. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Andor de Nossa Senhora Aparecida com objetos dos congadeiros no final do dia da Festa do Manto Azul, Ouro Preto, nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Os andores são ornamentados para que os santos homenageados na festa ganhem visibilidade, sendo o ato de decorá-los um momento prazeroso que faz parte dos rituais do evento. Assim como as bandeiras, os quepes e os cetros, os andores também são, previamente, lavados em banho de ervas para proteção.

Na terça-feira (12/11), fui com Andyaria, a Rainha Conga, no escritório da Guarda Municipal conseguir a autorização da Prefeitura de Ouro Preto para que as *guardas* pudessem sair com segurança pelas ruas do bairro Santa Cruz no domingo. Os agentes da Guarda Municipal que nos atenderam afirmaram que a instituição não poderia fazer a escolta da festa. Também coube a nós sinalizar com cones as vias de passagem do cortejo, sem qualquer garantia de que isso bastaria para proteger as *guardas*. Novamente, a Festa do Manto Azul não mobiliza os ouro-pretanos na mesma medida em que consegue a Festa do Reinado, que não só recebe apoio dos moradores da cidade e atrai um público imenso, inclusive aí os representantes da mídia de notícias e entretenimento, como já conquistou o caráter de evento público reconhecido pelas

instituições do município, conforme oficializou a outorga do título de Patrimônio Imaterial da cidade, em janeiro de 2020. Ainda que as duas festas tenham um perfil popular, é possível perceber que a falta de associações com o circuito de turismo histórico impede o Manto Azul de se estabelecer como um evento de interesse para a comunidade ouro-pretana.

No mesmo dia, eu e Andyaria pegamos nossas camisetas na estampa de tecidos, que seriam parte do novo uniforme da *guarda*, a ser usadas com calças brancas, que cada congadeiro deveria providenciar, assim como os sapatos. A camiseta era azul, simples, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida estampada na parte da frente em meio a um rosário, junto do nome da *guarda*, e, na parte de trás, estava escrito: “Fé remove montanha”. Por volta das 20h, saímos da casa da capitã Jussara rumo ao Bar do Milton, onde cantamos para os santos dos andores, que ficariam na casa de alguns amigos e vizinhos até o Dia da Festa. Depois de cantarmos ao som das caixas e dos xique-xiques, seguimos em cortejo, levando Nossa Senhora do Rosário, para a casa de Pelé, amigo dos integrantes do Manto Azul e vizinho da rua de cima, voltando-nos, posteriormente, para a casa de outra vizinha, onde deixamos Santa Efigênia. Em cada uma das casas, tocamos e rezamos duas ave-marias e dois pais-nossos.

2.2.4 – Quinta-feira a Sábado: tríduo

Na quinta (14/11), começaram os três dias de culto que antecedem o Dia da Festa, chamados de tríduo. O último culto do tríduo, que aconteceu no sábado (16/11), teve como destaque a coroação de Nossa Senhora Aparecida, que foi levada para o altar da capela depois de rezarmos um terço. Seguindo a imagem da Virgem, entraram as crianças que compõem o Manto Azul, trazendo nas mãos os objetos que seriam usados durante a cerimônia de coroação, como o manto, o rosário e a coroa. Esse momento fez-me lembrar da coroação do reinado da *guarda*, feita por Vovó Maria Conga, que, a cada insígnia colocada nos reis e nas rainhas, puxava um canto novo, que era acompanhado em coro pelos presentes. Na coroação de Nossa Senhora Aparecida, o rosário foi o primeiro objeto acomodado, seguido do véu de renda branca, e da coroa. Por último, alguns confetes foram jogados, finalizando o rito de coroação da Virgem. Nessa cerimônia, quem iniciava os cantos eram as crianças que cuidaram da investidura, e, depois delas, repetíamos em coro:

Ó Senhora Aparecida, os anjos vão cantar
que é de grande amor que viemos te coroar



Nossa Senhora Aparecida no altar da Capela de Santa Luzia, antes da coroação no último dia do tríduo, Ouro Preto, 16 nov. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Nossa Senhora Aparecida no altar da Capela de Santa Luzia, após coroação no último dia do tríduo, Ouro Preto, 16 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

2.2.5 – Domingo: Dia da Festa

Domingo (17/11) foi o dia da 5ª Festa da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, que começou com o rito de alvorada às 6h30min. Nesse horário, saímos em cortejo da casa da capitã Jussara e de seus familiares para o Bar do Milton, ponto de encontro das *guardas* visitantes, que ali fariam sua refeição de café da manhã quando chegassem. Mas, antes de sairmos em cortejo, rezamos e pedimos bênçãos aos santos homenageados. A capitã Jussara, habitualmente, finaliza as orações da seguinte forma:

Nossa Senhora do Rosário
Rogai por nós (repetimos em coro)
Nossa Senhora Aparecida
Rogai por nós (repetimos em coro)
São Benedito
Rogai por nós (repetimos em coro)
Santa Efigênia
Rogai por nós (repetimos em coro)

Divino Espírito Santo

Descei sobre nós e iluminai os nossos caminhos (repetimos em coro)

Feita a prece, começamos o cortejo cantando os versos de entrada, puxados pela capitã

Jussara ou por sua filha, Tiane, sendo repetidos pelos componentes do grupo em coro:

Foi agora que eu cheguei dá licença
Foi agora que eu cheguei quero a bênça
Foi agora que eu cheguei dá licença
Foi agora que eu cheguei quero a bênça

E seguimos cantando outras músicas, tais como esta:

Nego, nego, nego de Angola
Nego, nego, congadeiro de Nossa Senhora

Esta:

Tava sentado na pedra, Nossa Senhora passou
Tava sentado na pedra, Nossa Senhora passou
me leva, me leva, me leva, me leva que eu vou
me leva, me leva, me leva, me leva que eu vou

E esta:

Tá caindo fulô, tá caindo fulô,
tá caindo fulô, tá caindo fulô,
lá do céu cai na terra, o lêlê tá caindo fulô
lá do céu cai na terra, ô lelê tá caindo fulô

Chegando na casa dos Reis Festivos, tocamos um tempo na sala de visitas. Nesse momento, apareceram muitas crianças e muitos adultos, que também vestiram o uniforme da *guarda* e integraram o grupo como dançantes para sair nos cortejos ao longo do dia, incluindo dois estudantes e moradores de repúblicas da cidade. Quando finalizamos essa etapa, saímos para a garagem, onde foi servido o café da manhã preparado por Dona Cecília, que consistia em bolos, pães, biscoitos, café, leite e suco.



Refeição de café da manhã servida à *guarda* anfitriã e às *guardas* visitantes no Dia da Festa, Ouro Preto, 17 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

É costume nas festas e encontros de Congados que se cante antes e depois das refeições, especialmente, porque São Benedito, um dos principais membros do panteão congadeiro, foi cozinheiro antes de ser santificado. Por conta disso, cantamos músicas em agradecimento aos cozinheiros e a quem distribui a comida nos encontros, a exemplo desta, muito recorrente:

Já comeu, já bebeu, já comeu, já bebeu
só me resta agradecer meu irmão pelo pão que Deus deu
só me resta a agradecer meu irmão pelo pão que Deus deu

E desta outra, também recorrente:

Agradeço a cozinheira que fez a comida com alegria
essa comida é igual à que São Benedito fazia

A comida, o ato de prepará-la e o ato de comer são uma das marcas fundamentais das festas de Congado. A preparação dos alimentos – arrecadados por meio de doações da comunidade – demanda um envolvimento coletivo, nesse caso específico, de amigas da família de Jussara e cozinheiras que trabalham no Bar do Milton, onde são vendidas refeições em dias comuns.

Depois de comermos e agradecermos pela refeição, começamos a segunda coroação dos reis e das rainhas do Manto Azul, antes da chegada das *guardas* visitantes. Enquanto a coroação realizada por Vovó Maria Conga estaria numa ordem de *proteção espiritual*, a coroação realizada durante o domingo de festa possuía um caráter mais simbólico, típico das coroações das festas de Congado. Os Reis Festivos, Dona Cecília e Seu Milton, foram coroados primeiro,

por Tiane, que cantava durante a entrega de cada uma das insígnias do reinado – ao que repetíamos em coro, enquanto tocávamos as caixas e xique-xiques:

Ajoelhai sá Rainha, ajoelhai sá Rainha
pela graça de Nossa Senhora ajoelhai sá Rainha
(momento em que a rainha se ajoelha para ser coroada)
Ajoelhai senhor Rei, ajoelhai senhor Rei
pela graça de Nossa Senhora ajoelhai senhor Rei
(momento em que o rei se ajoelha para ser coroado)
A receber sá Rainha, a receber sá Rainha
manto de Nossa Senhora a receber sá Rainha
(momento em que é colocado o manto sob as costas da rainha)
A receber senhor Rei, a receber senhor Rei
manto de Nossa Senhora a receber senhor Rei
(momento em que é colocado o manto sob as costas do rei)
A receber sá Rainha, a receber sá Rainha
coroa de Nossa Senhora a receber sá Rainha
(momento em que é colocada a coroa na cabeça da rainha)
A receber senhor Rei, a receber senhor Rei
coroa de Nossa Senhora a receber senhor Rei
(momento em que é colocada a coroa na cabeça do rei)
A receber sá Rainha, a receber sá Rainha
cetro de Nossa Senhora a receber sá Rainha
(momento em que é colocada o cetro nas mãos da rainha)
A receber senhor Rei, a receber senhor Rei
Cetro de Nossa Senhora a receber senhor Rei
(momento em que é colocada o cetro nas mãos do rei)
A receber senhor Rei, a receber senhor Rei
Rosário de Nossa Senhora a receber senhor Rei
(momento em que é colocada o Rosário no pescoço do rei)



Coroação de Andyaria como Rainha Conga durante a Festa do Manto Azul, Ouro Preto, 17 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Em seguida, foram coroados a Rainha Perpétua, o Rei do Congo e a Rainha do Congo. Após a coroação do reinado, aguardamos a vinda das *guardas* visitantes.



Reinado do Manto Azul após coroação. Da esquerda para direita: Dona Cecília e Seu Milton (Reis Festivos), Dona Geralda (Rainha Perpétua), Andyaria e Seu Geraldo (Reis Congos), Ouro Preto, 17 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

As *guardas* visitantes apareceram por volta das 09h, sendo algumas delas: Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Senhora de Oliveira; Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale; e Congado de Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário, do capitão Xisto, de Miguel Burnier. Essas *guardas* despontaram na parte de baixo da Rua das Mangabeiras, passando em frente ao Supermercado do Marquinhos. Para recebê-las, descemos em cortejo pela rua, encontrando com elas na metade do trajeto. Como forma de dar as boas-vindas, as bandeiristas trocaram de bandeiras e passaram a bandeira da outra *guarda* em torno de cada componente do seu grupo, antes de devolver, cada uma, a bandeira da outra. A bandeira é um dos principais objetos rituais do universo congadeiro dessa região. As *guardas* se cumprimentam durante as festas por meio dela, quando um capitão ou outro integrante de determinado grupo beija o objeto em cumprimento e respeito à outra *guarda* e aos santos que ela homenageia.

Depois dos cumprimentos, voltamos para o Bar do Milton, onde as *guardas* visitantes se alimentaram e agradeceram as cozinheiras.



Bandeirista do Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale chegando para o café da manhã na garagem da casa dos Reis Festivos, Ouro Preto, 17 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Assim que todos comeram e terminaram de conversar, Kiki, a filha mais velha de Jussara, entregou para os capitães o presente de lembrança da festa, que era uma pequena coroa feita de E.V.A dentro de uma caixinha de plástico, representando o Congado Manto Azul e seu reinado.



Chegada das *guardas* visitantes para o café da manhã na Festa do Manto Azul. Na foto, da esquerda para a direita: Tiane, Emanuel e Noah, Ouro Preto, 17 nov. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

Findado esse momento mais descontraído de socialização, seguimos em cortejo pelas ruas próximas, tomando o cuidado de descruzar a *guarda* Manto Azul, ou seja, trocar as fileiras de lado ao passar por uma encruzilhada, prática essa que não consegui constatar entre outras *guardas* para saber se seria um costume em comum. No trajeto, muitos vizinhos seguiram o cortejo a pé e outros observaram das janelas de suas casas. Voltamos ao Bar do Milton para o almoço e, mais tarde, conduzimos o cortejo para a Capela de Santa Luzia, onde assistimos a Missa Conga celebrada pelo padre Luiz Carlos Ferreira, pároco da Igreja de Santa Efigênia. No início da cerimônia, foram distribuídos folhetos com o título “Comunidades em Festa – 33º Domingo do Tempo Comum”. Como o espaço da capela era pequeno, foram colocadas cadeiras no pátio, em frente ao templo, onde alguns dos congadeiros e moçambiqueiros das *guardas* visitantes se sentaram para acompanhar o rito, enquanto outros deles, mais jovens, dispersaram-se. Praticamente todos os integrantes do Manto Azul ficaram sentados no cruzeiro, cedendo os

bancos e as cadeiras para os convidados. Foram poucos os moradores do bairro que acompanharam a missa.



Guardas visitantes acompanhando a Missa Conga no pátio da Capela de Santa Luzia, Ouro Preto, 17 nov. 2019.
(Foto: Bruna Reis)



Congadeiros do Manto Azul sentados no cruzeiro da Capela de Santa Luzia durante a Missa Conga, Ouro Preto, 17 nov. 2019.
(Foto: Bruna Reis)

A Missa Conga acabou perto das 17h e, depois disso, todos se reuniram em preparação para o encerramento da festa. Com a ajuda de algumas das *guardas*, descemos as bandeiras, cantando, tocando e dançando. Aos poucos, os congadeiros e moçambiqueiros visitantes foram embora nos veículos de transporte que já aguardavam no final da rua. Esses veículos que realizam a vinda e a ida das *guardas* são disponibilizados pelo governo municipal de suas cidades de origem, para que os grupos participem das festas que ocorrem ao longo do ano no Estado de Minas Gerais.



A *guarda* anfitriã e as *guardas* visitantes durante o descimento das bandeiras, sinalizando o fim da festa, Ouro Preto, 17 nov. 2019.
(Foto: Bruna Reis)

Seguimos as *guardas* em cortejo rumo à casa dos Reis Festivos para prestarmos nossas últimas deferências e cortesias aos santos homenageados e a todos envolvidos na organização da festa. Rezamos as orações de ave-maria, pai-nosso e salve-rainha, além de saudar os santos. No final das orações, tocamos e dançamos dentro da sala de visitas e, assim, encerramos a 5ª edição da Festa do Manto Azul.

2.3 – 10ª Festa do Reinado e 5ª Festa do Manto Azul: semelhanças e diferenças

Existe um nítido contraste entre as duas festas descritas até agora, considerando a programação de cada uma delas, o tamanho, a relevância local, os lugares de realização, o grau de participação da comunidade em cada uma das festas, e a contribuição de órgãos públicos e organizações privadas para que os eventos específicos de cada uma delas pudessem ser realizados. Os elementos rituais que compõem a Festa do Reinado e a Festa do Manto Azul ora se aproximaram, ora se distanciaram, revelando uma abordagem diferente aos mesmos rituais, a depender da *guarda* em questão e do contexto em que estão inseridos os rituais.

As duas festas têm a mesma matriz, ambas reivindicam um mito de origem atrelado ao passado da escravidão, que sustenta e legitima a existência das *guardas* organizadoras dos dois encontros de Congado. As duas *guardas* valorizam seu vínculo genealógico com antepassados escravizados, estabelecendo esse vínculo, afetivo e espiritual, por meio de suas respectivas festas. Assim, a realização das festas significa uma possibilidade de acesso direto à “ancestralidade escrava” ou “africana”, ambas igualmente prestigiadas. De maneira que a memória da escravidão depende de uma construção narrativa na atualidade, feita por sujeitos interessados nos processos históricos que originaram suas manifestações festivo-religiosas, isto é, a história dos africanos escravizados durante o passado colonial (CEZAR, 2015).

O enredo da Festa do Reinado baseia-se inteiramente em lugares onde a memória de Chico Rei se faz presente, como a Igreja de Santa Efigênia e a Mina do Chico Rei, reencenando os caminhos que ele teria percorrido junto daquele que se considera ter sido o primeiro cortejo de Congado de Minas Gerais. Contudo, o mesmo não se dá em relação à Festa do Manto Azul, que, apesar de sua associação com a ancestral Vovó Maria Conga, possui um enredo menos definido e restrito aos espaços onde seus organizadores conseguem realizar a festa, visto que eles não recebem nenhum apoio institucional para que ela aconteça. O ponto de encontro das *guardas* convidadas para a Festa do Manto Azul não ocorre em um templo religioso, e sim no estabelecimento comercial do Rei Festivo, o Bar do Milton. Já, os rituais da tradição congadeira que costumam envolver templos religiosos seculares ocorrem na Capela de Santa Luzia, no bairro Santa Cruz, uma capela que não foi construída no período colonial, contando menos de dez anos de existência e, por isso, alheia ao circuito turístico e patrimonial de Ouro Preto. Dessa forma, o Manto Azul criou seus próprios lugares de memória, desvinculados do patrimônio histórico da cidade.

Para entender essas dessemelhanças, cabe ressaltar, dentre outras variáveis, o diferente grau de proximidade desses grupos de Congado em relação às instituições políticas e científicas locais. Ao contrário de alguns dos integrantes do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, que ingressaram em cursos universitários e tiveram contato com a militância negra, a maior parte dos integrantes do Manto Azul não concluiu os estudos primário ou secundário, tampouco apresenta formação acadêmica. O que se reflete na inserção dos integrantes das *guardas* no espaço público de Ouro Preto, a ocorrer de formas distintas. A capitã Jussara se mantém muito restrita ao âmbito familiar e ao trabalho na Casa da Bênção, circulando mais pelo bairro Santa Cruz e menos pelos outros bairros da cidade – o mesmo acontece com sua família. Por outro lado, o capitão Kédison, do Moçambique de Santa Efigênia é frequentemente convidado para

eventos da intelectualidade local, como aquele em que ele e eu conversamos sobre o ritmo do Moçambique, na Mina do Chico Rei, entre outros organizados ao longo do ano. Kédison também é servidor público em um museu da cidade, além de psicólogo. Já, a capitã Kátia, do Congado de Santa Efigênia, pode ser identificada como uma figura pública em entrevistas concedidas com recorrência a canais de comunicação universitários, como a TV UFOP, inclusive, citadas nessa dissertação. Devido à maior familiaridade com o universo acadêmico e o envolvimento com a militância negra, os dois irmãos procuram reelaborar a memória da escravidão de Ouro Preto e, para isso, adentram a arena política das disputas pela patrimonialização, apropriando-se de símbolos caros à imagem da cidade-patrimônio, para adquirir, enfim, maior reconhecimento. Os congadeiros do Manto Azul, porém, não articulam discursos acadêmicos ou patrimonialistas para fundamentar sua *guarda*, pelo contrário, buscam autonomia por meio dos ensinamentos de Vovó Maria Conga, entidade de Preta Velha situada no universo religioso da Umbanda, que não atua na esfera pública ouro-pretana, muito menos na política, alcançando pouco reconhecimento para além da Casa de Oração.

Dessa forma, enquanto os organizadores da Festa do Reinado se apoiam no respaldo acadêmico de pesquisadores como Solange Palazzi, Sidnéia Santos, Deolinda Alice dos Santos e outros pesquisadores que gradativamente se interessam em estudar a festividade e contribuir com sua produção intelectual, o Manto Azul tem como referência comum, nesse sentido, apenas a historiadora Deolinda Alice dos Santos, a quem a capitã Jussara recorre para aprender mais sobre o Congado e a melhor forma de organizar os ornamentos e enredos característicos das festas.

Agora, no que se refere à preparação para as festas, em razão das limitações do evento celebrado pelo Manto Azul, seus organizadores começam a se preparar com menos tempo de antecedência do que os organizadores do Reinado, convidando algumas das *guardas* visitantes pelos grupos de conversa entre congadeiros no WhatsApp, enquanto confiam na presença das *guardas* cujas festas eles visitaram ao longo do ano, que seria garantida por meio do mecanismo de *pagamento de festa*. Ademais, são os organizadores da *guarda* Manto Azul que custeiam a decoração dos espaços festivos e dos objetos rituais, os uniformes e as refeições distribuídas durante o dia da Missa Conga. Com a carência de patrocínio, a programação da semana festiva torna-se, portanto, menos suntuosa se comparada com a programação da Festa do Reinado, que incluía palestras e um *show* na Casa da Ópera. Até mesmo os uniformes evidenciam o quão díspares são os orçamentos das festas em questão: os integrantes do Congado e Moçambique de Santa Efigênia usam vestimentas mais sofisticadas durante a cerimônia de levantamento das

bandeiras, que se diferenciam dos trajes usados no restante da semana – blusas, calças e saiotas rendados (todos brancos), chapéus ou adereços compostos por um conjunto de peças, guias coloridas e rosários de lágrimas-de-nossa-senhora, cajados ou espadas, distribuídos de acordo com o ritmo a que cada integrante se associa, seja o Congado ou o Moçambique. Os integrantes do Manto Azul, por sua vez, apesar das diversas mudanças de vestuário desde a sua fundação, usaram por muitos anos uma capa azul sobre o uniforme, substituída, posteriormente, por um traje inteiramente branco, usado durante o tempo em que acompanhei a guarda – na verdade, até o final da semana festiva da 5ª Festa do Manto Azul, quando trocamos o traje branco por um uniforme composto de camiseta azul e calça branca, poucos dias antes da vinda das *guardas* visitantes.

A quantidade de integrantes das *guardas* também diverge significativamente. Enquanto os membros do Congado e Moçambique somam de 15 a 20 em cada grupo rítmico, o Manto Azul apresenta um número bem mais reduzido e instável, comparecendo em alguns eventos com mais congadeiros do que em outras ocasiões. Por exemplo, quando estive com o Manto Azul, três crianças e, posteriormente, um adulto faltaram nos ensaios e no encontro de *guardas*. Isso se deu porque os pais de duas das crianças acharam que elas estavam se envolvendo demais com as “coisas de terreiro”, proibindo sua participação no Congado. Argumento que convenceu os pais da outra criança a também proibir seu filho de participar dos ensaios e das viagens com a *guarda*. Quanto ao integrante adulto, esse voltou tempos depois afirmando ser “católico” e, por esse motivo, decidiu se distanciar do Congado – referindo-se também à Casa da Bênção e à residência da família de Jussara. Ao que se pode concluir que o preconceito dos moradores do bairro que conhecem Jussara contra a religião de Umbanda, praticada por ela na Casa de Oração, faz com que o número de dançantes nos cortejos seja reduzido. As dificuldades e *provações* que Jussara diz enfrentar também se devem ao impacto do preconceito religioso na manutenção da *guarda*. A falta de comprometimento e, até mesmo, de pertencimento em relação ao Congado são preocupações constantes da capitã, que tem um compromisso firmado com Vovó Maria Conga para que a *guarda* se mantenha.

Outra desvantagem do Manto Azul se refere à quantidade de instrumentos musicais, tendo apenas cinco caixas até o Dia da Festa, e alguns xique-xiques. Considerando que esses instrumentos são imprescindíveis para a condução rítmica dos cortejos, eles podem ser equiparados aos objetos materiais de natureza ritual, como as bandeiras, os adornos de cabeça, os cajados, as espadas, as capas e as coroas, a falta ou pouca quantidade deles se torna um empecilho para a boa condução e desempenho do grupo. Em conversa com Tiane, filha da

capitã Jussara, existe uma vantagem do Congado e Moçambique de Santa Efigênia nesse sentido, uma vez que eles conseguem financiamento externo, garantindo caixas o bastante para a maioria de seus componentes, assim como demais instrumentos musicais. O financiamento feito por instituições públicas e privadas também beneficia essa *guarda* ao prover veículos de transporte para as viagens às outras festas que ocorrem ao longo do ano, tornando possível o reconhecimento do Congado e Moçambique na região. Garantia de transporte de que não dispõe o Congado Manto Azul, que se ausenta em muitos encontros por depender da arrecadação independente de dinheiro para pagar pelas viagens – o que resulta numa maior marginalização dos congadeiros do Manto Azul, menos destacados entre as *guardas* de Congado da cidade de Ouro Preto.

Em se tratando dos rituais religiosos, mais comparações podem ser feitas. Na Festa do Reinado, os objetos pessoais dos congadeiros e moçambiqueiros foram consagrados por um padre, na missa da lavagem da escadaria, com água benta e incensação. O mesmo acontecendo com os objetos da *guarda* Manto Azul que, no entanto, foram benzidos pela Vovó Maria Conga com banho de erva, orações e defumação, revelando a distinção dos vínculos religiosos de cada *guarda*. Ainda que existam componentes no interior do Congado e Moçambique de Santa Efigênia que se dizem pertencentes às religiões de matriz africana, o grupo em si tem seus principais momentos ritualísticos realizados no interior de templos religiosos católicos, pouco evidenciando os demais vínculos religiosos. Ao contrário do Manto Azul, que se vincula abertamente com a Umbanda, desde sua fundação até os rituais durante sua festa, dividindo esses momentos ritualísticos entre a Casa da Bênção, Bar do Milton e na Capela de Santa Luzia, sem a presença de representantes da religião católica. Vale lembrar que, durante as palestras da semana festiva da Festa do Reinado, uma “mãe de santo” foi apresentada como alguém que fortalece o caráter da *guarda* organizadora, enquanto, por outro lado, era um clérigo católico, a convite dos organizadores, quem ministrava a palestra em que ela foi apresentada. Essa divergência entre as *guardas* no que se refere às tradições religiosas tem impacto relevante na maneira como os grupos de Congado são legitimados no município de Ouro Preto, para angariar patrocínio público ou títulos patrimoniais.

Ainda assim, os objetos com as imagens dos santos católicos são centrais em ambas as festas e, para eles, são feitos pedidos, promessas e homenagens, uma vez que a celebração do Congado ocorre, principalmente, em louvor aos santos: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e, no caso do Manto Azul, Nossa Senhora Aparecida, a patrona da

guarda, e Santa Luzia, em homenagem à Capela de Santa Luzia, onde parte dos ritos festivos foram realizados. Esses santos são adorados quando figuram nas bandeiras – tanto aquelas de identificação da *guarda*, carregadas pela bandeirista, quanto as bandeiras levantadas em mastros – e também quando suas imagens em gesso são colocadas em andores ornamentados, carregados durante os cortejos. Na Festa do Manto Azul, os santos de gesso ainda receberam banho de ervas e pintura parcial com brilho, para ganhar ainda mais destaque na coroação do último dia do tríduo.

Pode-se dizer, ainda, que o reinado negro também é louvado nas festas congadeiras, sendo, hierarquicamente, formado por Rainha Perpétua, Reis Congos, Reis Festivos e, no caso da Festa do Reinado, Príncipes e Princesas. O reinado possui a função especial de representar o sagrado, carregando compromissos com o passado e o futuro das gerações do grupo, como enfatizou Vovó Maria Conga durante a coroação do seu reinado, lembrando a responsabilidade dos reis com o Congado, ao mesmo tempo em que conferiu às crianças da *guarda* o dever de ajudá-la com a coroação.

Seguindo com a análise das similaridades, na região de Minas Gerais onde acontecem as festas por mim observadas, as *guardas* têm em comum as mesmas denominações para seus integrantes, como os dançantes, a bandeirista e o capitão, cuja autoridade faz dele, diretamente, responsável pelo funcionamento e ordenamento de sua *guarda*, cargo que é transmitido de uma geração para outra através de uma rede de parentesco, como acontece com os capitães do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, cujos pais foram capitães de outros grupos congadeiros décadas atrás. Aliás, o Congado e o Moçambique são os ritmos que predominam nos encontros, e ambos fazem referências diretas ao passado da escravidão, seja pelas músicas, pelos mitos fundadores, instrumentos ou pelas gestualidades do corpo. Não por acaso, tanto no Congado de Santa Efigênia quanto no Congado Manto Azul tem-se uma maioria de crianças compondo o grupo, devido à associação desse ritmo com os jovens negros libertos, enquanto nas equipes de Moçambique, da *guarda* de Santa Efigênia ou de *guardas* visitantes, a maioria de adultos se deve ao fato de que esse ritmo representa o *sofrimento* da escravidão e os negros mais velhos, com forte referência aos Pretos Velhos da Umbanda – religião também aludida no uso de roupas brancas, nas guias de cores diversas e em algumas das músicas tocadas durante as festas, o que comprova o trânsito da tradição congadeira pelas tradições religiosas de matriz africana em ambas as *guardas* aqui estudadas.

Ambas as festas desenvolvem atividades rituais intensas que alteram a rotina dos bairros em que ocorrem: Padre Faria, Alto da Cruz e Santa Cruz, na região considerada como parte do

morro dos moradores, devido às atividades externas como o levantamento de mastros em frente ao lugar de referência religiosa para a *guarda*, rito de Alvorada, chegada de *guardas* visitantes, cortejos pelas vias públicas e cerimônia do descimento do mastro, que marca o fim do evento. Contudo, dentre essas atividades, o tríduo e a alvorada são um bom exemplo de como, apesar da coincidência de rituais, não se pode afirmar que eles se realizam igualmente. Nos dois primeiros dias do tríduo da Festa do Reinado, as missas foram celebradas na Capela Padre Faria, lotada de moradores dos bairros próximos, sendo ministradas pelo padre Alan, enquanto o último culto do tríduo foi conduzido pelo padre Luiz Carlos, na matriz de sua paróquia, a Igreja de Santa Efigênia. Esse padre também ministrou a Missa Conga da Festa do Manto Azul. Mas, no tríduo do Manto Azul, assim como na missa de abertura, não houve presença de um clérigo, no que esses cultos foram celebrados de forma improvisada pelo zelador da Capela de Santa Luzia, que transpareceu descaso pelo evento. No que se refere aos ritos da Alvorada, na Festa do Reinado, ele teve início às 5h, quando algumas *guardas* visitantes estavam chegando nas redondezas da Igreja de Santa Efigênia, para prestar suas homenagens aos santos antes do café da manhã e do cortejo até a Mina do Chico Rei. Já, a alvorada do Manto Azul começou por volta das 7h, mas as *guardas* visitantes chegaram a partir das 9h, em número pequeno, sendo o ponto de encontro delas o Bar do Milton, e não um templo religioso. Portanto, as *guardas* visitantes da Festa do Manto Azul não participaram do rito de alvorada, tampouco da segunda coroação do reinado, realizada assim que os congadeiros anfitriões terminaram seu desjejum. A própria coroação do reinado não ocorreu na Festa do Reinado de 2019, pelo menos não de forma aberta ao público, ocorrendo apenas a busca dele na Mina do Chico Rei no final do cortejo que saía do Bairro Padre Faria rumo ao Bairro Antônio Dias.

Em suma, os dois encontros de Congado apresentam traços distintos, principalmente, em termos de infraestrutura. Enquanto a Festa do Reinado recebe apoio de uma série de instituições, tem ampla divulgação midiática, conta com legitimação histórica acadêmica, além de ter conquistado o calendário turístico de Ouro Preto, a Festa do Manto Azul é realizada por um grupo menor, sem apoios institucionais e com pouco reconhecimento dentro da cidade. O que repercute no desnivelamento entre as duas festas em termos de quantidade de *guardas* visitantes, envolvimento dos moradores da cidade em sua organização, participação desses moradores nos eventos festivos, aparatos de segurança na hora dos cortejos, número de integrantes e instrumentos musicais nas *guardas*, recursos financeiros para uniformes e confecção dos objetos rituais, localização territorial dos eventos, associações religiosas e engajamento dos representantes do sagrado. Mas, por outro lado, a desigualdade nesses termos

todos também expressa a existência de projetos de *tradição* diferentes, que não necessariamente concorrem entre si, conforme atestam algumas das escolhas feitas pelas *guardas* organizadoras do Manto Azul e do Reinado, sobretudo, porque o Congado Manto Azul parece distanciar-se do Congado e Moçambique de Santa Efigênia, que poderia ser identificado como a sua *semente*. Antes de evocar uma suposta inferioridade, as características da Festa do Manto Azul se configuram mais como uma forma alternativa de manifestação congadeira.

CAPÍTULO III – Analisando o campo: outras festas de Congado e o *pagamento de festa*

É importante destacar que não é possível compreender a Festa do Reinado e a Festa do Manto Azul apenas através da descrição e do contraste entre elas, sendo necessário compreender o lugar de ambas as festas dentro de um contexto maior de festividades de Congado, que instaura dinâmicas coletivas que transcendem grupos específicos, tornando possível o entendimento dos motivos pelos quais uma *guarda* pode conquistar mais prestígio

que outras e o impacto do financiamento do poder público no bom desempenho das *guardas* no circuito congadeiro da região.

Ao longo dos capítulos anteriores, foram apresentadas as histórias de formação da Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia e da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. Busquei analisar seus mitos fundadores, vínculos religiosos e a forma como elaboram e realizam suas festas. A descrição das festas e a comparação entre ambas as *guardas* demonstram como cada grupo expressa suas crenças, tradições e seus rituais de maneiras específicas a partir de seus sentidos e projetos particulares. Suas diferenças apontam para a diversidade de manifestações de uma tradição como o Congado, não havendo uma forma única ou mais legítima de se realizar as festas que estão sujeitas a mudanças e adaptações em cada contexto. Assim como destacado por Liliana Porto (1998), a incorporação ou exclusão de práticas é uma escolha dos congadeiros, no sentido de adequar seu modo de vida com a festa, elaborando, através dela, sua história e seus lugares de memória.

As festas são, portanto, um espaço de construção e reconstrução de memórias e identidades, onde os protagonistas são os congadeiros, que nesses momentos ganham visibilidade e revivem seus mitos de origem por meio de um ritual que compreende canto e dança, reforçando seus laços enquanto grupo. Mas as festas de Congado não se restringem apenas às festas promovidas pelos grupos, em homenagem às suas *tradições* históricas, lugares de memórias e santos de devoção, ocorrendo também ao longo do ano sem vínculo direto com alguma *guarda*. Um exemplo disso é a Festa do Divino⁴³, organizada pela Prefeitura Municipal da cidade de Mariana, na qual participamos enquanto *guarda* visitante, sendo o cortejo das *guardas* de Congado uma parte da programação do evento. Para um maior esclarecimento, vou denominar no texto como “encontro de Congados” esse tipo de evento e “festas de Congado” as festas que são promovidas pelas *guardas* individualmente. Embora as festas de Congado sejam organizadas pelos próprios componentes dos grupos, a prefeitura da cidade-sede da *guarda* viabiliza esporadicamente uma verba para manutenção das vestimentas e instrumentos do grupo, além de disponibilizar veículos para locomoção destes em ocasiões de festas ou encontros. O tema da mobilização social entre o poder público e os congadeiros é recorrente nos estudos sobre Congado e apareceram em campo como um aspecto de tensão entre essas

⁴³ A Festa do Divino Espírito Santo, mais conhecida como Festa do Divino, é um festejo de rua ligado à data do Pentecostes, celebrado cinquenta dias depois da Páscoa. Entre os diversos objetos simbólicos da Festa do Divino, destaca-se a imagem de uma pomba branca envolta em uma coroa, onde são amarradas fitas com as promessas dos devotos, o que simboliza o Espírito Santo encarnado, ao qual a Festa é dedicada.

duas esferas, uma vez que ambos os grupos aqui estudados reclamam das medidas de fomento para manutenção adequada dessa manifestação festivo-religiosa. Se por um lado o Manto Azul enfatiza a predileção em fornecer subsídios para o Congado e Moçambique de Santa Efigênia, por outro, o segundo grupo enfatiza que ainda luta para reconhecimento enquanto patrimônio imaterial da cidade – conquistado no final do ano de 2019, posterior ao meu trabalho de campo - e tem o AMIREI (Associação Amigos do Reinado) como uma outra fonte de manutenção da *guarda*.

No entanto, como apontado anteriormente, os recursos financeiros escassos dificultam a locomoção de muitas *guardas* como o Manto Azul, que quando não consegue verba para o transporte, busca arrecadar dinheiro entre os componentes do grupo, para uma *van*. A burocracia também é outro fator que prejudica o acesso do grupo aos recursos públicos disponíveis para projetos culturais, gerando ainda mais tensão entre a *guarda* e o poder público municipal de Ouro Preto que, de acordo com Tiane, filha da capitã Jussara, também privilegia um grupo em detrimento do outro: “É pra prefeitura ajudar sim, mas eles só ajudam uma vez ou outra. Quase nunca, uma vez na vida e outra na morte. No nosso ponto de vista eles escolhem *guardas* pra ajudar... nós aqui mesmo, em 5 anos de *guarda*, conseguimos transporte só uma vez.” (informação verbal)⁴⁴. Para os líderes do Manto Azul, o Congado e Moçambique de Santa Efigênia seria o grupo que recebe tratamento especial da Prefeitura, tendo em vista a dimensão da festa que eles realizam e o fato de conseguirem transporte com mais frequência, o que ocasiona mais tensão entre as duas *guardas*. Lembrando que a grandiosidade de uma festa também está diretamente relacionada com a capacidade de angariar recursos financeiros, necessários não só para que uma *guarda* possa realizar viagens de visita a outras festas, mas para que ela consiga hospedar as *guardas* visitantes de sua própria festa. Quando as *guardas* conseguem arranjar um veículo de transporte, elas não precisam custear mais nada referente à viagem, uma vez que as refeições são parte dos rituais do Congado e são garantidas pelos anfitriões, assim como o alojamento, no caso da Festa do Reinado, pelo menos. Já, os demais gastos são inerentes à manutenção da *guarda*, como a compra ou o conserto de instrumentos, de vestimentas etc.

De volta para a elucidação da relevância dos encontros de Congados, cabe destacar sua importância enquanto um espaço de reunião onde se encontram *guardas* de várias localidades do Estado, sendo o momento oportuno para se estabelecer contatos e amizades ao longo do ano, ampliando a rede de compromissos do *pagamento de festa* e uma possibilidade de se

44 Conversa com Tiane. Ouro Preto, nov. 2019.

apresentarem para um público maior. As festas e os encontros de Congados, enfim, revelam o caráter comunitário dessa manifestação religiosa que celebra a união em louvor a Nossa Senhora do Rosário e demais santos do panteão congadeiro, ao mesmo tempo em que inspira o surgimento de novas *guardas* a partir do contato com outros grupos, favorecendo o conhecimento das distintas tradições performáticas de cada um.

3.1 – O pagamento de festa

As *guardas* de Congados estão em constante movimento entre uma festa e outra, caracterizando o Congado não apenas pelos cortejos e performances, mas também pela circulação em eventos regionais, que constituem um amplo espaço territorial de intensa sociabilidade. O reconhecimento das *guardas* articula esses dois aspectos característicos. Por isso, as ações rituais dos diferentes grupos congadeiros se organizam em um calendário de visitas entre si para que possam celebrar o Congado em conjunto, sustentando o que é chamado de *pagamento de festa*, um circuito social de reciprocidade que inclui tanto sair em viagens para festas de Congado de outras *guardas* quanto recebê-las em sua própria festa. Resumidamente, em um momento, uma *guarda* é anfitriã e em outro, é visitante.

Como forma de ilustrar o calendário que orienta o *pagamento de festas* de Ouro Preto e região, apresento a seguinte tabela com a organização das festas promovidas pelas *guardas* do município ouro-pretano:

Festa	Data	Organização	Localidade
Festa do Reinado.	2º domingo de janeiro.	Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia.	Ouro Preto – Igreja de Santa Efigênia no bairro Alto da Cruz, Capela Padre Faria no bairro Padre Faria, e Mina do Chico Rei no bairro Antônio Dias.
Festa de Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Miguel Burnier.	3º domingo de setembro.	Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier.	Distrito de Miguel Burnier – Igreja Sagrado Coração de Jesus.
Festa de Nossa	2º domingo de	Congado de Nossa	Distrito de Santo

Senhora do Rosário do Distrito de Santo Antônio do Salto.	outubro.	Senhora do Rosário e São Benedito.	Antônio do Salto – Capela de Santo Antônio.
Festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.	Novembro.	Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.	Ouro Preto – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e Igreja de Nossa Senhora de Lourdes no bairro Bauxita.
Festa do Manto Azul.	3º domingo de novembro.	Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito.	Ouro Preto – Capela de Santa Luzia no bairro Santa Cruz.

O *pagamento de festa* é um dos principais fatores que estruturam os vínculos estabelecidos entre os grupos da região e a falta não justificada da *guarda* convidada pode gerar o não comparecimento da anfitriã que a convidou, quando aquela realizar sua própria festa. Os convites podem ser feitos diretamente – via ligação telefônica, mensagem de texto nos grupos virtuais, correspondência impressa – ou indiretamente, por meio dessa lógica sutil do *pagamento de festa*. Visitar e ser visitado, receber e retribuir, honrar e ser honrado, coroar e ser coroado são ações que fazem parte de compromissos que só ganham sentido em conjunto e se assemelham ao princípio de retribuição da dádiva, conceitualizado por Marcel Mauss (2003), em que a dádiva, no caso do circuito de festas de Congado, seria a hospedagem, a alimentação e o respeito que, durante uma festa, a *guarda* anfitriã oferece a suas convidadas e, em contrapartida, recebe dessas mesmas convidadas quando o grupo anfitrião se torna visitante na festa daquelas *guardas* que ele hospedou. Nesse processo, as *guardas* que raramente se ausentam nas festas e recebem bem as outras em sua própria festa ganham legitimidade e prestígio, como é o caso do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia de Miguel

Burnier, comandado pelo Capitão Xisto, que se tornou referência nesse sistema por sempre comparecer em todas as festas e demais eventos que reúnem os congadeiros⁴⁵.

Indicando a importância dos encontros e do *pagamento de festas* no circuito congadeiro da região, Jussara, capitã do Congo Manto Azul, reiterou em diversos momentos que sair com o Congado é um compromisso com os santos de devoção da *guarda* e que esse compromisso deve ser encarado com seriedade, para que o sagrado possa retribuir aos componentes do grupo com proteção e atendimento de seus pedidos, evidenciando que a relação de troca, ou o *pagamento* de dádivas, também ocorre no âmbito que ela denomina enquanto *espiritual* e em sua relação com os santos, estabelecendo-se uma sociabilidade relacional entre sujeitos - santo e devoto - como apontado por Oscar Calavia Sáez (2009). Este autor destaca algo que em muito se relaciona com essa outra relação de troca importante para os congadeiros, sobre a proximidade dos santos e deuses, mundo material e *espiritual* e os meios pelos quais os devotos acessam as dádivas concedidas do outro lado. Os santos pouco falam sobre uma religião em específico – um exemplo disso é a diversidade de vínculos religiosos no interior dos Congados - e mais sobre atores focados na mediação e no alcance de determinadas graças.

A comunhão com os santos, o compromisso da devoção expressa nas saídas em cortejos com suas imagens hasteadas em bandeiras, carregadas nos andores, estampada nas vestimentas e objetos diversos dos congadeiros é o que pode garantir o atendimento de um pedido ou um bom desempenho do grupo. A *provação* se concentra em uma teia complexa de relação com o sagrado, sendo por vezes interpretada como algo que precisa ser revisto nessa relação de troca entre santo-devoto que, por sua vez, sente a cobrança a partir das dificuldades que surgem no caminho. Afim de elucidar mais desses momentos e da dinâmica dos encontros de Congados, apresento a seguir, as descrições etnográficas dos encontros que participei junto do Manto Azul enquanto integrante do grupo. Ambos os eventos foram promovidos pelos municípios das respectivas cidades, tendo o encontro de Congonhas o envolvimento da Guarda de Marujo Marinheiro Sereia do Mar em sua realização.

3.2 – Os encontros em Mariana

A participação ativa no Manto Azul foi fundamental para que eu me aproximasse mais dos integrantes da *guarda* e dos demais congadeiros, de modo que pude compreender as relações do Manto Azul com outras *guardas* e com esse sistema de encontros que acontecem

45 Em entrevista ao programa televisivo Minha Voz, Minha Vez, da TV UFOP, que tem o objetivo de dar visibilidade e reconhecimento aos moradores de Ouro Preto, o capitão da Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do distrito de Miguel Burnier, Antonio Xisto (2019), fala sobre sua trajetória de vida, sua fé e seu envolvimento com o Congado, além da importância de comparecer nas festas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kTic-qf-7Pg>. Acesso em: 14 dez. 2020.

ao longo do ano. O primeiro desses eventos que acompanhei foi realizado na cidade de Mariana, durante a Festa do Divino, em junho de 2019.

3.2.1 – Os preparativos de proteção

Alguns dias antes da viagem a Mariana, participei dos preparativos da *guarda* para o encontro, preparação que consistiu em confeccionar instrumentos para a performance das danças, como espadas de madeira, assim como a confecção de guias e a realização de ensaios com os integrantes do grupo. Boa parte do material que utilizamos foi disponibilizado por Deolinda dos Santos, historiadora e Rainha Perpétua do reinado da *guarda* de Santa Efigênia, que também ajuda o Manto Azul fornecendo ornamentos de festa e com seu conhecimento sobre as histórias e os rituais do Congado. A capitã Jussara e sua família sempre recorrem a ela para aperfeiçoar a parte ritual da performance de sua *guarda* e tudo que concerne sua materialidade estética, evidenciando mais uma vez que, embora a tradição do Congado seja necessariamente revista e atualizada, isso não ocorre de modo aleatório, uma vez que ambas as *guardas* analisadas nessa pesquisa procuram em alguma medida se orientar com pesquisadores do tema, que direcionam a atualização feita pelas *guardas* e a legitimação das leituras propostas por cada grupo.

Além dos preparativos materiais, também fomos orientados a nos preparar num nível *espiritual* com banhos de ervas prescritos por Vovó Maria Conga. O uso de um rosário ou guias também foi indicado para que nos protegêssemos de “energias ruins”, motivo pelo qual também usáramos roupa branca. Tais práticas de proteção indicadas aos congadeiros do Manto Azul evidenciam a competitividade que também estrutura a arena de encontros de Congados, como apontado no primeiro capítulo, em que abordei os conflitos retóricos entre as *guardas*, sendo mediadoras das *provações* do sagrado e das *intenções* vindas dos membros de outros grupos. Mesmo que uma *guarda* respeite a recriação de significados e narrativas de embasamento da outra, sempre existe a percepção e a convicção de que seu modo é o mais legítimo de se manter a tradição do Congado.

A competitividade entre elas faz com que muitas *guardas* se preocupem com seu asseio, sua elegância e sua pontualidade. Mas essa não é a única razão que justifica tais comportamentos, tratando-se também de uma demonstração de respeito e devoção aos santos da festa visitada. De qualquer maneira, como parte constituinte dos encontros de Congado, mais especificamente dos cortejos, a competição se apresenta nos *intensões* que podem ocorrer devido à iminência da “inveja” e disputas entre os grupos, somando-se às cobranças de ordem *espiritual* que, no caso do Manto Azul, estariam relacionadas ao compromisso de Jussara em manter a *guarda* a pedido de Vovó Maria Conga. Exemplos do fenômeno das *provações*:

quando os componentes da *guarda* perdem a voz durante o cortejo, sentem um cansaço fora do comum, ou desânimo, e perdem o ritmo das caixas; falhas todas que prejudicam a performance do grupo. Mas se esses são os efeitos das *provações*, os ataques aos desafetos podem se dar, por exemplo, através de *intenções*, como a de colocar seus nomes nas gungas do Moçambique, no intuito de “pisar” e “bater” neles enquanto os moçambiqueiros dançam, a fim de prejudicar os rivais nos cortejos. Os efeitos de um fenômeno em relação ao outro se confundem e se relacionam, revelando a batalha enfrentada por congadeiros nos cortejos, que lidam com a cobrança e a ameaça eminente do outro. Devido à possibilidade da ocorrência de tais ataques é que os banhos de ervas se fazem necessários, assim como as guias e os rosários, que atuam como práticas de proteção ou defesa dos indivíduos para que não “apanhem”. Dessa forma, “apanhar” durante um cortejo em festas de Congado pode atrapalhar o desempenho na dança, toques e cantos, ocasionando no enfraquecimento do grupo como um todo, sendo a fé do congadeiro colocada a prova nesse momento em que as orações e concentração no propósito do grupo são fundamentais para blindar tais ataques, somado aos objetos de proteção que amenizam essas tensões de fora.

3.2.2 – As viagens de Ouro Preto a Mariana

Para meu primeiro encontro em Mariana, conseguimos um veículo de transporte da Prefeitura de Ouro Preto e, assim, desembarcamos no início da tarde do sábado, 8 de junho do ano de 2019, no terminal turístico da cidade, onde esperamos até que todas as *guardas* visitantes chegassem para darmos início ao cortejo rumo à Praça Minas Gerais. Essa praça é um dos principais pontos turísticos de Mariana e abriga as igrejas de São Francisco de Assis e Nossa Senhora do Carmo, conhecidas como “igrejas gêmeas”, e o prédio da antiga Câmara de Casa e Cadeia, sendo o gramado em frente a esses locais onde aconteceria a apresentação individual de todos os grupos presentes na festa. Feitas as apresentações – momento em que cada grupo vai ao centro do espaço aberto para dançar, tocar e cantar de forma ritmada e coreografada – seguimos para o Museu da Câmara de Casa e Cadeia, onde foi servido o lanche no final da tarde que consistia em um sanduíche e refrigerante. Por fim, saímos para o último cortejo, com a bandeira do Divino Espírito Santo, até a Igreja da Confraria, localizada a poucos metros da praça, cortejo seguido do jantar concedido pela prefeitura e preparado pelas pessoas que se envolveram na organização da Festa do Divino de Mariana. Assim como nas festas das *guardas* de Ouro Preto, os momentos das refeições compartilhadas proporcionaram maior aproximação entre os participantes da festa e o pós-refeição foi marcado pelas homenagens a São Benedito. Como participei como dançante do Manto Azul, não pude levar celular e também não tinha

relógio para me orientar em relação aos horários exatos dos acontecimentos, percebendo o tempo de duração da festa a partir da ordem dos acontecimentos como os momentos de refeição.

Minha segunda viagem com o Manto Azul também foi para Mariana, no domingo dia 16 de junho de 2019, e, dessa vez, ninguém sabia exatamente qual era o evento, contando apenas com a informação de que teríamos transporte para um “encontro de Congados”. Notei, assim, que nem sempre a *guarda* sabe qual a finalidade do encontro, mas seus integrantes costumam aceitar o convite devido ao transporte oferecido e por ser essa uma oportunidade de fortalecer sua fé e confraternizar com outros grupos, convidando-os também para comparecer em suas festas e, com isso, podendo ganhar visibilidade no circuito congadeiro. Nessa ocasião, desembarcamos em Mariana por volta das 08h, tendo como ponto de encontro o Centro de Convenções da cidade. Fomos a terceira *guarda* a chegar no espaço e, imediatamente, direcionaram-nos para uma fila, onde receberíamos o café da manhã. Nesse processo, aguardamos até que as duas *guardas* que chegaram primeiro terminassem de tocar e cantar em homenagem às cozinheiras, e fizemos o mesmo na nossa vez. Enquanto comíamos no salão onde recebemos o café da manhã, outros grupos chegaram ali e muitos deles eu prontamente reconheci da Festa do Divino. Conforme os convidados entravam e se acomodavam, ficou perceptível para mim que algumas *guardas* são mais próximas umas das outras, sentando-se à mesa para comer juntas em todos os momentos de refeição compartilhados. Ainda durante as refeições, os integrantes do Manto Azul comentavam sobre o vestuário, os instrumentos e a sintonia afetiva dos demais grupos, demonstrando com essas observações a importância dos encontros para inspirar os presentes a aperfeiçoar seus próprios grupos de Congado. Depois que todas as *guardas* comeram e homenagearam as cozinheiras, os organizadores do evento – que identifiquei como funcionários da prefeitura e não congadeiros - nos informaram que seguiríamos em cortejo pelas ruas da cidade. Ao longo do cortejo, as *guardas* de Congado tomavam sempre a dianteira e, por último, seguiam os Moçambiques que guardam o reinado coroadado da festa.



Na dianteira da *guarda*, a bandeirista Maria; na guia, Rafaeli e Lalá; e a capitã Jussara atrás delas, com uma faixa branca nos cabelos, durante cortejo do Manto Azul em Mariana, no segundo encontro que visitamos nessa cidade. Mariana, 16 jun. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Guarda Manto Azul durante cortejo em Mariana, no segundo dos encontros visitados nessa cidade. Mariana, 16 jun. 2019.

(Foto: Bruna Reis)



Guarda Manto Azul durante cortejo em Mariana, 16 jun. 2019.

(Foto: Bruna Reis)

No meio do trajeto, passamos por uma pequena capela, e os organizadores do encontro, que seguiam o cortejo, indicaram a nós, do Manto Azul, que pegássemos o andor de São Sebastião no interior da igreja, gesto seguido por outras *guardas* que também foram orientadas a conduzir andores com imagens de outros santos que também seriam homenageados no encontro. Mais uma vez reitero que até esse momento, nenhum dos integrantes do Manto Azul, incluindo eu, sabiam o intuito do encontro nem os santos que seriam homenageados. Também não notei placas, faixas ou quaisquer informações escritas que sinalizassem o nome do evento e sua intenção. Os momentos de saída das *guardas* em cortejo é carregado de tensões e nervosismo pela cobrança de um bom desempenho do ritmo da dança, canto e toque dos instrumentos, além de muita concentração em termos de responsabilidade de se representar o sagrado para o grupo. Lembrando que é nesses momentos que ocorrem as “intenções” dos componentes das *guardas* em atingir seus desafetos, sendo um período de mais vulnerabilidade para os médiums que compõe a *guarda*. Por isso, cada congadeiro também deve estar atento aos demais colegas em caso de enfraquecimento durante o cortejo para que este consiga gerar o impulso de fortalecer e animar o grupo.

Depois disso de pegar o andor do santo, seguimos carregando-o no cortejo até um terreno aberto com um palco montado onde seria celebrada a Missa Conga. Com a falta de cadeiras e o sol quente, muitos integrantes dos grupos se dispersaram, principalmente, os mais jovens, que costumam acompanhar pouco dos ritos litúrgicos católicos, algo que já havia notado nas festas descritas nos capítulos anteriores. A missa teve duração de, aproximadamente, uma hora e, no final dela, seguimos em cortejo de volta para o Centro de Convenções. Nesse retorno,

notei que o ritmo do Congo Manto Azul estava mais lento e todos estávamos mais cansados, sem muito ânimo para cantar e, por termos uma maioria de crianças na *guarda*, ficou difícil manter todos em suas posições, com o mesmo entusiasmo da ida. A capitã Jussara pareceu sentir nosso cansaço e também não conseguiu continuar cantando por muito tempo, mas manteve o movimento da boca enquanto segurava o rosário de lágrimas-de-nossa-senhora, no que entendi que estava rezando. Posteriormente, ela afirmou que fez isso para prosseguir com o cortejo até o final do evento, enfatizando que esse momento de desconsolo tinha relação com a “inveja” dos outros grupos, e a *provação*, cobrança do sagrado.

Assim que chegamos no Centro de Convenções, serviram para nós o almoço e, depois disso, esperamos por horas pelas próximas orientações dos organizadores daquela festa. Sem direcionamento algum, agradecemos as cozinheiras e ainda acompanhamos uma coroação de Reis Festivos de uma das *guardas* presentes no Centro, prática comum de alguns grupos que usam os encontros, e não apenas sua festa, para a coroação do seu reinado ou troca dos Reis Festivos por outros. Fomos um dos últimos visitantes a ir embora e, por isso, antes de nossa partida, ajudamos uma das *guardas* presentes no evento a baixar as bandeiras que foram hasteadas em frente ao Centro de Convenções, sinalizando, assim, o fim do encontro. Para além da intensidade dos momentos de cortejo que acabam por nos deixar concentrados naqueles instantes em específico, cabe destacar as dificuldades do Manto Azul em socializar com as demais *guardas* presentes no encontro e até mesmo em questionar os representantes da organização do evento sobre o que se tratava exatamente a festa. Nos momentos de refeição, a capitã Jussara e suas filhas expressaram desconforto em ficar no mesmo ambiente que as demais *guardas* pelo constrangimento de comer na frente de outras pessoas e por se sentirem constantemente observadas pelos membros do Congado e Moçambique de Santa Efigênia. O pertencimento à Umbanda também parece ser um dos motivos que as fazem se manter mais distantes, afim de evitar olhares de julgamento, uma vez que afirmam que muitos sabem que não são católicos, mas “espíritas”. Sem dúvida esse posicionamento mais distante também colabora para a dificuldade de inserção bem sucedida no *pagamento de festa*, uma vez que se limitam a estender convites para a festa do Manto Azul.

3.3 – O encontro em Congonhas

A terceira viagem que fiz com o Manto Azul foi para a cidade de Congonhas, no dia 30 de junho de 2019, para celebrar o XIVº Encontro de Congado realizado pela Guarda de Marujo Marinheiro Sereia do Mar com apoio da Prefeitura Municipal de Congonhas. De acordo com o folheto de divulgação da festa, o encontro seria dedicado “Em homenagem ao som dos tambores mineiros” e, logo embaixo dessa declaração, constava a seguinte frase: “A memória de um povo

está na preservação da história”⁴⁶. Chegamos em Congonhas por volta das 08h, desembarcando no bairro onde aconteceriam as festividades, uma região simples e fora da área central da cidade. Os organizadores colocaram um palco em um pequeno largo público e, a poucos metros dali, estava a capela do bairro. A capela foi construída em uma esquina e, assim que chegamos no largo, entramos rapidamente para prestar homenagens aos santos do altar. Muitas *guardas* estavam presentes no encontro, cerca de 10 a 15, quantidade aproximada dos encontros na cidade de Mariana.

Conforme prestávamos nossas homenagens, ficamos do lado de fora do templo, na rua, aguardando instruções dos organizadores, que só depois de algumas horas nos chamaram para tomar o café da manhã, servido em um espaço para eventos não muito longe da capela. Assim que todos se alimentaram e agradeceram pela refeição, saímos em cortejo num trajeto curto, de uma quadra, pelas ruas do bairro. Em seguida, formamos uma fila para aguardar a nossa vez de nos apresentar na rua em frente ao palco. De modo semelhante às apresentações de Mariana, cada *guarda* tinha seu momento de apresentação e conforme iam se apresentando o próximo grupo da fila seguia para fazer o mesmo. Conforme concluíam sua performance, os congadeiros se sentavam nas calçadas afim de observar as apresentações ou se juntavam aos que se dispersavam pelas ruas enquanto aguardavam seu momento para apresentar, indo para alguns bares próximos ou simplesmente conversando entre si. Nisso, pude perceber que o encontro também movimentou o comércio da região, representado pelos vendedores ambulantes que apareceram com objetos do Congado, como quepes, espadas, rosários, apitos, espelhos e arranjos diversos, sendo esse o primeiro encontro de Congados em que presenciei esse fenômeno comercial. Integrantes do Manto Azul aproveitaram para comprar alguns desses itens ali mesmo, como os quepes para a capitã Jussara e suas filhas. Além disso, um tambor seria sorteado pela *guarda* responsável pela realização do encontro, agitando ainda mais o interesse e o ânimo de todos os presentes e revelando essa faceta mercadológica dos encontros de Congados.

Nesse evento, estávamos com apenas três caixas, porque as demais furaram pelo tempo de uso, algo que não atrapalhou a *guarda* durante o cortejo, mas que nos prejudicou na hora da apresentação individual, devido à importância desse momento para o reconhecimento do grupo perante os demais. Diante dessa situação, os integrantes da *guarda* do Capitão Xisto nos

46 Organizado pela Comunidade Santa Luzia e realizada no Bairro Residencial, a festa teve início no dia anterior com “Celebração da santa missa e em seguida hasteamento das bandeiras” às 19h30min e obedeceu à seguinte programação: 04h30min – Alvorada pelas ruas do bairro; 08h – recepção dos ternos visitantes; 09h – apresentação individual dos ternos; 14h30min – procissão percorrendo as ruas do bairro; 16h – celebração da Santa Missa pelo Padre Eduardo e, em seguida, descimento das bandeiras ao som dos tambores.

ajudaram espontaneamente, cedendo dois de seus tocadores de caixas, que entraram no nosso grupo, aumentando a quantidade de instrumentos e garantindo a correta execução do ritmo que torna possível a realização das danças e dos cantos que compõem toda a performance. Ao final das apresentações, os capitães ganhavam um pequeno troféu com elementos do universo congadeiro, como a saudação “Salve Maria!” gravada no objeto. Depois disso, foi servido o almoço com certo atraso e, em seguida, voltamos para as mediações do palco a fim de acompanhar a Missa Conga, realizada por um padre que ministrou o culto em cima deste. Terminada a missa, já no final da tarde, muitos grupos foram embora, e, mais uma vez, o Manto Azul permaneceu até o final do encontro para ajudar no descimento das bandeiras.

3.4 – As tensões do *pagamento de festa*

Com base nessas descrições etnográficas, pode-se constatar que os encontros de Congados muitas vezes carecem de estrutura física para comportar todas as *guardas* visitantes, assim como não estão organizados suficientemente para transmitir na integralidade as informações sobre a programação dos eventos, o que pode ocasionar em um desconhecimento da parte da *guarda* convidada, como foi o caso do Manto Azul, que não conseguiu identificar a finalidade do segundo encontro visitado na cidade de Mariana. Ainda assim, acompanhando esse grupo ouro-pretano de perto, notei que a posse de informações exatas não é uma prioridade para a *guarda*, que encara esses encontros não só como uma possibilidade de conhecer outros grupos, mas como um meio de cumprir o compromisso formal com o sagrado, além de marcar presença, ser visto e reconhecido como uma *guarda* que também pertence a cidade de Ouro Preto. Nesse sentido, o processo de estabelecer relações não implica apenas a interação verbal nos momentos de encontro, mas demarcar sua existência no circuito congadeiro da região, podendo ser lembrado por uma *guarda* em outras circunstâncias, como nas interações em grupos das redes sociais, outro meio pelo qual podem ser enviados convites para sua festa.

Os encontros seriam, antes de mais nada, uma oportunidade de louvar sua fé nos santos e ancestrais, fortalecendo sua identidade congadeira a partir de uma vivência conjunta dos Congados e seus ritmos variados, que se renova a cada cumprimento de “Salve Maria!” trocado com seus pares. E essa existência conjunta, enfim, se estende e ganha sentido por meio da dinâmica de reciprocidade do *pagamento de festa*, cuja ruptura não-justificada pode ser decisiva para o surgimento de tensões, divergências e agressões simbólicas, expressas por meio das *intenções* entre os grupos que também permanecem nesses momentos.

Observando os encontros, também pude perceber que os objetos materiais são fundamentais para o enfrentamento dos Congados durante os cortejos, não só no âmbito mundano, como no *espiritual*, como objetos de proteção, o que evidencia a existência

consciente das tensões que permeiam os encontros e festas de Congado. É também por meio dos objetos que as *intenções* ocorrem, a exemplo das gungas que são utilizadas para guardar nome de desafetos afim de prejudica-los durante a dança. Cabe destacar, porém, que as tensões inerentes aos encontros de Congados podem ser facilmente resolvidas ou amenizadas dentro do contexto da festa, por meio do cumprimento das bandeiras entre as *guardas*, por exemplo, sinalizando o respeito de uma pela outra. Além da ajuda mútua expressa em momentos tais como aquele em que o Manto Azul foi socorrido por outra *guarda* de Congado ouro-pretana, no encontro em Congonhas, demonstrando que o mal desempenho de um grupo não é algo rigorosamente apreciado ou esperado por todos os outros. Nesse processo, a materialidade do Congado merece atenção especial em pesquisas futuras, uma vez que seus objetos tem o poder de ação, proteção e reparação, sendo parte fundamental desse universo.

Por fim, as formas de ação diante dos conflitos podem caracterizar aquilo que Jésus Florentino, folião veterano de Ouro Preto, denomina enquanto *maldade*, uma referência aos saberes dos capitães mais antigos, que se mantêm presente em *guardas* como o Manto Azul, que, com base nos aconselhamentos de Vovó Maria Conga, garante autonomamente sua defesa, ou cura, diante de situações adversas, por meio do uso das ervas que interagem com o sagrado, a *maldade*, além das práticas de proteção diversas que inclui o benzimento dos objetos do reinado e dos demais integrantes da *guarda*, incluindo também os santos e bandeiras.

3.5 – Grupos virtuais e pandemia

Ainda no encontro de Congonhas, Andyaria, Rainha Conga do Manto Azul, contou-me que uma forma de interação e aproximação entre os integrantes das *guardas* ocorre por meio de envolvimento afetivos, principalmente, entre os mais jovens, que interagem em grupos de redes sociais diversas e do WhatsApp específicos para essa finalidade. O relacionamento amoroso entre congadeiros de *guardas* diferentes é algo comum e não há restrições explícitas quanto a isso, sendo outro aspecto interessante da sociabilidade congadeira, especialmente entre as novas gerações. Para além desses grupos, existem outros de interação regular, como o intitulado “Irmãos do Rosário” e o “Legião Negros do Rosário”, nos quais estou presente como membro. Mas, diante da pandemia do novo coronavírus, causador da COVID-19, o uso desses grupos se intensificou e se tornou um dos principais meios de comunicação entre os congadeiros, que tiveram que interromper as viagens e o sistema de *pagamento de festa* que ocorrem ao longo do ano.

Para entrar nesses grupos de conversa virtuais, é necessário informar o nome próprio e o nome da *guarda* de pertencimento. Em mais de um ano participando daqueles dois grupos, percebi que a interação mais frequente ocorre por meio do compartilhamento de registros

fotográficos das *guardas* em encontros e festas, notícias diversas, orações, e por meio da saudação congadeira “Salve Maria!”, enviada todos os dias como um cumprimento aos participantes do grupo. Assim, pensando não só no circuito de encontros presenciais como meu objeto de estudo, mas na rede de relações virtuais que se tornou fundamental nesse momento de pandemia, busquei coletar algumas informações das trocas de mensagens mais recentes e mais duradouras dos grupos de WhatsApp, que incluíam filmagens de algumas festas de Congado, que voltaram a ocorrer principalmente no segundo semestre de 2020, mesmo sem a presença de *guardas* visitantes.


Algumas datas que merecem destaque se referem às celebrações do Dia de São Benedito (05/10) e do Dia de Nossa Senhora do Rosário (07/10), que compõem o Mês do Rosário. Essas duas datas festivas movimentaram bastante os grupos “Irmãos do Rosário” e “Legião Negros do Rosário” no WhatsApp, com textos escritos pelos próprios integrantes desses grupos de WhatsApp sobre as datas, junto de matérias de sites sobre a instituição do dia dos respectivos santos, além de vídeos das festas que voltaram a ocorrer em sua homenagem. Também é comum que os congadeiros mandem áudios com músicas do Congado no decorrer dos dias. Alguns conflitos também surgem nesses espaços virtuais, como quando alguém critica algum vídeo compartilhado por outra pessoa, o que ocorreu no Dia de Nossa Senhora do Rosário, quando integrantes de uma *guarda* apareceram em vídeo sem as vestimentas adequadas para sair com o Congado. O fato de aparecerem sem camisa, tocando as caixas e entoando cânticos  congadeiros ofendeu alguns membros do grupo “Irmãos do Rosário” e fomentou um debate sobre o que seria considerado *falta de respeito* frente às tradições ritualísticas do Congado e o que seria *julgamento e discriminação* dentro desse universo de práticas culturais, revelando que as divergências quanto a forma adequada de se fazer o Congado vai além do embate com as gerações mais novas, uma vez que os principais debatedores – dos que postaram os vídeos aos que teceram críticas - de tal discussão, pareciam ser congadeiros mais velhos e experientes.



Foto do reinado do Moçambique de Santa Efigênia na Festa de Santa Efigênia, publicada no perfil do grupo no Facebook. Ouro Preto, 20 set. 2020.

Diante das novas circunstâncias e mesmo com limitações, os grupos virtuais e páginas em redes sociais têm permitido a manutenção dos laços e do contato entre os congadeiros – das *guardas* estudadas ao longo da presente pesquisa, porém, apenas o Moçambique de Santa Efigênia possui um perfil ativo no Facebook e outro no Instagram, onde publicam fotos como essa inserida acima. É por eles que continuam compartilhando sua fé comum, suas fotos e vídeos dos grupos. No dia 21 de setembro, antes do Mês do Rosário, foi celebrado o Dia de Santa Efigênia, e o Congado e Moçambique de Santa Efigênia não deixou de comparecer em frente à igreja matriz dedicada a essa santa para uma homenagem que respeitou o distanciamento social e o uso de máscaras. A Festa do Manto Azul também ocorreu em 2020 com a mesma sequência ritualística do ano anterior, mas sem a presença das *guardas* visitantes, tendo sido gravada por amigos do grupo anfitrião, ainda que sem transmissão ao vivo. Uma das festas mais aguardadas na região de Ouro Preto, realizada pelo Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier, do distrito homônimo e liderada pelo capitão Antonio Xisto, foi transmitida ao vivo para que as demais *guardas* pudessem acompanhar o festejo mesmo com os protocolos de distanciamento em vigor. A Festa do Reinado, por sua vez, não foi comprometida em 2020, uma vez que sua realização se deu antes do início do surto pandêmico, mas teve que se adequar às medidas de distanciamento social em 2021, com público reduzido e programação completa disponível no canal de YouTube “Amigos do Reinado”, mantido pelos integrantes do Congado e Moçambique de Santa Efigênia. Por fim, o Reinado

também não pôde contar com a presença de nenhuma *guarda* visitante para o último dia festivo, que ocorreu no dia 10 de janeiro, mas contou com a presença de algumas poucas pessoas de fora, tendo sido realizada uma missa de encerramento da festividade na Capela Padre Faria, seguida do descimento das bandeiras em homenagem aos santos homenageados, no adro da capela.



Foto das homenagens prestadas pelos integrantes do Congado e Moçambique de Santa Efigênia no adro da Capela Padre Faria antes do descimento das bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, sinalizando o fim da Festa do Reinado de 2021.

Ouro Preto, 10 de jan. de 2021

(Foto: Bruna Reis)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo para as conclusões alcançadas com a pesquisa, cabe um aprofundamento final sobre os principais pontos abordados ao longo da dissertação. Por meio do recurso metodológico da observação participante, procurei realizar um trabalho de campo mais extenso para que fosse possível conviver com os atores sociais da pesquisa em seus contextos culturais, identificando suas formas de atribuição de sentidos em relação à manifestação festivo-religiosa do Congado. Para isso, parti de uma festa mais conhecida na cidade de Ouro Preto, a Festa do Reinado, organizada pela Guarda de Congado e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, para a festa da Guarda de Congo Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida e São Benedito, grupo mais recente e menos conhecido, observando suas distintas formas de organização das festividades, suas vestimentas, seu vocabulário, seus símbolos e seus vínculos religiosos. Afim de compreender os motivos pelos quais um grupo alcança mais reconhecimento do que outro em uma mesma cidade, procurei identificar elementos que legitimam ou deslegitimam uma guarda de Congado na região estudada de acordo com as narrativas dos integrantes dos grupos, sendo o jogo da patrimonialização e suas narrativas históricas, bem como os simbolismos acionados pelos mitos fundadores das respectivas guardas, aspectos que contribuem para chamar atenção do poder público, tornando possível a conquista de verba e visibilidade no jogo turístico.

Enquanto uma cidade histórica que tem o turismo como um dos principais motores para economia, a materialidade histórica presente na cidade é muito valorizada, por isso, a manifestação imaterial do Congado ganha reconhecimento na medida em que encontra correspondência nesse contexto. É o caso da Festa do Reinado, que tem uma narrativa de embasamento atrelada a História Oficial de Ouro Preto e seus templos religiosos, vinculando-se também a um personagem histórico conhecido no *morro dos turistas*. Com todos esses elementos e o envolvimento crescente do meio acadêmico na consolidação da festa, a Guarda de Congado e Moçambique de Santa Efigênia gradativamente conquista o reconhecimento em todas as esferas das relações sociais da cidade e, sobretudo, no circuito congadeiro da região, na medida em que consegue comparecer nos eventos ao longo do ano e com êxito nas performances, mantendo viva uma tradição iniciada por um antepassado que foi escravizado, narrativa tão recorrente para os Congados. Ainda que não se vincule aos aspectos materiais do passado colonial presentes na cidade, o Manto Azul se fundamenta menos nas narrativas históricas e mais nos fundamentos religiosos inerentes ao Congado e no passado em constante adaptação e atuação na contemporaneidade com a figura de Vovó Maria Conga.

Dessa forma, considerando apenas as duas *guardas* estudadas, temos dois modelos de Congado presentes na cidade de Ouro Preto que apresentam uma dupla perspectiva do passado. O primeiro que busca uma revisão e inserção na História Oficial, representado por Chico Rei, negro bem sucedido no sistema colonial e símbolo de afirmação positiva das identidades negras dos integrantes do grupo e um segundo modelo que seguindo um caminho menos visível busca o poder de autonomia do negro, além da cura pelo universo não católico. Ainda que Vovó Maria Conga carregue em sua história o sofrimento da escravidão, conquista poder nos espaços contemporâneos compartilhando seus conhecimentos da *maldade*, do poder das ervas e sua importância nas festas e encontros de Congados. Se, por um lado, o Manto Azul não tem o mesmo reconhecimento e legitimação na cidade de Ouro Preto, busca se inserir no circuito amplo de Congados da região, mesmo com dificuldades de verba, instrumentos e vestimentas, garantindo autonomia no que tange às práticas rituais internas dos grupos congadeiros, que se estruturam a partir de certas dinâmicas sociais que incluem sua relação com o sagrado e seu poder de fortalecer ou enfraquecer seus componentes.

Como vimos no decorrer do texto, a legitimidade de uma *guarda* de Congado se estende do município que representa, para o interior da rede de sociabilidade e troca entre os grupos, sendo fundamental que se mantenham em movimento, frequentando as festas das demais *guardas* da região e encontros que acontecem ao longo do ano para que estabeleçam uma rede de contatos e façam convites para que prestigiem suas próprias festas. Lembrando que uma rede de contatos e sociabilidade não precisa ocorrer necessariamente por comunicação direta, sendo o compromisso de marcar presença uma forma de ser reconhecido pelos demais. São esses momentos que fortalecem o *pagamento de festa*, a possibilidade de estender convites. Já esta relação de troca entre as *guardas* demonstra que os lugares rituais do Congado não se restringem a espaços limitados materialmente, sendo os constantes deslocamentos espaciais um elemento que estruturam relações, indo além dos modelos coloniais que as fundaram.

Com os impactos da pandemia de COVID-19 na dinâmica do *pagamento de festa* e da cultura viajante do Congado da região de Ouro Preto, é importante que as pesquisas posteriores não só busquem se aprofundar nessa rede de troca, como identifiquem as mudanças e permanências em seu interior e como esse processo pode reverberar nas relações entre congadeiros e Congados. Por fim, ser bem sucedido na rede de trocas, se manter presente nos encontros com um bom desempenho performático e ter reconhecimento na cidade em que está vinculado, são elementos fundamentais no universo congadeiro da região pesquisada.

Outro aspecto que merece destaque e aprofundamento é a noção da *semente*, ou seja, a importância do reconhecimento de que um grupo surge a partir de um outro, sendo este um outro fator importante para o respeito e uma boa relação entre congadeiros e *guardas*, tendo em vista que esta se configura enquanto uma norma que, se não respeitada, pode ocasionar rupturas e tensões que potencializam as dinâmicas de competitividade. Ainda que diante desses elementos de tensão a que estão submetidos, na luta por reconhecimento na cidade e no circuito congadeiro, os Congados de Ouro Preto contribuem significativamente para o fortalecimento de novas narrativas sobre a presença e a cultura negra na cidade, recriando as narrativas de poder e colocando o *morro dos moradores* em evidência, além de enfrentar o racismo religioso, a falta de verbas e o preconceito contra essa manifestação festivo-religiosa. Suas diferenças apontam principalmente para a diversidade de manifestações de uma tradição como o Congado, não existindo uma forma única ou mais legítima de se realizar as festas que estão sujeitas a mudanças e adaptações ao longo do tempo e de acordo com o contexto em que surgem.

REFERÊNCIAS

Sites:

TV UFOP. *Congadeiros*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zcQf10mFZxo>. Acesso em: 17 dez. 2020.

DIÁRIO DE OURO PRETO. *Entre o Desenvolvimento Econômico e a Precariedade Social: Moradores Reivindicam Melhoria em Miguel Burnier*. 2019. Disponível em: <https://www.diariodeouropreto.com.br/entre-o-desenvolvimento-economico-e-a-precariedade-social-moradores-reivindicam-melhorias-em-miguel-burnier/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

OLIVEIRA, T. W. *Ouro Preto Part 5 Poética do artista- Valorizando a Arte local*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jF7YsnqoNII>. Acesso em: 17 dez. 2020.

PIMENTEL, T. Bandeira de reinado forjada a ferro há 200 anos é encontrada em capela de Ouro Preto. *G1 Minas*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/06/bandeira-de-reinado-forjada-a-ferro-ha-200-anos-e-encontrada-em-capela-de-ouro-preto.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CASA de cultura negra será reaberta em Ouro Preto. *Top Notícias*. Ouro Preto: TV Top Cultura, 2018. Programa de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SOhTAmIcroY>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CRÔNICAS MACAENSES. *Ouro Preto: Igreja de Santa Efigênia ou N. S. do Rosário, e a Lenda de Chico Rei*. 2012. Disponível em: <https://cronicasmacaenses.com/2012/09/22/ouro-preto-igreja-de-santa-efigenia-ou-n-s-do-rosario-e-a-lenda-de-chico-rei/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/amostra-caracteristicas-gerais-da-populacao-religiao-e-deficiencia> Acesso em: 17/12/2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio Imaterial*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 17 dez. 2020a.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio Material*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 17 dez. 2020b.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Ouro Preto (MG)*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>. Acesso em: 17 dez. 2020c.

KAFURI, N. Patrimônio perverso: como Ouro Preto segrega sua cidade real. *Caos Planejado*. 2017. Disponível em: <https://caosplanejado.com/patrimonio-perverso-ouro-preto/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

OURO Preto: seus Distritos. *Guia Cachoeira do Campo (MG)*. Disponível em: <https://guiacachoeiradocampo.com.br/distritos/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

EDUARDO Evangelista – Mina Du Veloso. *Nosso Patrimônio*. Ouro Preto: TV UFOP, 2018. Programa de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhIQlplCrqI>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CAPITÃO Xisto. *Minha Voz, Minha Vez*. Ouro Preto: TV UFOP, 2019. Programa de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kTic-qf-7Pg>. Acesso em: 17 dez. 2020.

WERNECK, G. Festejos do Reinado em Ouro Preto destacam resiliência negra. *O Estado de Minas*. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/14/interna_gerais,1021145/festejos-do-reinado-em-ouro-preto-destacam-resiliencia-negra.shtml. Acesso em: 17 dez. 2020.

TAVARES, G.; COELHO, N. Em janeiro, Ouro Preto celebra a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. *Turismo Ouro Preto*. 2020. Disponível em: https://www.turismo.ouropreto.mg.gov.br/noticia/1470?fbclid=IwAR06TsSLwWK3bbvkKR3JDzX6D_9QCSb3H496Hu9OAboV6wDTCeEtBNOWpI. Acesso em: 17 dez. 2020.

MARTINS, Tarcísio José. Chico Rei, nem História e nem Lenda: é só uma Nota de Rodapé. *MG QUILOMBO – O Quilombo Minas Gerais*. Disponível em: <https://www.mgquilombo.com.br/artigos/pesquisas-escolares/chico-rei-nem-historia-e-nem-lenda-e-so-uma-nota-de-rodape/> Acesso em: 17/12/2020.

Bibliografia:

ABADIA, L. *A identidade e o património negro no Brasil*. 106 ff. Dissertação (Mestrado em Ciências da Cultura) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

ABREU, M. Outras histórias de Pai João: conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950. *Afro-Ásia*, Salvador, nº 31, p. 235-276, 2004.

BITTER, D. *A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Rio de Janeiro: Editora?, 2010.

- BRAYNER, N. G.** *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 3ª Ed. Brasília, DF: IPHAN, 2012.
- BRASILEIRO, J.** *O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955-2011)*. 192 ff. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- CABRAL, H. B. da S.** *Ouro Preto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.
- CEZAR, L. S.** A santa, o mar e o navio: congada e memórias da escravidão no Brasil. *Revista de Antropologia* (USP. Impresso), v. 58, p. 363-396, 2015.
- CONCEIÇÃO, N. N. da.** *Religiosidade em Ouro Preto no século XVIII: os signos africanos na igreja de Santa Ifigênia. Entre a norma e o conflito: espaços de negociação*. 90 ff. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GOMES, L. M. da S.** *Irmandades negras: educação, música e resistência nas Minas Gerais do século XVIII*. 135 ff. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2010.
- LIMA, M. F.** Espelhos Patrimoniais em Ouro Preto: museus e passado afro-brasileiro. *TOMO*, Nº 16 jan./jun. 2010. São Cristóvão-SE, 2010.
- MACHADO, R. P.** *Os processos de (re)estruturação do tecido urbano de Vila Rica: a influência da igreja católica*. 256 ff. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- MAUSS, M.** *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- OLIVEIRA, L.** Da igreja ao campo santo: o nascimento dos cemitérios e o monopólio da morte no Brasil do século XIX. *In: Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias*.
- PAES, Maria Tereza Duarte.** Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais – Um olhar geográfico. *In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária – diversidade de olhares e experiências brasileiras*. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: letra e imagem, 2009, v. 1.
- PORTELLI, A.** História Oral e Poder. *Mnemosine*, vol. 6, nº 2, pp. 2-13, 2010.
- PORTELLI, A.** O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, nº 14, São Paulo, fevereiro/1997.
- PORTELLI, A.** *The death of Luigi Trastulli, and other stories: form and meaning in oral history*. New York City: State University of New York, 1991.

- PORTO, L.** *A ameaça do outro: Magia e Religiosidade no Vale do Jequitinhonha (MG)*. São Paulo: Attar Editorial, 2007.
- PRIORE, M. D.** *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- QUEIROZ, L. M.; FARIA, M. C.** A Festa de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, o Congado e a economia do turismo em Ouro Preto.
- REZENDE, L. L.** *Força Africana, Força Divina: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos Pretos-Velhos*. 180 ff. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.
- SÁEZ, Oscar Calavia.** O que os santos podem fazer pela antropologia? In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, V. 29. P. 198-219, 2009.
- SALLES, F. T.** *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Belo Horizonte: Copyright by Estudos, 1963.
- SANTOS, A. M. dos.** *O grande Anganga Muquixe Chico Rei: a presença do mito negro no Reinado do Alto da Cruz e nas escolas de Ouro Preto – MG*. 217 ff. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.
- SANTOS, D. A. dos.** *Festejos tradicionais mineiros: Registros de fé e do Folclore*. Local de publicação?: Empresa das Artes, 2011.
- SARACENI, R.** *As sete linhas de Umbanda: A religião dos mistérios*. 6ª ed. São Paulo: Madras, 2014.
- SILVA, F. S.** *O congado na experiência escolar da APAE de Ouro Preto: um estudo de caso sobre a cultura congadeira no contexto da educação especial*. 167 ff. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- SOUZA, A. A.** *Os devotos de mercês dos perdões: o jogo de identidades e a liberdade civil, Minas Gerais, 1750-1847*. 227 ff. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- SOUZA, M D de.** “Escrava Anastácia e pretos-velhos: a rebelião silenciosa da memória popular”. In: SILVA, V. G. da (org.). *Imaginário, Cotidiano e Poder*. Memória afro-brasileira. Local de publicação?: Editora?. 2007.
- SOUSA, P. P. A. de.** “As festas de coroação de reis negros como culturas viajantes: trajetórias espaço-temporais do congado do Alto da Cruz, Ouro Preto – MG”. In: *Anais do XIII ENANPEGE*, São Paulo, set. 2019.

STUMPF, R. Minas contada em números – A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821). *R. bras. Est. Pop.*, Belo Horizonte, v. 34, n. 3, p. 529-548, set./dez. 2017.

XAVIER, A. L. *Tesouros e lendas de Ouro Preto*. Ouro Preto: Rona Editora, 2007.